

O CLUBE DAS DESAPAIXONADAS

COM EXTRAS

NÃO EXISTE CARA CERTO
APROVEITE O ERRADO MESMO



MARIANA MELLO SGAMBATO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O CLUBE DAS DESAPAIXONADAS & EXTRAS

MARIANA MELLO SGAMBATO

Copyright 2014 Todos os direitos reservados.

ISBN-13: 978-1497545861 ISBN-10: 1497545862

DEDICATÓRIA

Dedico aos homens de minha vida: Trick e Erick, com quem formei a mais linda e fofo família do universo.

Amo vocês.

À minha mãe e irmã, Suzana e Noemy, por todo o incrível apoio que recebi em toda a minha vida!

Aos parentes: Gracita, Alberto, Vó Mimi, Thamy, Luiz Felipe e Betina; vocês são demais e somos uma colmeia.

SUMARIO

Agradecimentos

0 Prólogo (Leila)

1 Ferroadas

2 Caio

3 João

4 Fracasso número 1

5 Bola 8 na caçapa

6 Fabrício

7 Remorso

8 Carma

9 Flores e Brigas

10 Alguém com eu

11 Dando a volta por cima

12 Conversa franca

13 Até aqui

14 Imperdoável

15 Decisões

16 Correndo contra o tempo

EXTRAS

Fabrício

(1) A Ressaca

(2) "DR" Nada Profissional

(3) Como Conquistar uma mulher

(4) Devolução

(5) Síndrome Rockstar

Bernardo (1) Alerta de Perigo

(2) De última hora

(3) O que ficou para trás

(4) Catástrofe

Ruth

(1) Perigo

(2) Guarda-Costas

(3) Manipuladores

Drica (1) Mudança de ventos

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha gratidão a todas as pessoas que me viram através deste livro; todos aqueles que me deram suporte, conversaram leram e escreveram oferecendo ajuda e comentários.

Obrigada ao site e comunidade Wattpad, por tornar esse projeto palpável, encorajando-me a continuar capítulo a capítulo. Sem vocês, essa história não existiria! Obrigada a todos que leram e torceram junto comigo pelos personagens dessa história!

Muito obrigada! Obrigada a todos os envolvidos!

PRÓLOGO:— LEILA

Lasgo estava berrando nos alto-falantes da pista de dança da casa noturna mais badalada e cara da cidade. Incrível como essa música parece transcender gerações na pista de dança e acho até que a minha avó já se sacudiu nesse som.

Meus ouvidos estão meio surdos. Eu não escuto direito quando as pessoas falam comigo e parece que a música está lá longe. É tontura por causa do pileque que já tomei acrescido de beijos dados por Eduardo, tão fortes que perco o fôlego e sua barba marca minha pele, causando dormência.

Fui pega de surpresa e estou lascada.

Com uma mão seguro meu Cosmopolitan que faço questão de tomar toda vez que estou nessas festas, só porque a Carrie Bradshaw toma. Acho que me identifico com ela, romântica em busca de um príncipe encantado para o tal “felizes para sempre” e que nunca apareceu. Realmente, ele nunca apareceu.

Não se engane com Eduardo. Ele não é o cara legal, só o cara gostoso, no tipo “lindo-comoum-modelo-de-propaganda-de-cuecas”. O tipo de cara de quem eu resolvi me vingar e que foi responsável por tudo isso o que aconteceu na minha vida! Essa virada maluca que ela recebeu. Mas o que posso fazer se ele me deixa de pernas bambas e sem reação?

Posso sentir seu perfume, que já conheço de outros carnavais — na verdade, desse Carnaval — e os braços musculosos e fortes que enlaçam minha cintura. Sinto meu sapato de salto sair um pouco do pé, estou quase perdendo o equilíbrio...

Algo acontece. É o cara legal. Ele está bem ao meu lado, cruzando os braços e soltando a minha outra mão, que a segundos atrás ele

confiscou para si, dizendo ter algo importante para me dizer. Ele é meu melhor amigo, aquele que dá os melhores conselhos e em quem eu nunca dei sequer um beijinho na boca... na verdade eu dei, foi há milênios atrás.

A dúvida que tenho é se devo segurar seu toque, ou largá-lo para usar a mão livre e expulsar Eduardo dali.

É neste exato microssegundo que essa dúvida leva que vejo minha vida inteira passar diante dos meus olhos... não exatamente a minha vida inteira, ou este relato ficaria gigante e vocês morreriam de tédio, mas só a parte que importa...

1 FERROADAS

Chacoalho a mão e faço uma careta de dor ao mesmo tempo que berro. Meus olhos se enchem de lágrimas e meu dedo começa a dilatar, inchando, com a picada de abelha que eu levei. Enquanto as pessoas se afastam de mim com medo de levarem uma picada de abelha também, um garoto que eu nunca vi na vida permanece e segura a minha mão, um toque suave e quente.

— Espera, não se mexe! — Ele diz, quase em desespero. — Senão vai piorar.

O efeito é imediato e eu congelo feito estátua. Ouso abrir os olhos só para ver o que está acontecendo e vejo que ele é do meu colégio, o mesmo uniforme cinza. Não é nada anormal, se você parar para pensar: estou na lanchonete do zoológico, viemos todos em passeio escolar.

Eu nunca estive em um zoológico desse porte antes. Morava em uma cidade em outro estado e lá estava mais para uma pracinha com jaulas e meia dúzia de bichinhos... estava imaginando que o passeio, mesmo cheio de alunos do ginásio, pudesse ser legal e quem sabe eu desse sorte de ver um hipopótamo. Adoro hipopótamos. Convenci duas colegas minhas a virem junto — mas prometi que pagava o lanche e comprava uma lembrancinha para cada!

Ê, decadência. Ter que pagar pela amizade e simpatia das pessoas é triste, mas não tive escolha. Ninguém entende que esse ano tem sido difícil para mim. Eu deveria decidir no que quero trabalhar pro resto da vida, prestar vestibular, pensar no meu vestido de baile de formatura, mas não consegui nem fazer amigos! Desde que me mudei parece que a minha vida inteira está desmoronando aos

poucos, a começar com o meu namorado que eu deixei para trás e que rapidinho encontrou outra garota para ocupar o meu lugar.

Nossa, tínhamos planos! Já havíamos decidido tanto a música do casamento quanto o nome de nossos filhos, mas em um piscar de olhos tudo perdeu a importância para ele. Se é que algum dia teve importância.

É quando eu me toco que estou no fundo do poço.

— Eu vou tirar o ferrão e a dor vai melhorar. — O garoto avisa e sua voz suave e tranquila me trás de volta à realidade.

Por cima das lágrimas tento ter uma visão melhor dele. Deve ser do ginásio, aposto que ainda nem fez 15 anos, pois seu rosto é liso, sem qualquer sinal de barba e ele é bem magrinho, como se passasse fome, apesar de ser mais alto que eu. Sua pele é branquinha e os cabelos escuros. Observo quando ele puxa devagar alguma coisa que não posso enxergar, fazendo uma pinça com a mão. Ele parece muito concentrado, o olhar castanho como seus cabelos é sério, profundo.

Quando termina, ele beija minha mão perto da ferroada e sorri: — Pronto. Agora vamos à enfermaria cuidar desse ferimento.

Eu não sei se é o sorriso ou se estou atônita demais, mas até sorrio em resposta independente da dor que sinto na minha mão. De repente, me lembro das minhas colegas que estão lá fora esperando o lanche.

— Estou com minhas colegas. — Puxo a mão soltando o toque macio dele e trago na minha direção, para ver se estou viva ou se agora vou virar uma mutante.

— Hm. Vamos avisá-las, mas sem chance de escapar da enfermaria, mocinha. — Ele puxa meu braço, fazendo minhas pernas andarem

involuntariamente na direção que ele quer. — Onde elas estão?

Eu olho para as mesas ao ar livre da lanchonete e odeio o fato de que os lixos estão cheios de abelha. Avisto minhas amigas sentadas ao centro, tem abelhas por todos os lados! Não quero mais sentir dor e paro de andar:

— Não, elas vão me picar! — Uma vez li numa revista que se uma abelha te picar, as outras te picam. Você passa a exalar um cheiro específico. É como se uma picada te marcasse até ela sumir.

— Relaxa, eu tirei o ferrão. — Ele diz e me puxa de novo. — Odeio essas lixeiras cheias de abelha.

Ódio pode unir as pessoas? Nesse exato momento sinto como se odiar lixeiras com abelhas pudesse fazer de duas pessoas amigas, ou coisa do tipo. Me condeno imediatamente por esse pensamento: eu estou muito carente. Esse é o meu problema.

Caminho como se fosse um robô até a mesa onde minhas colegas me esperam. Elas parecem não notar que me aproximei delas. Marisa e Tânia são aquele tipo de meninas ricas, que vestem roupas de marca e usam maquiagem para ir para a escola como se isso fosse fazê-las ficar bonitas, não possuem nada de comum comigo, mas são as duas meninas com quem ando conversando ultimamente, já que nas férias perdi contato com Lúcia e Sheila. Pois é, desde que me mudei fico pingando pela classe fazendo amigos mas sem realmente fazer amizade com ninguém.

— Oi. — Digo, para elas me notarem.

— Oi... ué, o que foi? — Marisa parece perceber minha cara de choro.

— Cadê o lanche? A fila tá enorme. — Tânia reclama. Sei que ela está com fome, aporrinhou o passeio quase inteiro por que não

tomou café da manhã e ela fica uma vadia quando está com fome.

— N-não comprei... eu... — É sério, quase não consigo falar. Sinto falta de ar. Elas vão me odiar, eu posso sentir no olhar delas. Vou ser reprovada como amiga e estarei sozinha na classe de novo! O desespero toma conta de mim.

— Ela foi picada por uma abelha. — O garoto vem ao meu resgate.

— Estamos indo à enfermaria.

— Precisa? É só uma "picadinha", passa uma água. — Marisa faz cara de nada. Não é nela que está doendo.

— Precisa! — O garoto lança um olhar esquisito, quase impaciente, como se fosse óbvio que precisasse ir ao médico por uma "picadinha". — Pode infeccionar.

— Mas quem vai comprar nossos lanches?

— Eu compro! — me ofereço. — Depois vou até a enfermaria, nem tá doendo.

Atirem em mim. Não sei porque eu disse isso! Está doendo para caramba, sério, parece que minha mão vai cair! Eu tenho vontade de chorar, mas ainda não decidi qual ferroadada é pior: da abelha ou da solidão.

— Lógico que tá doendo. — Mais uma vez o garoto segura no meu braço, mas com mais firmeza, não tenho força para ir contra o caminho que ele indica. — Vem, suas amigas podem comprar o lanche. Elas não têm cinco anos.

Se ele soubesse que o lanche é a taxa para a amizade, ele não estaria sendo grosseiro com elas. Minha mão dói, não consigo pensar direito e só quero que pare de doer, por isso, deixo ele me

carregar para longe das minhas amigas e depois pensarei no que dizer.

— Claro. — Marisa revira os olhos.

— Não demora. — Tânia implica.

Ele dá passos rápidos para longe dali e rapidamente as abelhas são deixadas para trás. Os dois tipos de abelhas. Descemos uma rua, passando pela gaiola de uma onça para qual espicho o olho para ver e ele me puxa na direção oposta, onde fica um quiosque, o posto da enfermaria.

O enfermeiro por ali quer saber se sou alérgica, digo que não. Ele borrifa algo na minha pele que alivia a dor, com um geladinho ótimo e coloca uma gaze presa com Band-Aid. Fica horrível e tenho certeza que dali meia hora cairá da minha mão, mas estou liberada. É só isso. Não demora nada, só o tempo do cadastro e uma assinatura em um papel.

Quando estamos voltando em direção à lanchonete, paro de andar e seco uma lágrima, abaixando a cabeça.

— Obrigada...

— De nada. — O garoto diz. — Você ainda está chorando?

— É complicado de explicar... — Fujo do assunto, levantando a cabeça exibindo um sorriso de mentira. — Qual seu nome?

— Bernardo.

— Eu sou Leila.

— Muito prazer, Leila. — Ele continua a andar, eu vou seguindo. — Primeira vez que uma abelha te pica, né?

— É... você já foi picado alguma vez?

— Bastante, meu pai tinha uma fazenda de mel.

— Uau que legal! — Só consigo pensar em como mel é uma delícia, fresquinho, doce, hmmm. Mas me toco que falei a coisa mais absurda para se falar para alguém que já tomou bastante picada de abelha. — Quer dizer, o mel, não as picadas.

— Tem razão! — Ele dá risada, parece até que contei uma piada boa.

— Mas você disse “tinha”, ele não tem mais?

— Ele morreu e minha mãe vendeu. Dava muito trabalho e ela já tem a carreira dela. Com o dinheiro vamos pagar minha faculdade.

— Puxa... Você já decidiu o que quer fazer?

— Já, né. — Ele faz parecer o óbvio a se fazer, o que me causa dor, pois eu ainda não decidi nada e me sinto ficando para trás. — O vestibular é logo mais, tem que decidir. Já decidiu?

— Não. — Tenho vergonha de admitir que não, mas é a verdade. Opa, peraí. Quer dizer que ele tem mais de 15 anos, afinal? — Quantos anos você tem?

— Quase 18.

— Jura? Eu achei que você era, sei lá, da oitava série. — Lanço, cobrindo o meu sorriso com a mão.

Bernardo explode uma risada. Chega a ser contagiante e acabo rindo também. É quando chegamos à rampinha que dá acesso à lanchonete, mas minhas pernas não conseguem seguir adiante.

— Esperaí, eu vou lá chamar suas amigas.

— Tudo bem. — Falo quando ele me deixa sozinha e sobe a rampa.

Algo me diz que nem Tânia e muito menos Marisa estão esperando por mim... Quando Bernardo aparece no topo da rampa sozinho, tenho certeza que minhas supostas amigas já me abandonaram. Tento lutar contra a tristeza que me abate, mas já não tenho mais forças para lutar contra nada.

— Ué, será que suas amigas foram até a enfermaria atrás de você?

— Bernardo pergunta assim que se aproxima, mas posso ver que nem ele acredita muito nisso e está só tentando ser legal.

— Acho que não... — Sou obrigada a dizer.

— Hmm. — Faz em resposta, meio sem jeito, demonstrando isso ao colocar as duas mãos nos bolsos da calça jeans enquanto olha para o outro lado.

É aquele momento chato, sabe? Ele provavelmente está pensando em como se livrar de mim e voltar para os amigos dele, mas sem me chatear demais, já que fui abandonada por minhas amigas.

— Vou atrás delas. — Digo por ele, para poupá-lo de inventar

alguma desculpa besta e que só piore tudo. — Obrigada mesmo assim.

Eu me viro, já quase chorando. Sou como uma indigestão, ninguém me quer por perto.

— Não, cê tá louca? — Ele puxa meu braço, impedindo-me de ir. Não tenho coragem de olhar para ele e abaixo a cabeça. — Elas te deixaram pra trás, não percebeu?

— Claro que percebi... — As palavras saem quase sem som, mudas.

— Peraí, cê tá chorando? — Ele coloca uma das mãos no meu queixo e a outra no meu ombro, levantando minha cabeça. Sou obrigada a olhar para aqueles olhos escuros que teimam em me analisar.

— Não importa. Elas só vieram porque prometi um lanche e um presente. — Desvio o olhar e faço o possível para me soltar dele. — Melhor eu cumprir minha promessa.

— Hmm. — Ele faz e me solta.

Eu me viro para partir e assim nos separamos. Ele segue o caminho de volta para a lanchonete, e eu vago pelo zoológico em busca das minhas "amigas". O que vocês esperam? Que ele viesse atrás de mim por piedade? Isso só ia piorar as coisas e ferir o meu orgulho.

Vago sozinha por um tempo, uma hora, talvez. Mas logo estou curtindo o passeio mesmo em meio a toda essa solidão. É como se a solidão de repente fosse alguém, uma testemunha da minha alegria amarga... e a única capaz de entender como eu me sinto. Parece até que me faz companhia e eu já não me sinto tão pesada e tão sozinha. Depois de olhar para um jacaré e uma tartaruga, chego no hipopótamo.

Debruço na grade de ferro para olhá-lo melhor e o vejo lá em baixo, pois o viveiro dele imita seu habitat. Gordinho, comprido, marronzinho. Está sozinho na água tomando banho, virando para um lado e para o outro, deixando apenas as narinas de fora. Somos só nós dois, mas ele parece que nem me percebe por ali. Fico observando-o e pensando mil coisas. Eu não saberia enumerar tudo o que se passa na minha cabeça... mas me sinto feliz em vê-lo ali sozinho, como eu estou. Admiro-o por um longo momento, pessoas vão e vem do meu lado e eu permaneço ali, no mesmo lugar, como que hipnotizada por aquele hipopótamo, não percebo o tempo passar.

Um grupo de estudantes passa fazendo algazarra atrás de mim. Até escuto as palmas, gritos sobre qualquer coisa, mas não presto atenção e nem me viro... mas acabo com a concentração quebrada e então percebo que passei um tempão ali pensando em como a minha vida é uma droga, desde que me mudei... e na triste realidade de que minhas amigas nem procuraram por mim, ou como ninguém veio ao meu socorro esse tempo todo.

A língua fica amarga, meu nariz queima... e logo estou cobrindo o rosto com as mãos e chorando. Procuo manter o silêncio, pois não quero que ninguém ouça e abafa o pranto cerrando a boca como uma criança que não quer engolir a comida. Eu só queria desaparecer de uma vez, ser outra pessoa, qualquer coisa que me tirasse daquela situação lastimável em que eu me encontrava: sozinha, desencaixada, um brinquedo quebrado desprezado. Sabe, eu não era sempre assim. Eu tinha amigos, um namorado, era uma pessoa legal e considerada gentil e amorosa pelos outros... mas agora é mais como se eu tivesse lepra. Ninguém se aproxima de mim e não consigo estreitar laços de amizade com ninguém.

— Ah, não, você ainda está chorando. — Escuto uma voz conhecida que faz um arrepio percorrer o meu corpo. — Você tá bem?

Fui pega no flagra e isso só piora as coisas, eu começo a chorar mais. Toda vez que me perguntam “você está bem” quando eu estou triste, eu desabo. Deve ter alguma coisa de errada comigo.

— Ei, Leila? — Como eu não me mexi, Bernardo acaba colocando as duas mãos no meu ombro e me virando. — O que aconteceu?

Escuto alguns barulhinhos e curiosa espio por entre meus dedos. Vejo três meninas e outro garoto por ali, todos com o uniforme da escola. Uma das meninas é bonita como uma modelo, magra feito uma bailarina, de pele morena e cabelos alisados completados por um batom vermelho, mas ela está de cara fechada e braços cruzados, como se algo ruim estivesse acontecendo.

— Quem é essa garota? — Escuto uma menina perguntar para a menina que me olha de cima a baixo, analisando-me. Sinto como se fosse outra ferroadada.

— Essa é a Leila. — Bernardo diz e me empurra na direção de seus amigos. Eu quero morrer, todo mundo me vê chorando. — É a menina que levou uma picada de abelha que eu falei.

Ai não, ainda por cima ele ficou espalhando a minha gafe por aí.

— Oh. — A moreninha bonita perde a cara séria e comprime as sobrancelhas, assumindo uma feição preocupada, ela se aproxima de mim e Bernardo passa o braço pelas minhas costas, me guiando.
— E você tá melhor?

Eu agradeceria se parassem de me perguntar isso. Está óbvio que não.

— Óbvio que não, ela tá chorando. — Bernardo parece que leu minha mente. — Você está sozinha?

— Eu estou bem. — Falo, para me livrar de todos aqueles olhares horríveis em cima de mim. Tenho vergonha, me sinto humilhada, eu quero fugir!

— Se tivesse bem, não estaria chorando. — A outra menina, de cabelos loiros e olhos castanhos como uma princesa diz. Sua voz é tão suave que tem um poder incrível de me acalmar. — Vem aqui... — Ela me puxa dos braços protetores de Bernardo. — Eu sou a Ruth, muito prazer.

— Leila... — Falo apresentou.

de novo, mas quando ela sorri eu percebo que Bernardo já me

— Esse é o Caio e essa a Jéssica; — Ruth me apresenta o lindo rapaz que está ao seu lado e a menina que estava grudada à moreninha. — Essa é a Adriana. — A moreninha então dá as mãos com Bernardo e percebo o porquê dos olhares esquisitos. Eles trocam um selinho, mas é tudo o que eu vejo, Jéssica e Caio já estão em cima de mim.

Eles querem saber quem eu sou, quando me mudei, em que sala eu estudo. Acabo me distraíndo com a conversa, mas por melhor que seja aquele instante de atenção, eu sei que daqui uns dias esse pessoal terá se cansado de mim e que estarei sozinha de novo.

Caio me compra uma maçã do amor. Ruth divide sua água comigo. Jéssica parece ser a única que não gosta muito de mim e prefere grudar em Adriana, que está mais preocupada em discutir alguma coisa com Bernardo. Eles chegam até a se afastar um pouco da gente, mas quando tento prestar atenção, Caio conta uma piada que me faz rir.

Minhas lágrimas até secam.

No ônibus trocamos telefones, e-mail e eles me adicionam em suas redes sociais. Eu quase acredito que serão meus amigos para sempre, mas minha mente fica o tempo todo me lembrando que em breve serei abandonada mais uma vez.

Eu não tinha percebido, até então, que foi exatamente nesse dia que tudo começou, que minha vida iniciou uma mudança para a qual eu não estava preparada! Não tinha nada a ver com mudar de casa ou de cidade, nem com arrumar as malas... tinha a ver com algo dentro de mim.

02 CAIO

Hm, aposto que você estranhou o título desse capítulo... mas eu explico: o Caio que eu conheci no zoológico foi um dos grandes responsáveis pela pessoa em que eu me tornei. Claro que durante o colegial eu não tinha noção do que ia acontecer, então toda a atenção que ele me dava preenchia o escuro e frio vazio dentro de mim.

Tânia e Marisa nunca mais olharam na minha cara, mas agora eu não precisava me preocupar com elas. Eu não estava mais sozinha! Andava com Ruth, Jéssica, o "casalinho vinte" Adriana e Bernardo... e com Caio.

Caio era lindo! Se não fosse o garoto mais lindo da escola, estava no "top 5". Tenho certeza que eu causava muita inveja em algumas meninas. Todo dia Caio tinha uma surpresa pra mim. Um bilhete de um pedaço de folha de caderno dobrado em forma de coração, um chocolate, um pirulito, e me esperava sempre na porta da classe nos intervalos. (Homens quando querem te agradar te dão presentes, mesmo que seja um papel de bala).

Por isso, nada mais normal o que Adriana tinha para me dizer:

— Tenho certeza que ele gosta de você.

— Ai, Drica! — Jéssica se opôs. — Claro que não, ele só está sendo gentil que ela não tem amigos.

— Claro que ela tem amigos. Eu, você, nós. — Ruth revirou os olhos, enquanto passava blush nas bochechas.

Procurei fingir que eu não estava ali escutando tudo ou que eu não me importava, mas meu estômago revirou de emoção e eu me senti muito feliz em pensar que Caio gostasse de mim, gostasse de verdade.

— E você vai ficar velha se continuar se maquiando até pra dormir.
— Jéssica implicou com a mania de Ruth.

— Assim posso dormir mais meia hora antes de ter que ir pra escola, já fico pronta! — Ruth mostrou a língua entojada das implicâncias de Jéssica.

Estávamos em uma festa do pijama na casa da Drica. Só nós, as meninas. Passamos a tarde no shopping e agora estávamos ali.

— Tá, isso não importa. — Drica encerrou o assunto. Jéssica e Ruth estavam sempre trocando farpas, como se o jeito de uma incomodasse a outra. Parecia que as duas não se suportavam, aliás “parecia” não é a palavra correta, era exatamente o caso. — Eu acho que você devia ficar com ele, Leila.

— Acha? — Fiquei branca e meu coração bateu à dois milhões por hora.

— Ai Drica, não fica pondo abobrinha na cabeça da Leila. — Jéssica foi contra. — Depois ela leva um fora, fica chateada e a culpa vai ser sua.

— Por que acha que ela vai levar um fora? — Ruth acabou sua maquiagem e prendeu seus cabelos loiros em um lenço para alisá-los até a hora do colégio.

— Não vai levar um fora. — Drica lançou um olhar de quem sabia alguma coisa. — Já tem uns dias que o Bernardo comentou que o Caio está afim de você.

— Sério? — Não pude acreditar.

— Sério? — Nem Jéssica.

Drica ajustou o travesseiro que abraçava entre as pernas e comprimiu os ombros ao mesmo tempo que fazia que sim com a cabeça.

— A Leila é bonita e carne fresca no pedaço, com certa o Caio se animou. — Ruth deu sua opinião.

— Foi isso que o Bernardo falou. — Drica concordou.

— O Bernardo deve estar com ciúmes, sabe como ele é superprotetor em relação à Leila. — Jéssica soltou o veneno.

Jéssica tinha esse grande defeito: ficava apontando os defeitos de todo mundo, como se fosse melhor que todos nós juntos.

— Ai Jéssica. — Drica se doeu.

Eu sei que Drica e Bernardo tiveram algumas discussões no início, ela tinha ciúmes de nossa amizade e talvez fosse por isso que ela quisesse tanto que eu ficasse com o Caio.

— Não é nada disso. — Mais uma vez, Ruth se enfiou para opinar. — O Bernardo tem a Leila como uma prima ou uma irmã, ele meio que se sente responsável porque ela perdeu as amigas no zoológico.

Fazia sentido. O Bernardo vivia me perguntando da Tânia e da Marisa, até que eu contei toda a verdade. Daí para frente me ofereceu amizade, agindo sempre como o irmão mais velho que eu nunca tive.

— Tudo bem, eu fico com o Caio. — Disse. As três viraram para mim surpresas... mas pense bem, era uma forma de agradecer à Bernardo por sua amizade, pois dessa forma, Drica pararia de ter ciúmes.

— Que ótimo, vou mover os pauzinhos.

— Não acho boa ideia... — Jéssica se opôs.

— O que você acha boa ideia, Jé, você é um saco! — Ruth revirou os olhos.

Depois disso a noite foi regada à batatinha, Doritos e muito refri, acompanhada de filmes românticos e discussões entre a Ruth e a Jéssica que culminaram em uma guerra de travesseiros. Foi divertido, como há muito tempo eu não me divertia.

Alguns dias depois a Drica me procurou para dizer que estava tudo armado para eu ficar com o Caio, que tinha conversado com ele e que iríamos todos em uma matinê. Eu fiquei meio sem graça de olhar para o Caio durante todo o resto da semana, mas finalmente chegou o sábado!

O Bernardo já tinha feito 18 e estava dirigindo, era o único da turma a ter carro, por isso, fomos todos com ele... Como a Drica sempre demorava pra ficar pronta, ele passou na minha casa primeiro.

O rádio estava sintonizado em uma estação de rock e acho que ele tomou um susto quando me viu toda produzida, até engasgou. Assim que eu sentei no banco da frente, conferi se estava com a

maquiagem borrada ou algo do tipo, encontrei uma manchinha de batom no dente e limpei.

— Uau, que produção pra sair da seca, ein. — Bernardo me alfinetou.

— Tá com ciúmes? — Virei-me para ele com um sorriso e lancei uma piscadinha. A essa altura eu já estava bem acostumada com o jeito do Bernardo, meio ácido querendo ser sincero demais e um pouco mimado (se as coisas não saíssem do jeito dele, ficava irritado e fechava a cara).

Ele abaixou um pouco o volume do rádio quando paramos em uma sinaleira de luz vermelha, mas depois aumentou de novo. Estava só mudando de assunto, tentando não se meter na minha vida... mas como todo irmão mais velho, não se aguentou.

— Tem certeza que você quer ficar com o Caio, Leila?

— Ele é bonito e legal... e seu amigo.

— Ele não é bem meu amigo. — Bernardo tamborilou os dedos no volante e acelerou no instante que a sinaleira abriu. — E sei lá, eu achava que você curtia uns carinhas mais... inteligentes.

Todo mundo sabe que Caio é tudo menos inteligente. É do tipo superficial, que liga mais para aparência, demora horas para se arrumar e sair de casa além de quase acampar dentro de uma academia. Mas eu nunca tinha visto ele fazer nada de errado e nem destratar ninguém.

— Eu curto, mas o Caio também não é nenhum burro...

— É, ele é bem esperto.

Notei que saiam faíscas da língua de Bernardo. Era quase como se ele estivesse odiando Caio naquele instante. Talvez ele soubesse de algo e quisesse me proteger, como sempre.

— Por quê? O Caio já fez algo que você desaprove?

— Algumas vezes... — Ele falou, mas não olhou pra mim, virando a esquina. — Mas num geral, ele é mesmo um cara legal... e todas as meninas acham ele bonito.

— Acha que ele vai me tratar mal? Ele demorou de novo para responder, como se pensasse bem no que estava prestes a dizer.

— Não sei... acho que ele vai te tratar bem...

— Então por que quer me convencer a não ficar com ele? — Não entendi!

Ele olhou pra mim e pela cara que ele fez, tive certeza que ele tinha uma revelação bombástica para me fazer, como contar que o Caio e a Jéssica estavam se pegando e eu era só uma jogada para fazer ciúmes.

— Não! — Fez, meio sem jeito e sem palavras. — Você fica com quem quiser é só que... é só que... você merece alguém melhor. É isso.

— Melhor? Mas você acabou de dizer que o Caio é legal! Você quer fazer sentido?

— Só estou tentando proteger você...

— Proteger? Do quê, Bernardo? Eu não tenho quinze anos, já sou grandinha, não vou fazer besteira. Ele não vai tirar minha virgindade, eu já transei com o meu ex, né!

— Quê, você vai dar pro Caio? — Ele quase perdeu o controle da direção. Olhou para mim mais branco do que um fantasma. — Não, Leila, não faz isso.

Eu não pretendia chegar até aí com o Caio, mas o jeito de irmão mais velho do Bernardo estava me irritando! Meu sangue já estava em faíscas e ele ficava cheio de frescuras!

— Por que não, ele tem AIDS?

— Não, não tem...

— Então eu faço o que eu quiser, oras. — Me aborreci, virei a cara.

— É, claro, faz o que você quiser. — Bernardo também se aborreceu.

Chegamos na casa da Drica e ele saiu do carro, levando o celular. Deixou a chave no contato e eu mudei a estação para uma que eu gostasse só para irritá-lo. Demorou um tempão dentro da casa da Drica e tive certeza que eles estavam transando.

Não é um saco quando seu amigo quer te dar lição de moral e faz exatamente o que ele não quer que você faça? É irritante.

Quando eles voltaram, tentaram disfarçar o que tinha rolado e a Drica nem me pediu para sentar em meu lugar. Fingi que não percebi nada e passei o resto da viagem olhando pela janela, respondendo perguntas bobas que a Drica resolveu me fazer. O

Bernardo nem olhou na minha cara e concluí que ele estava aborrecido comigo.

A boate era enorme, linda, cheia de pessoas bonitas e ricas... Mais uma vez eu estava toda deslocada. Para piorar, o Caio não estava me dando atenção direito. Era até como se ele não quisesse ficar comigo, acredita que ele me cumprimentou com um beijo no rosto quando chegou? Mas como a Drica disse que ele só estava fazendo charme, eu relaxei. A Ruth sempre adorou dançar e estava se acabando na pista dançando com um grupo desconhecido de garotos e garotas. Era até engraçado! Um rapaz se aproximou dela, muito bonito e ela acabou se enlaçando com ele aos beijos.

Notei que Bernardo e Drica estavam um pouco afastados. Não era comum vê-los separados, mas Drica falava com Jéssica algo que parecia ser um segredo, uma espécie de desabafo. Não quis atrapalhar e continuei no meu canto, encostada no bar... E o Bernardo ficou meio por ali, sem falar nada.

Então eu não aguentei:

— Você e a Drica brigaram?

— Pra variar.

Ué. Isso soou estranho aos meus ouvidos. A Drica vivia dizendo que eles não brigavam, que se davam bem, que se amavam e que depois da faculdade eles iam se casar. Dava até uma invejinha, já que eu tinha tudo isso antigamente e depois da mudança tudo se acabou. Era uma espécie de inveja branca, mas eu ficava sempre me comparando a ela... Drica era feliz e tinha tudo o que eu queria. E eu não!

— Mas o que aconteceu?

— Ela quer controlar a minha vida, dizer o que eu posso e o que eu não posso fazer. Isso não dá certo.

A acusação me pareceu séria, mas o Bernardo soou bem maduro quanto a sua decisão. Realmente, não dava certo... Mas não conseguia imaginar na Drica falando essas coisas. E então eu lembrei que uma vez ela confidenciou que não queria que o Bernardo fizesse faculdade de Jornalismo e sim, Engenharia ou Medicina.

— Realmente. — concordei. Achava injusto que a Drica quisesse escolher a faculdade que o Bernardo tinha que cursar, ela estava sendo egoísta. — Mas ela só deve estar pensando no seu bem. Jornalismo não dá tanto dinheiro, né?

— Quem se importa? Temos que fazer o que a gente gosta e não o que os outros acham que devemos fazer. A Drica quer controlar todo mundo, até você.

— Eu?

— É, como lance do Caio. Não consigo pensar que você realmente queira ficar com ele. Você é uma garota tão romântica... Catar um cara assim na balada não tem nada a ver com você e nem vai te levar a lugar nenhum.

Sabe, talvez o Bernardo tivesse razão, mas como soou de uma maneira que parecia uma crítica e uma ofensa, eu me aborreci mais uma vez.

— Ai, Bernardo, é impossível conversar com você quando você está de mau-humor.

Eu me afastei, largando minha bebida no bar e fui para o outro lado da boate, onde ficava um lounge com sofás. Joguei-me em um e

fiquei lá, como uma peça errada do quebra-cabeça; eu nunca me encaixei em lugar nenhum, por mais que eu tente. Não demorou muito para o Bernardo reaparecer. Ele trazia um drink bonitinho nas mãos e me ofereceu como um pedido de desculpas.

— Desculpa, Leila...

O Bernardo tem dessas. Ele faz algo que te magoa e pede desculpas com um presente. Eu aceitei o drink e o pedido de desculpas. Mas só aceitei porque era daqueles drinks coloridos com uma frutinha presa no canudo!

Ele sentou do meu lado.

— Esse lance da Drica te empurrar pra cima do Caio me irrita. — Ele confessou, aproximando-se para que eu pudesse escutá-lo.

— Por quê?

— Ela fica querendo controlar tudo, me irrita, não é nada com você. Estou perdoado?

— Está. — Eu disse. — Além do mais, não precisa se preocupar tanto com o lance do Caio, ele tá mais interessado em dançar com a Jéssica ou qualquer outra.

— É, tem razão. — Bernardo suspirou. Esperou eu dar um gole no drink. — Tá bom?

— Tá sim. — Era um drink que eu nunca tinha tomado. — Como chama?

— Beijo na boca.

— Quer um pouco? — Perguntei com um sorriso e o canudo entre meus dentes.

— Quero.

Soltei o canudo e ofereci o drink para ele, mas o Bernardo me deu um beijo na boca. Não sei o que deu em mim, em qualquer outro momento se uma situação assim acontecesse eu nunca aceitaria um beijo de um cara comprometido, especialmente se o compromisso fosse com a minha melhor amiga... Mas o Bernardo me venceu. Eu soube no acelerar do meu coração, no gosto de sua língua, no calor de seus lábios macios... Simplesmente não resisti. A gente se beijou pra valer, trocando saliva, se apertando um com o outro e deu até calor. Comecei a sentir falta de ar quando percebi o que eu estava fazendo naquele instante. Eu estava beijando o namorado da minha amiga e pior, estava gostando muito de fazer isso.

Mas durante aquele beijo/amasso, me toquei o que eu estava fazendo: me transformando em uma ladra de namorados, em uma daquelas meninas que todas nós odiamos... Eu não queria fazer isso. Tive certeza que só me entreguei daquela forma por estar muito carente e atrás de qualquer cara que nutrisse o meu vazio... mas não queria que fosse daquele jeito... e por isso, afastei o Bernardo:

— Não, não... — Derramei o drink na minha roupa e na roupa dele, ao fazer isso.

Bernardo não quis me soltar. Seus braços já seguravam minhas costas e cintura, sua mão já tinha apalpado minha coxa e eu já tinha mordido seu pescoço, lambido sua orelha e encaixado meu quadril com o dele. Eu também não queria soltá-lo, mas me forcei ao máximo.

— Não! Me solta! — Pulei fora do sofá.

— Peraí, Leila! — Ele tentou me chamar, mas eu corri.

Percebi que o Bernardo veio atrás de mim, mas eu não queria que ele me alcançasse. No meio do caminho da minha fuga até o toaleta da boate, alguém segurou meu braço de forma pegajosa, deslizando as mãos do meu ombro ao pulso. Eu me virei pronta para brigar com o desconhecido, quando vi que era o Caio.

— Ei, eu estava te procurando. — Ele lançou.

Ótimo, era a minha salvação.

— Eu também... — Menti, mas ele nem ligaria. Deixei ele me confiscar para si e o agarrei para um beijo cinematográfico, buscando-o como um bombeiro busca uma mangueira para apagar o fogo... E no caso, era meu corpo que estava pegando fogo por causa do Bernardo.

Pelo canto dos olhos vi quando Bernardo parou no meio do caminho, balançou a cabeça em negação, mexeu nos cabelos e rapidamente se afastou.

Naquela noite eu ainda o vi com a Drica entre beijos, mas me concentrei em dar atenção para Caio. Nós dançamos juntos, ele me pagou umas duas bebidas e depois me levou de carona para casa. A minha mente ficou o tempo todo martelando aquele beijo avassalador que dei no Bernardo.

03 JOÃO

Agora que vocês sabem bem o tipo de garota que eu sou, posso falar do João para vocês. Pensando agora em toda a trajetória da minha vida, tenho que confessar: João foi meu décimo namorado. Sei que parece muita coisa, mas calma, não me julgue ainda, conheça a história!

João era um cara legal, bonito, porém superficial; como todos os outros. Era apenas mais um desses rapazes que ligam mais para beleza do que para o conteúdo! Mas também pudera, ele tinha um corpo todo trabalhado no bronzado, delicioso como um pão-demel... Fora o seu beijo, que me tirava de órbita e melhor ainda, era super romântico!

Eu o conheci em um site de relacionamentos famoso por formar casais perfeitos que no fim de tudo, se casam e são felizes para sempre. Tudo bem, não ligo se você me julgar como desesperada, carente ou qualquer coisa do tipo, talvez eu realmente fosse.

Com o João eu realmente achei que daria certo! Eu o namorava mais ou menos na mesma época em que a Drica estava ficando noiva — não com o Bernardo, já que eventualmente eles terminaram quando ele resolveu que não ia cursar medicina e, não obstante, foi para outra cidade onde pegava umas trinta meninas a cada fim de semana — e a Ruth estava namorando.

Eu estava muito sozinha e me sentia meio jogada de lado pelos amigos. Lembro que ligava para a Drica e a Ruth quase diariamente, querendo conversar, marcar um cinema, chopp, qualquer coisa, mas elas nunca tinham tempo para mim. Sabe quando você percebe que a vida dos seus amigos já tomou uma forma tão sólida que você não se encaixa mais? Foi assim.

No nosso primeiro encontro, achei que o João não era de verdade. Eu só podia estar sonhando! Afinal, o que um cara maravilhoso como ele estaria fazendo em um site de relacionamentos? A resposta mais óbvia seria: dando uma de pegador, não é? Imagine então tal qual foi a minha surpresa ao descobrir que ele era um cara sério, procurando por sua alma gêmea? É... foi um choque, mas acendeu novamente aquela chama de querer ser uma princesinha indefesa resgatada pelo príncipe encantado.

Entretanto o João tinha um “probleminha”, se é que você entende o uso do diminutivo. Confesso que quando baixei sua cueca cinza na nossa primeira noite de amor regada a muito espumante no motel, até me chatee, mas ei... Eu estava procurando minha alma gêmea também e considerava o amor muito mais importante que o sexo.

Nos demos muito bem na cama e recebi flores no dia seguinte no meu estágio — Ah é, esqueci de mencionar que eu entrei na faculdade de Administração (não conseguia decidir o que cursar e escolhi essa mesmo, por ser mais ampla) e logo no primeiro ano comecei a trabalhar como assistente no escritório em uma marca de roupas. Minhas colegas de trabalho adoraram a surpresa, mas meu chefe não gostou nada da algazarra que se formou no horário do café.

Quem precisa se preocupar com isso quando tem o cara perfeito?

Eu e o João éramos alma gêmeas, eu tinha certeza. Avisei a Drica, mandei SMS para a Ruth que não atendia o celular e até o Bernardo há quilômetros de distância ficou sabendo do meu novo namorado, com quem eu já fazia planos de me casar.

— Leila, são duas da manhã. — Ouvi o Bernardo reclamar, impaciente com minha nova história de amor, mas atribuí sua chatice ao fato de que ele estava mais bêbado que um gambá. — E você sempre acha que o cara com quem você transou é o homem da sua vida.

Eu me ofendi, desliguei o telefone na cara dele e nunca mais liguei para o Bernardo para falar do João. Mas pensando bem... Era verdade. Eu transava com os caras, já achava que estava amando para sempre, mas não durava mais que um mês e eu acabava na fossa por levar um fora. Até, é claro, conhecer mais um no site de relacionamentos.

E não, o João não foi diferente.

Ele fugiu de mim em oito dias.

Foi um recorde.

Só que não deu nem para chorar quando o João terminou comigo, porque algo mais grave... muito mais grave, havia acontecido com a Drica.

Drica estava um caco e era difícil vê-la daquele jeito: sem pentear os cabelos compridos e castanhos, presos em um rabo de cavalo que mais parecia um ninho de passarinhos de tantos nós; maquiagem borrada e os olhos inchados, muito inchados, de tanto chorar.

Quando ela abriu a porta eu quase não a reconheci e meus olhos não conseguiam se desprepar daquela casquinha branca que ela tinha perto da boca, de maionese ressecada. A Drica é magra igual uma bailarina, tem o costume de pular refeições para manter a forma, então se ela estava comendo qualquer coisa com maionese, era sinal de que estava realmente fora de si! Isso era um claro pedido por socorro (urgente) e tanto eu como a Ruth não podíamos abandoná-la naquele instante.

Ruth se preocupou:

— Nossa, você está um caco! — Assustou-se. Ruth estava parecendo uma sereia com um vestido colado no corpo bem curtinho e os cabelos escovados no salão. Na sua mão direita ela trazia uma garrafa de Chandon Rosé, a única coisa capaz de nos deixar feliz naquele instante. — Trouxe isso para te animar. — Passou a garrafa para Drica.

— Você quer que eu... brinde? — Drica imediatamente se ofendeu. Achei que ela xingaria Ruth, pois seu rosto ficou todo vermelho como se estivesse bem irritada, mas na verdade, ela começou a chorar.

Enquanto eu esperava uma mensagem do João — quem sabe ele se arrependesse -, conferindo o celular a cada dois segundos, escutei a Drica contar sobre como havia sido horrível descobrir que seu noivo estava traindo-a... com o melhor amigo!

Tá, nada contra gays. Tenho amigos homossexuais na faculdade e eles são ao mesmo tempo fofos e malucos; mas não consigo imaginar como uma garota se sente ao descobrir que o noivo é gay. Deve ser realmente um drama e algo totalmente irreversível, pense bem, não tem volta um lance desses! Não dá pra fingir que não aconteceu e seguir em frente com a relação. Você é uma mulher e ele gosta de homens, não vai "se apaixonar" e muito menos "aprender a amar" da forma mais morna possível.

E na boa, ninguém quer namorar ou amar da forma morna. Acho que é isso que dói mais.

— Eu sempre achei loucura da sua parte querer ficar com o cara só porque ele era médico. — Ouvi Ruth sentenciar, sentada no sofá enquanto balançava a taça com o espumante corde-rosa. Era sempre assim, ela alfinetava a Drica em seu pior defeito: o de ter terminado com Bernardo quando ele foi cursar Jornalismo em Rio Claro. — Você nunca devia ter terminado com o Bê.

Drica olhou para mim e eu engoli o espumante enchendo a boca. Não sei se eu devia aproveitar a hora para dizer a ela que beijei o Bernardo no fim do terceiro colegial ou se isso só ia piorar a sina de ter sido traída, mas acabei fazendo a única coisa que sei fazer: ficar quieta e negar meu erro.

— Ai, Ruth... me poupe! — Drica revirou os olhos inchados, como se estivesse por demais entojada do assunto. — O Bernardo não é pra mim, ele é super egoísta e mimado, eu preciso de um cara que me trate tão bem quanto eu o trato.

— Ai, isso tá difícil, viu amiga. — Ruth bufou, também aborrecida com seus relacionamentos. — Homens são como chicletes: se você trata mal, eles grudam! Mas trate bem e você verá o que é ser esculachada.

— Faz sentido... — Drica acrescentou. — Eles procuram um namoro sério, uma mocinha decente e quase virgem para casar... mas saem por aí transando com todas, traindo, etc. Um bando de hipócritas.

— Isso quando querem algo sério, não é mesmo? Eu já ouvi um bilhão de vezes um "eu te amo apaixonado" e no dia seguinte, tomam chá de sumiço! — Ruth continuou.

— Ao menos você ouve um "eu te amo", eu normalmente fico no vácuo. — Pronto, falei!

Vi quando tanto Ruth e Drica viraram para mim com cara de dor, provavelmente adivinhando que levei mais um fora.

— E o tal João? — Ruth quis saber.

— Brigamos. Ele me disse que eu o sufoco... vocês acham que eu sufoco meus namorados?

— Não! — Drica negou, mas vi pelo seu olhar e tom de voz que ela estava disfarçando. — Hoje em dia os caras não querem mais namoro ou casamento, o lance é cair na pegação. — Ruth falou, como se isso explicasse os atos de João. — Mas eles adoram se fazer de bons moços. É o papinho mais comum para levar uma mulher para cama, veem cheio dos “você é especial e única” pra cima da gente! — Ruth até fez aspas com os dedos, enfatizando o quanto desacreditava nas cantadas que ouvia.

— Gente é isso! — Drica se manifestou com uma estranha euforia.

— É isso o quê? — Eu não entendi.

— Nós três estamos fazendo tudo errado! — Ela explicou sua teoria com um sorriso. Verteu todo o espumante de sua taça na boca e engoliu de uma só vez. — Esse negócio de ser romântica, bonitinha, responder as mensagens de carinho e ainda por cima se entregar o coração em uma bandeja tá tudo errado! Temos que usar a teoria do chiclete!

— Como assim? — Ruth pelo visto, partilhava da mesma falta de genialidade que eu.

— Sair e cair na pegação, mas sem se apaixonar! — Drica falou.

Eu já pensava em negar horrorizada, quando Ruth se manifestou a favor daquela ideia maluca.

— Olha, tem razão. Ao menos enquanto não encontramos nosso príncipe encantado! — Ruth parecia uma criança com esse papo. — Tínhamos que formar uma seita secreta das garotas contra os homens e agir como eles agem com a gente: com canalhice mesmo!

— Isso!

— E de quebra, devíamos escrever tudo em um Blog.

— Ótima ideia.

— Perfeito, eu posso fazer o site, estudo Design mesmo! — Ruth se propôs.

Ótimo, lá estavam as duas fazendo os planos mais malucos juntas e me excluindo, para variar. Aposto que iam sair e conhecer os caras mais gatos e me deixar para trás, sozinha em meu site de relacionamento.

Eu estava afundada no sentimento de solidão, quando a Drica bateu a mão na minha perna, meio que me acordando.

— E aí, Leila? Topa? — Perguntou animada.

— Topo!

— Como deveríamos nos chamar? Tinha que ser algo como aquele filme super da hora que as mulheres se divorciam e armam uma vingança com os ex-maridos! — Ruth tentou pensar em algo.

Mas foi na minha cabeça que a ideia surgiu.

— Clube das Desapaixonadas. — Falei, com toda a amargura que eu sentia no meu coração.

— Perfeito!

04 FRACASSO NÚMERO 1

**Não se apaixonar. Não repetir
o cara Fazer uma vez por semana
Pontuar a performance de 0 a 5
Usar todos os métodos para
proteger o corpo e o coração Pise
neles!**

Essas eram as regras básicas do nosso Clube, nosso blog. Significava transar com um cara diferente por semana e dizer pra quem quisesse ler, como é que foi... E claro, não se apaixonar nunca, por mais que o orgasmo tivesse sido apaixonante e o cara beijasse bem, inclusive, se ele ligasse no dia seguinte ou mandasse flores, não devíamos responder.

Repetir a foda então, nem pensar!

Ai, sei não, difícil, ein? A primeira de nós a cair na pegação, foi claro, a Ruth. Sem novidades aí, é a que mais ia em festas e trocava de namorados, foi meio óbvio.

Ruth fez o nosso site com um layout lindo! Tinha no banner inicial uma foto nossa de calcinha baixadas na perna em pé em cima do sofá da casa da Drica. Não, calma, não dava para ver nosso rosto, só os pés e a calcinha. O legal da foto era que cada uma de nós tinha uma calcinha diferente e um sapato diferente que combinava perfeitamente com nossa personalidade.

Será que você advinha quem é quem?

A do meio usava uma calcinha preta, toda de renda fechada e um peep-toe branco e lilás. A da ponta esquerda, fio dental vermelho e saltos agulha prateados... já a outra, uma calcinha que podia ser de uma criança, branca e sem graça, meias listradas e allstar amarelo!

Tá, viu como foi fácil? A Drica no meio, toda elegante, a Ruth devassa no canto e eu lá perdida nas explosões de estrógeno das duas, de calcinha dia-a-dia. Mas eu ainda não tinha entendido a pegada da brincadeira, tanto que quando o primeiro post da Ruth saiu no blog, eu morri de vergonha de fazer parte daquilo.

Usávamos codenomes e eu não contei pra ninguém sobre o blog. Já Drica e Ruth, ao contrário, saíram distribuindo cartões de visita pras amigas. Mandamos fazer os cartões em uma gráfica e eu recebi duzentas unidades — o de cada uma tinha uma flor diferente combinando com a imagem da foto: a Drica uma orquídea branca e rosa, a Ruth uma rosa vermelha e o meu uma tulipa sem graça e amarela.

Eu vou poupar vocês de lerem o post da Ruth, que descrevia com detalhes até o órgão sexual do rapaz com quem ela saiu, o tipo de orgasmo que ela teve de forma metódica... Já dá pra imaginar o conteúdo erótico e eu já estou vermelha só de lembrar!

Empolgada com o post da Ruth, a Drica respondeu à altura, saindo com um colega de trabalho que tinha fama de pegador, mas que na hora "h" broxou. Ela também contou tudo em detalhes, referindo-se a ele como Sr. G. Mas todos que trabalhavam com ela sabiam que era G de Gilberto. A Drica quase perdeu o emprego por isso, o tal do Giberto tentou processá-la, mas como não tinha nome e teoricamente ela nunca contou pra ninguém (ao vivo e a cores) que eles ficaram, o processo contra calúnia e difamação não foi pra frente e como tudo no mundo dos adultos, o papo ficou esquecido dentro da empresa — mas o Gilberto nunca mais olhou na cara dela e depois pediu demissão mudando de emprego.

A Ruth toda semana postava coisa nova e a Drica divertiu-se achando que era a Bruna Surfistinha no blog... e bem, eu... Fiquei foi com medo de começar a colocar em prática o que elas estavam fazendo.

Confesso: parte de mim achava crueldade tratar os homens dessa forma. Eu sempre esperei um príncipe encantado, alguém para casar e ter filhos. Não alguém para viver em uma eterna guerra dos sexos dentro de casa. Eu queria respeitar e ser respeitada, e achava que isso não tinha que ficar lá no mundo dos sonhos encantados, mas na vida real.

Só que a vida real é bem diferente. Não tem nada de encantado nela e na prática, achar alguém pra respeitar e que te respeite é algo muito, muito difícil.

Sabe, nem os casais que se dizem mais felizes escapam daquele momento em que o homem pede uma cerveja e é a mulher que levanta a bunda do sofá e vai buscar. Em alguma casa, com certeza a mulher pede o homem busca, mas acho que deve ser exceção, já que o mundo é todo muito machista e se a gente fala alguma coisa sobre isso já somos taxadas de reacionárias ou comparadas àquelas ativistas sem sutiã que chamam a atenção na rua sem perceber que no fundo, utilizam-se dos recursos que combatem para fazer a voz ativa.

É complicado lutar pelos direitos iguais, viu?

E sim, você pensou certo, eu estava com muito medo de começarem a me chamar de puta, promíscua, vaca, rodada e tantos outros apelidos que se inventam para qualquer mulher mais liberal que não tenha vergonha de explorar a sua sexualidade. Olha, de forma simples: se um homem vai num puteiro, ele tá fazendo apenas o que a sociedade acha que deve ser feito, mas se a mulher chama um michê, ela é o quê? Safada!

Isso me cansa e exaure todas as minhas forças! Ter que ficar explicando por que merecemos direitos iguais o tempo todo, esgota a paciência de qualquer uma! E eu estava evitando ter que fazer isso.

O blog estava com bastante acesso, as meninas estavam eufóricas e eu ainda não tinha saído com ninguém e nem escrito uma matéria que não fosse feminista (daquelas que apontam os defeitos dos homens, como não ligar no dia seguinte e achar que tão abafando). É claro que as cobranças começaram:

— Não dá pra você fazer parte de um negócio e não fazer! — Ruth estava mesmo me colocando contra a parede, mesmo que estivéssemos apenas sentadas em um bar tomando chopp.

— Concordo. — Drica parecia um macaquinho treinado para fazer o que Ruth mandava, com seu coque sem um fio fora do lugar e batom nude.

— Mas eu não tive oportunidade de conhecer ninguém! — Disse procurando me defender.

— Você nem está tentando! E aqueles sites de relacionamento? Todo mês você arranjava um e agora, não tem ninguém cadastrado lá? Ou você já transou com todo mundo?

Coloquei as duas mãos na cabeça ao ouvir a bronca de Ruth. Desesperada! Era óbvio que elas queriam que eu entrasse na dança e acompanhasse a brincadeira dormindo com qualquer um por diversão e não por estar apaixonadinha ou querendo me casar. Era como se eu precisasse assinar um contrato de “devassa”, me tornar uma garota liberal que não tem medo de fazer sexo, nem de ser julgada pela sociedade por gostar de fazer apenas sexo, sem precisar ser pra casar e procriar.

Eu queria, confesso, mas não tinha coragem.

— E o que eu vou fazer? Sair me atirando em cima de qualquer um?

— Perguntei aborrecida, cruzando os braços em cima da minha blusinha vermelha.

— Exatamente! — Drica abriu um sorriso como se estivesse me dando a resposta 42.

— Não consigo, sou tímida! — Neguei veementemente.

— Você não consegue ou não quer? — Ruth quis saber, adivinhando que eu estava relutante em seguir com o plano. Sabe, passei a me perguntar se era mesmo isso que eu queria fazer... transar com qualquer um. Talvez no fundo, eu só quisesse um príncipe encantado.

— Eu quero, mas não tenho coragem. — Pronto, falei!

— Ah, Leila, assim não dá! — Ruth cruzou os braços por cima do vestido coladinho prateado como suas argolas penduradas na orelha.

— Você tem que sentir raiva dos homens, querer se vingar deles te tratarem como trouxa o tempo todo.

— Eu tenho!

— Não tem, não, ainda tá achando que vai encontrar o príncipe encantado, um cara que te trate bem, que queira casar. — Ruth brigou.

— E qual o problema de querer isso?

— Nenhum, mas boa sorte procurando um cara fiel, que não minta, que não suma, que diga que te ama e que não esteja só mentindo pra entrar com o pintão dele na sua calcinha. — Drica falou.

— Isso se ela der sorte se for um pintão, porque o João, ó! — Ruth me lembrou do detalhe.

É verdade. Tudo no mundo dos homens gira em torno do tamanho do “pinto” deles. Sério! É como se todas as questões mais complexas da vida pudessem ser resumidas ao comprimento peniano.

Tudo só depende disso!

Mesmo quando você ama por amor, eles dão um jeito de competir com o pinto de outro cara por qualquer coisa. E de que adianta? Com pintão ou pintinho são todos iguais, tratando a gente como um buraco de uma mesa de bilhar.

— Vocês tem razão. — eu por fim concordei com elas. — Eles são todos iguais, não importa se a cueca é P, M ou G. Aliás, nunca vi uma GG.

— Tá perdendo a chance de ver por que fica aí com uma vergonha idiota e machista. — Ruth passou bronca de novo, mas dessa vez, tinha um sorrisinho no rosto. — Faz assim, se atira em cima de qualquer um nesse bar, eles todos estão aqui procurando sexo mesmo, e quando não te conhecem, não tem como falar nada pra ninguém. E se falar, posta que ele brochou, igual a Drica. Falar mal você também pode amor.

Isso me encorajou.

Eu estava com medo de ser mal falada, mal interpretada, mas e daí? Eu também tinha o poder das palavras na minha mão.

Peguei a minha tulipa de chopp e corri os olhos pelo bar a procura de um gato delícia que me fizesse ir a loucura e com o qual eu pudesse escrever o melhor post da história do Clube.

E lá estava ele, com os amigos, os cabelos castanhos claros arrepiados para cima, camiseta preta e uma calça jeans impecável, soltinha. Ele era bonito, tinha olhos verdes, parecia jovem e tão trivial quanto qualquer outro cara com quem já saí.

Quando cruzamos olhares sorri para ele. Paquerar em bar nunca foi nada complexo, o sorrisinho inicial é o equivalente a abrir a porta do apartamento, a pessoa responde se tiver a fim e se não tiver, vira a cara. Se ele virasse a cara, eu ia sorrir para outro, mas ainda bem que ele sorriu, ufa, lidar com um fora na primeira tentativa seria o diploma de fracasso.

Ele se chamava Renato, tocava guitarra em uma banda de Jazz e estava ali com os amigos. Que bonitinho, né? E que chato! Sabia que ele nem reconheceu quando começou a tocar uma música do Ozzy no alto falante do bar? Você pode não gostar de rock, nem saber nada sobre o Black Sabbath, mas a voz do Ozzy é única! Ainda mais quando toca "No more Tears", vai.

O papo dele me irritava um pouco, homens são meios bobos quando estão paquerando as meninas, querem impressionar. Bebi toda a minha cerveja, ele quis me pagar mais e acabou me beijando. Dali, fomos para o carro dele e ele quis me levar para casa. Eu deixei, na porta nos despedimos e eu fui dormir. Ok, não transei com ele.

Fracasso número um.

05 BOLA 8 NA CAÇAPA!

“Ai, Leila, não acredito”, foi a frase que mais ouvi nas semanas que se seguiram ao meu fracasso número um. Foi como acumular fracassos.

Eu fiquei esperando o Renato me ligar como toda adolescente fica esperando — grudada no celular, olhando de 5 em 5 minutos -, esperei domingo, segunda, terça... e ele ligou na quarta. A Ruth achava que eu devia transar com ele e me fez prometer que eu não ia deixar ele escapar, mas jantamos fora e o Renato me deixou em casa de novo.

A Drica quase me enforcou quando eu contei para ela que estava gostando muito de sair com o Renato e que aquele par de olhos verdes me matavam de paixão. A Ruth queria saber se eu queria desistir do Clube, me apaixonar e casar.

Talvez eu quisesse... mas aí eu achei que três era um bom número de encontros para eu transar com o Renato. Coloquei minha melhor lingerie e depois de irmos em um bar, falei na cara dura que queria transar com ele.

Existem dois tipos de caras: os que sem delongas te levam pra cama e te amam enlouquecidamente e os que perguntam se você tem certeza.

O Renato era do segundo tipo e eu venho dizer a vocês que esses são o PIOR. Chego a conclusão de que quando um cara pergunta se você tem certeza ele já tá julgando você errado, tipo, você não é a garota virgenzinha que ele achava que você era e eles te passam da prateleira com plaquinha “pra casar” para do “curtir até cansar”. Pode ser que leve 2 dias, 6 meses, 5 anos, mas é só isso, você não tá na prateleira do “casar”. Você é safada, promíscua, suja, não

presta pra ser mãe, esposa, nada. Só presta pra ser uma caçapa de bilhar. Machistas!

Não entendo o que uma coisa tem a ver com a outra, mas prometo não filosofar a respeito... só basta dizer que depois de três meses de amor e sexo nota 3, o Renato cansou de mim. Foi legal enquanto durou. Quer dizer, mais ou menos. Era morno na cama, não tinha nenhuma posição de Kama Sutra e eu ainda tinha que aguentar uma porção de meninhas apaixonadas pelo guitarrista de Jazz com olhos verdes sempre que ele me levava para assisti-lo tocar.

Que ego, ein!

O cara precisa mesmo mostrar que é foda em alguma coisa pra mulher, como se precisasse provar que tem qualidades. Repare que quando vocês estão se conhecendo, ele precisa mostrar a você que entende de alguma coisa, que é bom naquilo que faz. Perceba as palavras que eles usam na paquera, não são aleatórias e jogadas ao vento, eles estão mostrando a você que o pinto deles "é grande" em ao menos alguma coisa. No caso do Renato: era música.

Quero entender por que as pessoas acham que ouvir Jazz e MPB fazem delas mais cultas do que as que ouvem Funk. Posso ouvir funk carioca e ler Nietzsche antes de dormir. Não, ouvir jazz não te torna mais culto musicalmente, só faz de você um idiota arrogante.

Além disso, nós mulheres estamos interessadas em uma única qualidade em vocês homens: aquela que vocês nunca tem. A de ser homem com H maiúsculo e não, ao contrário do que os homens pensam, não tem a ver com virilidade nem com o Kama Sutra, tem a ver com não ter medo de amar, nem de estar apaixonado, nem de ser fiel e nem de se compromissar.

Enquanto eu chorava horrores por ter sido deixada pela vocalista de uma banda em que ele tocava — outra dessas que se acha culta por cantar Maria Carolina e por ser gostosa (e isso ela era, afinal, ele me

trocou por coxas grossas e morenas) -, a Ruth e a Drica me enchiam de "eu avisei".

"Eu avisei"... Sério?

Algumas amigas precisam de um discurso melhor do que esse! Não precisa avisar: a gente sabe que vai dar merda, só queremos nos enganar que é eterno até lá.

Chorei, chorei e chorei. Até que eu cansei de chorar e me entupir de Chandon Rosé. Fui para outro bar com as meninas repetir o drama de paquerar, mas dessa vez eu não ia me apaixonar, não ia!

Preciso dizer que durou dois minutos toda a minha força e potência de mulher decidida que sabe o que quer, que usa saia com uma fenda lateral e acha que tá abafando como a Angelina Jolie? Não preciso.

No bar mesmo, virei pro lado e meus olhos se grudaram, como que pregados com cola Superbond em um rapaz de visual forte com uma camiseta do Misfits.

Ai meu Deus, me matem. Outro músico, não!

Não sei se foi o jeito com que ele segurava o copo de uísque, o piercing na língua ou o sorriso super fofo dele, mas tenho que dizer que em dois segundos eu ficaria de quatro por ele! Ou em qualquer outra posição que ele quisesse.

Por sorte, o músico nem me notou, ocupado com os amigos, em não errar a letra da música, enfim... ocupado com a vida dele. E eu já tinha tido a minha cota de maria-guitarra, queria algo totalmente diferente e novo. Algo bem aventureiro e maluco.

Procurei, procurei, procurei, mas não achei ninguém legal naquele bar. A Ruth perdeu a paciência comigo, a Drica pediu para ela me dar tempo, afinal eu estava na fossa por causa do Renato e eu, que queria provar que era mais gostosa que a Angelina Jolie quebrei o salto dançando na pista e voltei para casa contando o que seria o meu décimo quinto dia de fracasso.

Acho que não sirvo pra essa vida de mulher alpha.

As meninas se divertiam, eu escrevia posts amargurados com a raça masculina e fomos levando o blog assim por um tempo. Estava dando meio certo, a Ruth sempre me lembrava que eu não estava cumprindo com a parte do acordo, me acusando de não estar levando a sério o blog. Poxa, eu estava! Enquanto elas escreviam contos eróticos, eu escrevia a crítica amargurada quase feminista. Para mim, estava funcionando muito bem! Era uma forma de desabafar todas aquelas coisas presas na garganta e que eu nunca tinha coragem de falar pra ninguém.

Mas meu celibato durou pouco, para alegria da Ruth e da Drica que já não aguentavam mais meus lamentos e fracassos.

De volta ao mesmo bar de sempre o garçom colocou na minha mesa um Sex on the Beach e me apontou no meio da multidão o gostosão que tinha me mandado um recado. Eu nunca imaginei que alguém pudesse usar nomes de drinks como cantada, mas lembrei que uma vez a Ruth ficou com um carinha que deu a ela um Orgasm. Na verdade, foram dois: um de álcool e um na cama.

— Meu Deus, Leila, é hoje! — Ruth se empolgou puxando meu braço e eu me distraí, sem conseguir ver quem era o rapaz. — Vai tirar as teias de aranha!

Eu examinei bem minha amiga que a cada dia se transformava naquele visual de periguetei: vestido tubinho, salto plataforma de travesti e cabelos escovados. Uma versão da Valdirene... não, não aquela da novela Amor à Vida, aquela de Mulheres Ricas, mesmo.

Ruth estava cada vez mais loira, linda, gostosa e saindo com os caras mais ricos do pedaço, colocando em prática o seu plano maléfico de nunca mais dividir as contas e fazer eles pagarem a tudo sozinhos: o melhor quarto de motel e a garrafa de champanhe. Ela inclusive judiava dos rapazes que se apaixonavam por ela, se mandassem flores e não fossem rosas colombianas, ela dava nota 2, mas se o chocolate fosse Kopenhagen, ela subia meio ponto.

Suas notas no blog eram calculadas com precisão de acordo com a conta paga pela vítima no Motel. Era meio engraçado, ao contrário de mim ela não queria direitos iguais em nada, aliás, se pudesse ela voltaria no tempo e impediria que queimassem um sutiã em praça pública só para que quando se casasse, não precisasse mais trabalhar e fosse para sempre sustentada por seu macho.

— Que indiscrição! — Drica reclamou. Ela só saía com os delícias do mundo business, numa versão menos escrava de 50 tons de cinza, já que seria a Drica a dona das chaves das algemas, amarrando os gatões com suas gravatas na cama. E eu, o fracasso, só queria saber quem tinha me enviado aquele drink. — Opa, ele vem aí!

Virei a cabeça e vi justo quem? O vocalista com a camiseta do Misfits — mas dessa vez era do Ramones, com as mangas cortadas — calça jeans rasgada bem justa e uma touca preta nos cabelos meio lisos e meio enrolados que chegavam até o queixo, como uma versão melhorada — sim, me-lho-ra-da — do Ville Valo.

Ai, gente, socorro!

— Vamos dançar. — Ruth disse caçando sua taça de espumante levantando da mesa com o cigarro entre os dedos, dando a dica para que Drica se movesse também.

— Não vale se apaixonar, ein, Leila. — Drica falou antes de sair com seu coque perfeito na cabeça, sua maquiagem forte impecável e seu vestidinho nude discreto.

Eu olhei para o dono do drink, que vinha segurando uma long neck e um cigarro e me perguntei: Não me apaixonar como, por Deus? Antes mesmo dele virar a cadeira ao contrário para se sentar naquele estilo rockstar eu já estaria caída no chão sem forças no joelho.

Sorte que eu estava sentada.

— Oi. — Ele falou com um sorrisinho fofo por entre um cavanhaque ridículo. Quem foi que inventou cavanhaque?! Quem?! Se mata, por favor. — Eu me chamo Fabrício.

Ainda bem que ele tinha um nome ridículos desses, ou meu desespero latente ia me impedir de sorrir. Dei um risinho e remexi o drink misturando o amarelo com o rosa, até ficar da cor de um tomate, com o canudo.

— Leila, muito prazer. — “Muito prazer”, devo ser idiota por dizer algo assim, não é? Mas agora já falei.

Queria ser como a Ruth, que sabe o que dizer na hora certa e sem ficar vermelha, ou ainda como a Drica, que diz só o necessário e acerta na mosca. Mas ei, eu sou a Leila, a que fala e faz tudo errado. Pra não dizer mais nada, dei um gole no drink.

Quando somos mais novas, nossas mães dizem certas coisas pra gente que teimamos em não escutar quando ficamos mais velhas: não aceite drinks de estranhos, use camisinha e não leve estranhos para dentro de casa. Com o sócia do Ville Valo só não cometi o erro número dois.

Não tinha nada no drink que ele me deu, por sorte, mas eu perdi noção dos meus atos ainda assim. Nem avisei a Drica e a Ruth para onde eu ia quando deixei o bar aos beijos com o roqueiro desajustado com bafo de uísque e cigarro. Ele tinha um carro meio caindo aos pedaços e verde com um adesivo do Hulk na traseira.

Como o banco de trás estava tomado por seus equipamentos de música, só fomos tirar a roupa mesmo quando entramos no meu quarto.

Eu estava inebriada e não era pela bebida, mas pelo perfume dele. Era uma noite quente, mas eu nem lembrei de ligar o ar condicionado instalado no meu flat e caímos na cama que ficava há cinco passos da porta.

Não é um flat grande, não tem cozinha, só uma bancada, mas tem varanda e uma porta que separa meu quarto da sala — viu, não é uma kitchenette, embora na prática, dê no mesmo ou existam kitches maiores em São Paulo... Credo, o mercado imobiliário anda mesmo um lixo ultimamente.

Ele tinha olhos da cor do mel e músculos fortes. Subi por cima dele, beijei sua boca deliciosa enquanto ele puxou meu cabelo e tirou minha blusinha. Por sorte naquela noite eu estava com um sutiã melhorzinho que tinha acabado de comprar, mas me arrependi por não estar usando nada muito sexy como uma cinta liga. Uma cinta-liga é sempre um sucesso, anotem.

Arranquei sua camiseta só para ver aquele corpo trabalhado na academia, com um tanquinho mais gostoso que um... pudim. Ele era bem branquinho, só consegui pensar em pudim, e era mesmo um doce... Eu, como formiga doida por aquele açúcar.

Por que quando falamos de sexo, lembramos de comida? Já pararam para pensar nisso? O prazer carnal deve ser bem palatável de alguma forma. Eu não estava em condições de pensar direito com ele me agarrando forte, beijando minha boca com seus lábios frescos e nossos corpos se chocando em labaredas ferventes enquanto ele tirava minha roupa e eu a dele.

Não sei como não morri desidratada de tanto calor, meu corpo parecia colado com o dele em uma sincronia que até então eu nunca tinha experimentado. Ao fim do maravilhoso sexo e melhor orgasmo

que eu podia ter tido (eu daria nota 10, mas o blog só vai de 0 a 5), caí exausta por cima dele, escutando seu coração bater forte... Foi como estar no céu depois de rodopiar por uma roda gigante e atravessar uma fenda no meio da galáxia. Ok, chega de exageros, mas deu para entender?

Adormeci, sonhei com uma praia, muito sol. Acordei com sede, ainda na mesma posição, abraçada com ele como se fôssemos um só, tipo alma gêmeas. Daí eu me toquei que já nem lembrava mais do nome dele e de que eu só podia estar louca de estar fazendo tudo aquilo!

Eu nunca tinha transado com um cara que conheci na mesma noite e apesar de ter sido divertido, delicioso, perfeito... Eu já estava me apaixonando e não era essa a intenção.

— Ai! — Falei no susto, sentando-me. Cobri meu corpo com o lençol sentindo vergonha de mim mesma.

Transei com um cara que tem um carro verde com adesivo do Hulk! Será que eu estava cega de tanto tomar vodca para ignorar todos aqueles sinais? Puxei o lençol e acabei descobrindo ele. Que vergonha. O empurrei da cama, até ele cair, para não ter que olhar mais para aquele corpo perfeito.

— Acorda, ô, inútil! — Berrei.

Ele caiu com um estalido seco no chão e se sentou, ainda sonolento, coçando os olhos:

— Nossa, que foi? Tá pegando fogo no prédio?

— Não e você tem que ir embora! — Joguei um travesseiro entre suas pernas, cobrindo a tentação. Virei de costas.

— Ah, não, são três e meia da manhã. — Ele voltou para a cama, beijou meu ombro e deitou de bruços. — Vou embora depois.

Eu queria tirar ele dali, mas fiquei com medo de tudo e com vergonha também, fora que o beijinho que ele me deu no ombro foi considerado romântico imediatamente e eu perdi coragem de expulsá-lo. Corri pro banheiro, tomei banho, vesti rapidamente uma roupa no maior silêncio para ele não acordar e fui para o sofá dormir depois de cinco copos de água.

Amanhã, logo cedo, quando recuperasse as forças no joelho, eu ia expulsá-lo aos tapas de casa!

Eu me sentia como um perdedor que acha que ganhou muitos pontos num jogo e descobre que perdeu.

Como encaçar a bola 8 na primeira jogada. Saldo? -7.

06 FABRÍCIO

Sonhei com praia, eu estava me afogando e acordei no susto sentindo cheiro de café e ovos mexidos. Não, não, não, não! — Repeti pra mim mesma mentalmente sem coragem de abrir os olhos e ver o que estava acontecendo diante de mim, na cozinha.

Meu flat é pequeno, — não é meu de verdade, eu pago aluguel, — a cozinha se parece mais com um pequeno corredor com uma pia, fogão de quatro bocas, uma mini-geladeira e uma bancada de madeira que também pode ser usada de mesa, onde fica inclusive o sofá em que eu estava dormindo, de frente para a tevê recém-comprada e que eu ainda estava pagando.

Esperiei um momento, ouvi alguns barulhos até que alguma coisa se quebrou.

— Droga. — Escuto a voz do meu pecado de ontem a noite e quero morrer. Se ele quebrou um prato, vou matá-lo com a faca da cozinha. Meu aparelho de jantar custou super caro e eu já quebrei dois!

Prendo a respiração. O barulho de cacos sendo removidos do chão e da lixeira abrindo e fechando são percebidos de imediato. A porta da geladeira abriu e fechou. Por fim, uma latinha se abre. Por favor, que não seja a latinha de Lipton Ice Tea que eu estou guardando para segunda-feira no meu almoço!

Não aguentei de curiosidade e estiquei a cabeça. O pecado estava ali, de costas — meu Deus, por que tão torneadas e grandes? — de calça, mas sem camisa e a latinha ao lado do fogão na pia era de uma cerveja que eu nem lembrava que tinha, para melhorar, vi dois pratos empilhados, o que significava que eu ainda tinha meio aparelho de jantar intacto! Ufa.

Jogo as costas contra o sofá de novo e finjo ainda estar dormindo, enquanto decido se devo deixar o cara tomar café, beber cerveja, comer ovo, ou se o mais certo seria expulsá-lo dali. Quer dizer, não podia ser tão mal assim, ele não tinha aberto a latinha de chá.

Espreguicei-me, fingindo que ia acordar como uma princesa, na esperança de receber um carinho do príncipe, afinal, ao que me consta, ele estava cozinhando pra mim.

— Eu achei que dormia demais, mas você, ein guria...

Abro os olhos e o vejo apoiado na bancada, segurando a latinha de cerveja e me observando com um sorrisinho de canto. Ai, droga. Meus olhos não evitam conferir cada músculo de seu braço e vejo uma tatuagem de um dragão. Tenho que morder a boca, mas não me aguento em reclamar:

— E você é um folgado, abrindo minha geladeira e pegando o que bem entende!

Ele dá de ombros. Dá um gole na cerveja e depois soa arrependido:

— Te compro outra depois. Quase ri. Com que dinheiro? Nem se vendesse aquele carro caindo aos pedaços ele não conseguiria me pagar nada! Acho que nem uma balinha de menta.

— Tá com fome? — Ele pergunta, o que me impediu de rir.

— Poderia comer um boi inteiro. — Falo, vendo ele abrir um sorriso fofo de novo.

Ele virou para a cozinha, pegou um prato e depois me estendeu com ovos mexidos e um garfo. Que bonitinho. Endireitei-me para sentar e coloquei o prato nos joelhos, sentindo a porcelana quente, mas sem me queimar. Dei uma garfada e estava meio sem sal, mas não liguei.

Ele se sentou do meu lado e me fez um chamego, puxando meus cabelos pro lado e cheirando meu pescoço. Meu corpo todo se arrepiou e eu tive certeza que estava perdida, por isso, fugi me levantando e fingindo que ia pegar algo para beber. Peguei um copo, abri o lixo só para ver o que ele tinha quebrado — um copo, os pedaços estavam junto do coador de café, possivelmente de onde vinha o cheiro, pois constatei a cafeteira vazia — e voltei a me sentar do lado dele, que ficou só me observando.

Ainda não me lembrei do nome dele e isso me causou um incômodo quando ele me abraçou, passando o braço por meus ombros. Senti o cheiro de cerveja de seu hálito e com o garfo na boca, perguntei:

— Não vai comer?

— Você tem noção que são quatro horas da tarde e que eu já comi, né?

— Quatro horas? — E que folgado, como assim ele já comeu? — Jura?

— Aham. — Ele morde minha bochecha e eu já me sinto derreter.

— Então já passou da sua hora de ir embora. — Falei, revirando os olhos e enfiando mais ovo na boca. Sou chata quando quero, admito! Mas eu estava tentando manter a regra do Clube: não me apaixonar, não repetir o prato... por isso ele tinha que ir embora.

URGENTE.

— Depois eu vou. — Ele sentenciou e beijou minha cabeça. — Agora vou tomar banho. — Saiu do sofá, deixando a latinha em cima da bancada da pia.

Fiquei escutando o chuveiro ligado e me perguntando se ele lembrou de pegar uma toalha ou se ia gritar pelo meu nome no meio do banho em uma desculpa esfarrapada e erótica, então resolvi verificar o que ele estava fazendo, mas antes, passei na cozinha, lavei o prato que usei, a frigideira e a colher de pau que ficaram em cima do fogão, meu copo e taquei a latinha com o resto de cerveja no lixo.

Qual o problema de vocês homens com organização? Não vai cair a mão se lavar a louça, o detergente não é ácido!

Quando entrei no quarto, lá estava o pedaço de mau caminho com uma toalha na cintura saindo do banheiro. Notei o espelho embaçado por causa da água quente e o tapetinho de chão revirado. Detesto bagunça e ele parece ser um ímã que revira tudo que tem no caminho por onde passa e tira as coisas do lugar.

— Agora você vai embora? — Perguntei, cruzando os braços.

— Só preciso lavar minha camiseta...

— Eu lavo num instante! — Catei a camiseta que estava ao chão, bem nos meus pés, junto com o lençol embolado e um travesseiro caído.

Já estava pronta para sair do quarto em direção à minha pequena e humilde máquina de lavar roupa quando ele me segurou.

— Lava depois. — Abraçou-me com a pele quentinha de sair do banho e lábios mais doces que o mel.

O cheiro de sabonete exalando de seu corpo foi como um afrodisíaco irrecusável.

Fizemos sexo de novo.

Duas vezes.

No jantar pedi uma pizza e antes de deixá-lo dormir do meu lado, fizemos sexo. Acho que foi o dia que eu mais fiz sexo na vida!

O celular na minha bolsa toca no instante em que eu abro a porta do meu flat, com as luzes todas acesas e a porta da varanda aberta convidando todos os insetos de São Paulo para entrar na minha casa. Ali mesmo retiro o aparelho da bolsa pequena de couro cor de petróleo que uso todo dia para ir trabalhar, única hora em que eu uso sapatos ao invés de allstar, calça social ao invés de calça jeans e camisa, ao invés de uma camiseta roubada com perfume de homem.

— Alô? — Atendo apressada, antes de ler o nome no visor.

— Leila? — É a voz de Bernardo, ele quase nunca me liga. — Tudo bem?

— Tudo sim, que foi? Por que tá me ligando? — Estranho e vou entrando no flat, fechando a porta e passando a chave.

— A Drica me passou o blog, estou lendo. — Ele diz. Ai que vergonha. Sinto minhas bochechas pegarem fogo no instante que me viro para tirar meus sapatos. Tenho mania de deixá-los bem perto da porta, pois só calço quando saio de casa. — É genial! Já pensaram em procurar um portal de conteúdo? Tem revistas femininas que matariam por esse tipo de matéria.

— Nossa, não me diga que você leu tudo o que eu escrevi. — Quero

morrer e bato a testa na porta, mas me arrependo logo depois, soltando um “ai” sem som e passando a mão onde dói. — Leu?

— Eu li, sim. — Do outro lado da linha, ele diz, quase rindo.

Não sei dizer se ele está debochando de tudo o que eu escrevi ou se está mesmo me elogiando. O Bernardo é sempre um mistério pra mim, depois de tudo o que aconteceu procuro não passar muito tempo decifrando-o para não ser mal interpretada.

— Gostei da sua crítica ao tamanho da cueca, acho que grande parte dos homens são mesmo assim.

— Oh. — Fico muda e estática. Ele realmente leu. Bato a cabeça na porta de novo.

— Mas não acho que tem a prateleira do “pra casar”. — Ele me critica.

— Isso vindo de um cara que sai com cinquenta meninas por fim de semana chega a ser ridículo. — Logo me defendo.

Não sei por que razão não lido bem com críticas, mas não lido. Ainda mais quando é assim, hipócrita e machista.

Escuto Bernardo rir e enquanto me viro para andar até meu quarto, tropeço no puff fora de lugar e caio de cara no chão, soltando o celular que vai parar ao lado de uma meia preta, um pé só e com chulé.

— Ai... — Digo e pego o celular.

— Leila? Leila? O que foi?

— Eu caí, nada demais. — Aviso e me estico para pegar a meia. Meu sangue ferve. Odeio bagunça, acho que já disse isso. — Fabrício! Fabrício!

Mas nada de resposta, quem fala comigo é Bernardo, do celular.

— Que Fabrício?

— O cara que eu tou ficando... — Minha mente só pensa em como ele é lindo, gostoso, maravilhoso e tirou aquele cavanhaque ridículo quando eu pedi.

— Ele taí? Onde você tá?

— Em casa, ele tá passando uns dias aqui, mas tudo fica uma bagunça! — Reclamo e me coloco em pé. Pego uma camiseta do sofá, cinza, com uma estampa do AC/DC. Dali posso ver a pia e nem quero comentar.

— Ele tá morando com você?

— Não, ele tem a casa dele, só tá um tempo aqui.

— Quanto tempo? — Duas, três semanas.

— E onde ele mora?

— Sei lá, não perguntei. — Digo pegando uma calça entre a sala e o quarto, já cansada do esforço. Tem sido impossível chegar em casa e ir direto pro banho, sempre tenho que arrumar tudo antes e a cama fica sempre uma bagunça.

— Tem certeza que esse cara não tá usando você pra ter onde morar? — Bernardo lança no instante em que meus olhos batem na cama toda revirada. Que saco! Eu tenho certeza que arrumei antes de sair de casa, o que me leva a outro problema: Fabrício passa o dia inteiro dormindo e bagunçando a casa, soltando latinhas de cerveja em tudo o que é lugar e toda noite, vai pro bar cantar.

— Você acha? — Sento no meio da bagunça na cama, em choque. Pensando bem, eu não sei nada do Fabrício, nem mesmo o sobrenome.

— O que você acha? — Bernardo reproduz a pergunta, para me fazer pensar.

— Não, acho que ele não seria esse tipo de babaca. — Eu levanto de novo e pego uma jaqueta de couro de cima dos travesseiros, juntando-a aos pedaços de roupa que encontrei pelo caminho. O segundo pé de meia está em cima do abajur na lateral da cama.

— Você sempre namora algum tipo de babaca... — Escuto Bernardo suspirar impaciente.

— E você sempre critica todos os babacas que eu namoro. — Decreto sem culpa. É verdade, se tem alguém bom em achar defeito nos outros esse alguém é Bernardo. — Você é tipo o amigo gay que sabe de tudo, só que pega minhas amigas.

— Hm. — Ele faz meio cansado. — Eu só liguei pra falar do blog, não do seu caso do mês. — Chega a ser até malcriado, mas é só por eu chamá-lo de gay. Homens sempre se ofendem quando o assunto é virilidade. — Se quiser, posso falar com uma garota aqui que trabalha numa editora, quer?

— Vai pedir um favorzinho pra suas peguetes? — Brinco.

— Ela é lésbica, você pode pedir um favorzinho a ela.

— Não, passo. Lésbicas ficam devendo numa coisa básica que eu gosto muito.

Escuto Bernardo morrer de dar risada e tenho certeza que ele já ficou sabendo pela Ruth do “defeitinho” do João. Vocês já sabem por que eu usei o diminutivo, né?

— Vou falar com ela, te aviso depois. Beijo. — Ele desliga sem me dar chance de me despedir.

Suspiro e ligo o celular no criado-mudo. Arrumo o quarto, o banheiro, a sala, a cozinha e a varanda, deixo só o abajur aceso no quarto e me jogo no sofá para ver televisão e comer um pedaço de pizza de ontem, murcha e sem graça, mas estou com preguiça de pedir uma nova.

Mente de mulher é uma coisa louca, pois não desliga. Eu fico vendo a novela e pensando em tudo o que o Bernardo me falou. Eis que me toco da verdade: tão ocupada com a sensualidade de Fabrício, com seu cheiro, sua risada deliciosa e seu corpo quentinho toda a noite no edredom, que caí no golpe mais comum!

Não sei nada sobre ele, capaz de ele ser casado, ter cinco filhos e eu não saber de nada... Bem ele não teria idade pra isso tudo, mas ainda pode ser pior: vai que ele está mesmo só me usando pra ter onde ficar?

07 REMORSO

Não sei se fui muito cruel, mas acordo no meio da madrugada com a campainha tocando várias vezes. Sei que é o Fabrício querendo entrar. Eu troquei a fechadura e coloquei uma mala com todas as coisas que encontrei dele no corredor com um bilhete dizendo para ele não me procurar mais.

Acho que sou covarde demais para terminar um namoro, tão covarde quanto muitos caras que já conheci e que ao invés de me dizerem que não me querem mais, simplesmente desapareceram sem dar mais notícia.

Vou sentir falta do piercing na língua, que até conhecê-lo eu nem imaginaria que poderia ser usado para tantas coisas.

Cubro a cabeça com o travesseiro e durmo.

Acordo. Já é dia.

O despertador me avisa que preciso ir trabalhar. Eu me visto rapidamente, mais depressa do que todos os outros dias, mas só quero abrir a porta e ver se o Fabrício ainda está no corredor do prédio, já penso em fazer sexo com ele antes de sair de casa — ele é sempre muito disposto — e deixar ele ficar o tempo que quiser!

Abro a porta. Não, tudo vazio, ele se mandou. O corredor do prédio está com as luzes apagadas e meu suspiro ecoa.

Não sei se fico aliviada ou triste.

Tranco a casa toda, como sempre, e deixo tudo em seu devido lugar, talvez até feliz ao saber que quando voltar, tudo estará no mesmo canto, sem uma poeirinha fora de posição. É gratificante.

Trabalho o dia inteiro muito ocupada com meu chefe pegando no meu pé sobre todas as coisas! Parece que estou avoada, minha cabeça não trabalha direito e eu cometo diversos erros bobos que normalmente não acontecem. Mas a minha mente fica o tempo todo teimando em viajar para perguntas que não sei responder sobre Fabrício. Sei que ele tem mania de só comer porcaria e beber cerveja, mas não sei se naquele dia ele terá o que comer. Ou se vai acabar pedindo ajuda pra alguma ex-namorada da qual ele nunca me falou a respeito.

É meio estranho conhecer e não conhecer uma pessoa assim, dessa forma. Sei muitas coisas sobre o Fabrício e ao mesmo tempo, não sei absolutamente nada sobre ele, senão, eu já teria ligado mil vezes para seu celular perguntando como ele está ao invés de ficar imaginando se eu o magoei pra valer ou se ele simplesmente arrumou outra de quem tirar umas lasquinhas.

O dia acaba e eu estou mais exausta do que nunca! Abro a porta do apartamento só desejando tomar um banho quente. Acendo a luz, pois tudo é escuridão e vejo o meu cantinho querido do jeito que eu imaginei: todo limpinho e perfeito, com tudo em seu devido lugar como há dias desejo! Mas isso não me satisfaz.

Eu devia me sentir feliz, mas quando deito no sofá, estou chorando totalmente arrependida.

Que droga.

Quem foi que imaginou que eu ia sentir saudades do Fabrício?

— Ê! Até que enfim! — Ruth abre o Chandon Rosé para comemorar nossa primeira vitória: a Drica recebeu uma ligação de uma editora, a maior do mercado, querendo integrar o nosso site com um portal de conteúdo de uma revista impressa com dica de relacionamentos para mulheres jovens, de 18 a 25 anos.

Tivemos uma ajudinha do Bernardo, é verdade, e por isso ele está como convidado de honra tomando Chandon rosé com a gente, sentado no sofá da Drica. Entenderam os motivos que o fazem como um amigo gay? A gente só não fica de calcinha na frente dele. Nunca.

— Parabéns, vocês merecem! — Ele diz, com um sorriso amável.

Ele está de férias e de volta à São Paulo, avaliando uma proposta de emprego em um jornal televisivo. Confessou que não queria ter que mover a faculdade de Rio Claro de volta pra cá e chegamos a conclusão de que deve ter algo a ver com alguma garota. Ele negou veementemente dizendo só não se sentir mais a vontade em uma cidade grande, mas eu procuro não pensar nisso. O assunto de que até o Bernardo se dá melhor na vida amorosa do que eu, me aborrece!

— A Leila merece, depois que o artigo dela sobre bagunça masculina ganhou um prêmio na internet, nossos acessos triplicaram! — Escuto a Drica dizer e isso me deixa um pouco orgulhosa.

É uma vitória tola e pessoal, mas meu peito se enche de ar só de pensar: durante toda a história do Clube das Desapaixonadas só escutei que eu era uma inútil que não seguia as regras, mas foi justo um artigo que não era sobre pegação que ganhou um prêmio.

Ensaio um sorriso forçado ao constatar que é justo um artigo que eu escrevi por causa do Fabrício e que eu nunca mais o vi! E poxa, como eu sinto falta dele!

Nunca contei para a Drica e muito menos para a Ruth, mas saí com uma amiga do trabalho, a Maíra, indo de bar em bar por toda São Paulo atrás do Fabrício. Eu não sabia nem o nome da banda dele, então não deu para achar nada sobre ele na internet! A Maíra é do tipo romântica, namora sempre por muitos anos e acha que todo mundo deve fazer tudo por amor. Na concepção dela, estava me ajudando a correr o mundo em busca do único cara que eu amei de verdade.

Não sei como eu poderia “amar” com todas as letras e forças o Fabrício, pois ficamos juntos só 3 semanas e eu acho que o amor se constrói por um período mais longo que isso, mas eu me arrependi de como o tratei e precisava reencontrá-lo.

Eu podia ter feito tantas coisas: ter furtado a identidade dele enquanto ele dormia, ter fuçado no celular — que eu nem tenho o número — ou simplesmente perguntado sobre a vida dele e suas reais intenções, mas fiz aquela coisa horrível de nem me despedir. Talvez eu só me sentisse culpada por agir da mesma forma como agiram todos os caras comigo: me tratando como lixo.

Será que os homens tinham remorsos de como faziam as meninas se sentirem? Pra mim, eles não tinham, mas quando senti remorso por causa do Fabrício, comecei a pensar que talvez os homens não sejam tão sacanas e sem coração assim. Não sei a resposta para essa questão, acho que os homens só tem coração quando te amam, o que deve acontecer apenas uma vez na vida de um homem, ao contrário de nós mulheres.

— A Leila devia ter feito jornalismo também. — Escuto a voz de Bernardo me puxando de volta a realidade e olho para ele, de jeans e camiseta sem estampa branca com uma camisa xadrez por cima, figurino de todo estudante de jornalismo.

— Ai Bê, pra você, todo mundo devia ter feito jornalismo. — Escuto Drica reclamar e o som de sua voz é quase o mesmo do colegial,

quando ela reclamava que ele não queria cursar medicina.

Já posso adiantar o que vai acontecer, antes de acontecer.

— E pra você todo mundo tinha que fazer medicina. — Ele retruca.

— Médicos traem. — Ruth sentencia.

— Jornalistas também... — Acabo por dizer.

Todos eles olham para mim com a cara em susto e eu percebo a besteira que inventei de falar. Sério, olhem pra mim, sou burra, só pode! Acho melhor ficar calada e desvio o rosto do olhar de Bernardo, que parece querer me engolir. Não do jeito bom, mas do jeito “não ouse falar disso agora”.

— Os homens todos traem. — Drica parece ser a única a olhar para a minha frase com um significado diferente e muito mais nobre do que aquele que eu quis usar. Pelo menos alguém tem bom senso entre a gente.

Cruzo olhares com Ruth, e percebo que ela está analisando a situação. Não acho, sinceramente, que o beijo que dei no Bernardo foi responsável pelo fim do namoro dele e da Drica, mas não quero chatear a minha amiga que foi traída em todos os namoros — e acha que só o Bernardo foi fiel. E também não acho que fui a única garota que mexeu com o Bernardo, olhe só para ele: o cara fica com dúzias de menina em um mesmo fim de semana, é claro que eu fui só mais uma.

Drica levanta a taça para brindar comigo e a Ruth enfia a taça dela no meio, brindando também e concordando, ou só disfarçando. Eu engulo todo o meu Chandon Rosé.

— Espero que nos paguem muito bem. — Ruth diz, já pensando em todos os sapatos Manolo que vai comprar.

— E que não tenham só garotas lésbicas nessa editora. — Drica diz, já pensando em todo o sexo que vai fazer.

Percebo o Bernardo largar a taça em cima da mesinha e ir até a varanda, olhar para as estrelas em plena noite de céu nublado e chuva, mas talvez ele só esteja com ciúmes da Drica.

Sabe como é, homens são possessivos até com suas ex-namoradas, deve ser algo meio “homens das cavernas”, marcam território em todo lugar.

É pior que cachorro.

— “É pior que cachorro”, isso é genial, lembra aquela frase célebre “quanto mais conheço os homens, mais prefiro meu cachorro”! — A editora chefe elogia mais um texto meu, mas sinceramente, eu não estou muito contente com isso. Meus pés doem e a Drica e a Ruth me olham com aquele típico olhar de rivais de trabalho.

Acho que por mais que o salário na editora seja ótimo e nossas matérias estejam bombando, nada compensa ver suas amigas de adolescência com inveja de você. Eu trocaria de lugar com cada uma delas, só para ter um pouquinho de suas personalidades, elas são perfeitas e eu um burro de carga, mas naquele instante contemplo pela primeira vez que eu possa ser mesmo a que escreve melhor. Em uma redação jornalística isso nunca é bom.

— Vamos por na capa da revista! — A diretora parece uma garota de 13 anos que quer ser um menino: ela não penteia direito os cabelos,

que são ondulados e na altura do ombro, usa camiseta folgada, bermuda e aquelas sandálias de caminhada da cor bege. Não passa nem um micrograma de maquiagem e eu não entendo como ela pode encabeçar a chefia de uma revista feminina tão bem conceituada.

Talvez eu esteja sendo preconceituosa, mas eu assisti aquele filme O Diabo Veste Prada e achei que toda diretora de revista feminina fosse a Miranda Priestly. É um tapa na cara ver que não seja... e não, ela não é lésbica caso você esteja se perguntando, é casada e tem dois filhos com mais senso de moda que ela.

— Em destaque no site! Podemos fazer a revista inteira baseada nesse conceito, o editorial de moda pode ser feito ao lado de pequenos filhotes.

Mais uma vez sinto o peso do olhar de Drica e Ruth em cima de mim e quero morrer. — E o especial de Carnaval? — pergunto. Tinha uma matéria prontinha para sair na capa, de outro departamento, que falava sobre pegação, os bares mais badalados para se ir no carnaval. A revista é mensal, vão fazer o quê? Jogar aquela matéria prontinha no lixo? O Carnaval começa hoje.

— Estou falando da próxima edição, de Abril. — A editora chefe me olha como se eu fosse burra, isso porque acabou de me elogiar! Eu ein! Mas faz mais sentido! A de fevereiro está nas bancas e a de março já está no fechamento. — Agora me deem licença, — Espana a gente com um gesto com as duas mãos, mas se interrompe, pegando o conto de Drica que ficou por ali esquecido em cima da mesa. — Refaça com mais erotismo e menos vulgaridade, é uma revista feminina não a Playboy. — Entrega o papel para ela, sem nem se dar ao trabalho de ler direito.

— Sim, claro. — Drica engole o seu orgulho como uma pedra maciça de cimento.

Pego minha agenda e dou o fora dali rapidamente. Volto para a minha mesa e percebo que minhas amigas estão mais para trás. Viro a cabeça e vejo elas vindo devagar, falando meio baixo.

— Então te encontro no camarote da Brahma? Às seis. — Escuto Ruth perguntar. Drica dá um tapa nela e aponta pra mim com o queixo. Ruth abaixa a cabeça rindo e vai para a mesa dela, que fica mais afastada da nossa.

Ruth não escreve mais tantas matérias para a revista, ela costuma cuidar mais da área de dicas de sexo do site. Drica também escreve para o site e tem uma coluna fixa de contos na revista — meio que por causa do sucesso da série “50 tons de cinza”, a pauta está ainda em alta. E eu, bem, escrevo artigos aleatórios e a editora chefe vez ou outra me coloca na revista, quando gosta do tema. Aquela é a terceira matéria minha que vai para a capa e a primeira que define o tema inteiro do editorial. Eu estou orgulhosa, mas também triste, não recebi convite nenhum pro Camarote da Brahma.

Quando Drica senta do meu lado — na mesa mais próxima a mim — eu espero que ela me diga algo, mas apenas vira sua cabeça de coque impecável para o computador, abrindo o Facebook. Acho que ela não quer conversar e nem discutir as palavras de seu conto recusado pela editora.

Vou pegar um café e me demoro um pouco na copa.

— Você viu? Ela está na capa de novo, a editora quer cachorros no editorial... ah, me poupe! — É a voz de Ruth, fofocando com as meninas da seção de moda.

Escuto as coisas terríveis que elas têm pra falar de mim.

Recosto-me na pia e solto um suspiro dolorido. É como ser picada por abelhas, mas as ferroadas das melhores amigas doem mais.

Será que eu devia desistir da vida de blogueira, jornalista e celebridade juvenil? Tenho vontade de chorar e desejo poder ver um hipopótamo, embora acho que nem o hipopótamo me deixaria feliz. Sinto saudades do Fabrício e me sinto tão perdida...

— Ué, você não devia estar comemorando? — Escuto uma voz que não conheço e viro a cabeça para encontrar com um cara com crachá de fotógrafo. — É de você que estão falando, não é?

Dou de ombros, sem vontade de responder e tiro um pouco o sapato do meu pé, que está doendo horrores! Odeio usar salto, não sei porque insisto, não servem no meu pé!

— Eu sou Eduardo. E você? — Ele me estende a mão, com um sorriso.

Isso mesmo, esse é o Eduardo que vocês foram apresentados no prólogo. Ele está diante de mim com aqueles músculos maravilhosos que ele tenta esconder com uma camiseta branca que fica justinha e deliciosa no corpo de modelo dele. Os cabelos loiros e naturais estão escondidos por um boné horroroso que ele usa virado para trás e percebo que sua calça está suja de tinta de caneta... mas estou acostumada com pessoal mal vestido naquela redação.

— Leila. — Estendo a mão por educação, mas quando nossos dedos se tocam, já sinto uma conexão.

— Parabéns pela matéria... vai ser legal fotografar cachorrinhos ao invés de modelos com pernocas de palito. — Ele brinca, rindo. É um sorriso bonito e de alguma forma familiar, me faz bem. Acabo sorrindo também. — E então, onde vai passar o Carnaval? No Camarote Brahma?

— Não, acho que não sou muito bem vinda por lá. — lembro das expressões azedas em Ruth e Drica e logo desisto de camarotes. — Talvez eu vá em algum show de rock.

— Você curte rock?

— Aham e você? — Detesto ter que responder essa pergunta, já que todo mundo percorre minhas roupas procurando o elemento “do rock” que está faltando, mas não me importo com os olhares dele, nem quando percebo que ficou lá perdido no meu decote.

Homens as vezes são como adolescentes, já notaram?

— Não, mas meu irmão adora.

— Tem um irmão? Eu sou filha única.

— É, um pé no saco, vive fugindo de casa.

— Adolescente?

— Não, mas age como se fosse.

Bato os ombros. Não estou interessada em drama familiar e perguntar sobre o irmão dele é pedir para ouvir um mar de lamentações. Por um instante me sinto egoísta e, contrariando tudo o que pensei, pergunto:

— Mas... Ele tá bem?

— Melhor do que eu! — Dá risada, divertindo-se com minha cara. — E aí, te pego as seis? — As seis tá ótimo. — Confirmo com um sorriso feliz.

Ele me dá um beijo no rosto e sinto minha bochecha eletrificar-se. Não se engane, lembra que eu disse que o Eduardo não é um cara

legal?

Vira a página que eu te digo por quê.

08 KARMA

Vou separar os homens em mais dois tipos: os que se aproveitam de seu momento de fraqueza e os que te ajudam a superá-los. O Eduardo é do primeiro tipo, o famoso canalha. Mas não o culpe, eu já sabia o tipo de cara que ele era — ei, meu emprego depende de saber o tipo de cara que os homens são — quando aceitei sair com ele.

O sinal? Eduardo me abordou bem quando estavam falando mal de mim na editora. Tenho certeza que ele é daqueles que adora dar em cima de mulher que acabou de levar o fora, que está carente e topa qualquer coisa.

Ele não foi o primeiro cara que eu saí desse tipo. Quando não encontrei mais o Fabrício e decidi da caçada pelos bares da cidade, encontrei uns três ou quatro do mesmo estilo. Coloquei 100% em prática as regras do Clube com eles e foi só, nada de grandioso, nenhuma foda nota 5.

Mas já nem sei mais se faço parte do Clube das Desapaixonadas, então eu estava saindo com o Eduardo mais pelo esporte, ou pelo hábito. Não sei quando me tornei essa garota que transa com qualquer um que preencha os pré-requisitos básicos, mas uma coisa é certa: eu sempre fui uma menina carente mendigando atenção e tinha descoberto que tirar a calcinha funcionava muito bem.

Como gosto mais de rock do que de outras coisas, o Carnaval como a mídia vende é entediante para mim e como minhas amigas iam fazer coisas entediantes, eu não achei má ideia sair com aquele gatão do Eduardo e ignorar as ligações das duas falsas. No fundo, tínhamos a mesma intenção um com o outro. Ele, o canalha e eu, a safada.

Ele foi me pegar em casa em seu carro vermelho com ar condicionado, o que em fevereiro, faz toda a diferença. Levou flores, que eu joguei no banco de trás. Rosas vermelhas — nacionais, não eram nem colombianas! — estão meio fora de moda, mas eu não liguei, foi a primeira vez que eu ganhei flores sem ser aniversário ou formatura do colegial... mas não foi nada romântico, Eduardo era um galanteador barato. Homens também têm essa mania, as vezes te dão presentes para mostrar que tem o pinto maior que outros homens — os que não te dão nada. — e é só, não estão apaixonados, só querem impressionar.

— E aí, onde vamos? — Perguntei com meu visual roqueirinha: calça jeans preta, suspensórios vermelhos, allstar amarelo e uma camiseta roubada do Fabrício que ficou vinte dias na máquina de lavar roupa, bem aquela do Ramones, sem manga. Confesso, as vezes uso pra dormir. Dava pra ver meu sutiã de oncinha pela lateral e eu estava nessa intenção.

Notei que ele me deu aquela bela olhada, mas ele estava bem vestido também, com uma camiseta velha e cinza do AC/DC que deixava os músculos a mostra, mas com certeza ele não conhecia nenhuma música do AC/DC, o rádio estava sintonizando numa daquelas rádios que toca Rihanna.

O Eduardo pode ter todos os defeitos do mundo, mas a maior qualidade dele é exatamente “maior”, me entendem? E com aquele corpinho de modelo de cuecas, não tava precisando de mais nada. Ele podia até ser meio bestão como o Homer Simpson, quem liga? Eu não ia discutir sobre política com ele e muito menos sobre música.

Ele parou o carro no estacionamento perto de um bar, transamos. E foi uma completa droga, da qual me arrependi minutos antes dele gozar e torci para ele acabar logo e bem, ele acabou. Nota 0, já que não dá pra mandar um -1.

De que adianta ter o instrumento “avantajado” se todo o resto não compensa?

Saímos do carro momentos depois — me senti vazia e pela primeira vez, percebi que fazer sexo por fazer sexo, não tinha tanta graça: mesmo que o cara fosse lindo, te levasse flores e te tratasse bem. Tinha que ter algo a mais, qualquer sentimento, uma paixãoite que fosse, ou seria tão sem graça quanto comer fandangos murcho.

Foi a primeira vez que eu senti nojo de ter transado com alguém.

Acho que virei essa depravada por conta do Fabrício, pois tenho certeza que ele foi o primeiro cara com quem transei logo depois de conhecer. Quem sabe as coisas tivessem ficado pela metade ou eu apenas procurasse me redimir com ele de alguma forma, procurando-o nos corpos dos outros sem achar.

Nada especialmente com o Eduardo, ele era lindo, cheirava bem e preenchia os pré-requisitos mínimos de alto padrão, talvez eu só não estivesse me sentindo bem. Imediatamente quando terminamos, tive vontade de ir embora, mas, ao mesmo tempo, ainda nem tinha ido ao show. (E cá entre nós, eu tinha que me divertir ou daria o gostinho da derrota de bandeja para minhas ex-melhores amigas.)

— Preciso de uma cerveja! — Anunciei abrindo a porta e descendo do carro, acertando o sutiã por dentro da camiseta. Depois de um tempo você não tem mais paciência pra ficar tirando a roupa toda, ainda mais assim, em locais em que pode ser pega a qualquer momento.

— Eu também e estou morrendo de fome. — Ele falou conferindo os dentes no espelho da lateral do carro. Isso me entojou um pouco, que cara vaidoso e bobo!

Derrubei meu suspensório no chão enquanto contornava o carro e tomei um susto quando ao tirar o acessório do chão, ergui um pouco

a cabeça e vi um adesivo conhecido em um carro verde caindo aos pedaços. Sério, nem o para-choque do carro estava no lugar.

Fiquei branca e meu coração quase parou.

Acho que meu cérebro tentou pensar em mil coisas ao mesmo tempo e não conseguiu pensar em nenhuma por inteiro. Não sei se pensei se o Fabrício podia ter me visto com o Eduardo dentro do carro dele, mas senti tanta vergonha que repensei toda a minha vida.

O que eu estava fazendo naquele blog? Transando com qualquer um? Me vingando de quem? Quando foi que parei de acreditar em homens perfeitos? Ai meu Deus, o que foi que eu fiz?

O arrependimento bateu em mim mais forte que o remorso de ter trancado o Fabrício para fora de casa. Eu já queria ir embora antes mesmo de entrar no bar, pensei que seria pior ainda encontrar o Fabrício por ali. Pensei em fugir, claro, é o que eu sempre faço. Mas aí o Eduardo deu um chutão na roda do carro do Fabrício com tanta força que meu corpo inteiro estremeceu!

— Caralho, que carro lixo! — Disse. Por sorte, não quebrou nada e acabou acertando a roda prata no lugar.

Meu cérebro deu um nó, fiquei só olhando incapaz de pensar. Só faltava o carro desmontar ali — sério, eu acho que o carro desmontaria — e eu ter que passar a noite na delegacia encarando o Fabrício porque o Eduardo destruiu o carro dele. Seria um ótimo reencontro... só que não.

Não foi assim que imaginei reencontrar o Fabrício e olha que passei duas semanas indo de bar em bar atrás dele, segurando uma caixa de bombom e lembrando quão maravilhoso era estar com ele mesmo com toda aquela bagunça idiota que ele deixava na minha casa.

Fiquei branca, tão branca, que achei que ia desmaiar. E o Eduardo pareceu notar minha cara de susto.

— Opa! — Ele falou, arrependido do chute, passando as mãos pelos cabelos loiros e lançando um sorriso. — Calma, não precisa fazer essa cara.

— Toma cuidado, você podia pegar tétano. — Cruzei os braços, com os suspensórios na mão.

Eduardo se matou de rir, não achei graça, mas meu celular tocou bem na hora, tirei o aparelho do bolso e encarei o visor sem paciência. Era o Bernardo que provavelmente depois de duas horas beijando qualquer menina, notou que Ruth e Drica estavam no Camarote da Brahma sem mim!

— Bê? — Estava um som absurdo vindo do celular que mal ouvi o Bernardo tentar falar alguma coisa, mas parecia bêbado. Ótimo, só faltava ele estar ligando por ver Drica se beijando com alguém e teve alguma recaída. Homens e seus probleminhas de posse. — Não estou te escutando, o que foi?

Enquanto eu tentava falar com o Bernardo, Eduardo passou as mãos ao redor do meu corpo tomando posse de mim — reparou? — e me guiou até a porta do bar, onde tinha uma barraquinha de cachorro quente e um monte de gente em volta. Eu sei que dá fome depois do sexo, mas sinceramente, eu preferia que ele esperasse um pouco eu terminar de conversar no celular e me pagasse aquela cerveja.

— Tá uma droga aqui... — Escutei o Bernardo reclamar de língua enrolada. — Onde você está? Você não vem pra cá?

— Não, não vou. — Disse, com amargura, olhando meus pés para não tropeçar no asfalto, sendo basicamente arrastada por Eduardo.

Homens que não esperam as mulheres e não são cuidadosos acerca de seus passos na rua, não merecem meu respeito. Só isso! Eu já estava enjoada demais do Eduardo. Não o Eduardo em si, mas o tipo de cara que ele era e o tipo de garota que ele me fazia ser. Não culpando-o separadamente, mas sim a todos os homens canalhas que nem ele.

— Por quê? — Bernardo quis saber.

— Pergunta pra Drica e pra Ruth, ué! Elas que não me convidaram.

— Sério? Nossa, — Ele pareceu surpreso. — Onde você tá? Vou te buscar.

— Não precisa vir, não tou sozinha.

— Leila... tá com quem? Tá com quem?

Antes de que eu pudesse responder, o Eduardo soltou de mim para cumprimentar outra pessoa que estava ali na barraca de cachorro quente. Levantei a cabeça para olhar quem era e no susto, derrubei meu celular. Foi com o estardalhaço da queda do meu aparelho que Fabrício virou os olhos cor-de-mel pra mim... ao mesmo tempo que seu sorriso se fechou.

Naqueles dez microssegundos, entendi o que meu cérebro lento não foi capaz de descobrir com antecedência e evitar o caos: o irmão de Eduardo, que fugia de casa e gostava de rock, estava bem ali na minha frente. Era Fabrício.

Definitivamente, não foi assim que me imaginei olhando para ele de novo. Qual é, o cara mora comigo por quinze dias, nós temos a melhor conexão na cama e unicamente pelo fato do cara ser um

bagunceiro de marca maior, expulso ele do único lugar que ele tinha para chamar de casa.

Estava pronta para me jogar aos pés dele e me desculpar por tudo, perguntar se ele estava bem e se alimentando direito, antes que ele berrasse comigo e me chamasse de louca e o que ele faz? Isso mesmo que você não pensou: vira as costas pra mim e volta a conversar com uma garota magra e baixinha que estava por lá.

Ouch. Indiferença dói.

Lanço meus olhos em cima de Eduardo e não encontro ninguém, tenho que abaixar a cabeça para vê-lo juntando os pedaços do meu celular, momentos antes de ir cumprimentar o resto do pessoal.

O que eu faço? Ligo pro Bernardo? Saio correndo? Opção dois, claro, sempre mais fácil e prontinha para ser usada. Não corri muito, só atravessei a rua e entrei no primeiro táxi que eu encontrei. Disse o endereço da minha casa e não ousei em ligar meu celular de novo. Não queria mais ver ninguém.

Fui direto pro meu flat me amaldiçoar. Dessa vez, nenhum homem fez nada de errado comigo, eu que fiz tudo de errado na minha vida inteira. Não haveria Chandon Rosé nenhum capaz de recuperar a minha autoestima.

No trajeto do táxi até a minha casa, imaginei cinquenta mil diálogos diferentes entre Eduardo e Fabrício falando de mim, julgando minhas ações me taxando de louca, puta, promíscua... e senti vergonha dos meus atos.

No fundo, eu que me julgava assim. Eu precisava de uma bela mudança na minha vida!

09 FLORES E BRIGAS

Com os olhos inchados escondidos por um par de óculos escuros na moda, entro na redação depois do meu vexaminoso feriado de carnaval! Tento passar despercebida pela maioria das pessoas, vou driblando todos os meus conhecidos me escondendo em pilastras e esse tipo de coisa, mas ao entrar na sala da redação da revista, não tem muito o que fazer. Drica está em sua mesa, usando um terninho lindo que a deixa maravilhosamente sexy e com os cabelos presos e trançados, só esperando a hora de aparecer para olhar com desdém para mim.

Eu sei, minha roupa está horrível! Coloquei a primeira camisa que achei no armário, mas ela está um pouco (muito) amassada e minha calça jeans, apesar de preta e clássica, tem uma mancha de mostarda na perna! Mas o Desdém da Drica nada tem a ver com minhas roupas... Não preciso de muito para saber que ela ainda está rancorosa comigo. Não dou bom dia, nem ela.

Aproximo-me da minha cadeira, mas no local onde eu costumo largar minha bolsa, está um vaso de flores. Um vaso enorme de flores. Desses de floricultura, sabe? São umas trinta rosas colombianas vermelhas em um cachepot rústico no formato de coração. Há uma fita de cetim vermelha arrematando o produto ao lado de bombons de chocolate de uma marca bem cara e um ursinho de pelúcia branco segurando um coração vermelho onde está escrito "Desculpe-me".

Minha mente entra em parafuso. Desculpe-me? Mas, quem? Do quê? Fico um tempo parada olhando para a minha mesa e pisco diversas vezes meus olhos castanhos tentando ter certeza de que eles não estão criando uma ilusão. Não. O vaso (lindo, enorme, o maior que eu já ganhei) está mesmo ali em cima da minha mesa e parece ter custado uma fortuna. Meu coração dispara.

— Leiiii-la! — Escuto a voz de Ruth me chamando e viro a cabeça para ver a minha amiga loira e piriguete se aproximando com um sorriso em sua boca lotada de batom vermelho como seu vestido.

Eu sorrio nervosamente e alterno meus olhos do vaso de flores para Ruth e depois, para Drica, que lixa suas unhas desinteressada em mim. Estamos uma de birra com a outra, mas eu acho que a Drica está um pouco além, o jeito com que ela me ignora parece ser um “pouco a mais” do que uma birra!

— Onde é que a senhorita se meteu no carnaval? Tentamos te ligar mil vezes! — Ruth para do meu lado. Eu fico parada. Realmente elas me ligaram DE-POIS daquela noite no camarote e eu fiz questão de não atender. E então, ela vê o vaso. — Opa! O que é isso? Ui, ui, ui ein, amiga! Pelo visto você deu bem gostoso pra alguém!

Fico vermelha na hora.

— É, bem que o Bernardo disse que você não tinha ido ao camarote, que estava com outro cara. — Drica diz com a voz seca e de um jeito amargo. Ela continua lixando as unhas e percebo que estão sem esmalte. Drica nunca fica sem esmaltes, ela está sempre impecável. Só tem uma coisa que faz a Drica não se arrumar direito: só pode ser sinal de que ela levou um fora!

— Ele disse? — Fico branca. O Bernardo estava super bêbado quando falou comigo, por isso é um choque que ele tenha percebido que eu estava com outro cara, ou ainda, que tenha tido a cara de pau de ir fofocar tudo para as meninas! E justo pra quem? Pras minhas amigas invejosas doidas para detonarem comigo!

Como eu não percebi isso antes? Há quanto tempo será que a Drica e a Ruth sentem essa inveja de mim ou guardam esse ressentimento todo?! A Ruth está olhando pro meu vaso, mas seus olhos escuros não estão admirados ou felizes por mim. Na verdade ela está com o nariz empinado e uma sobrancelha erguida (a direita), como quem está achando ri-dí-culo o vaso que eu recebi. Acho que não preciso

dizer que, por mais que a Ruth colecionasse flores de seus peguetes, nenhum deles mandou um vaso tão grande e tão caro pra ela.

— Não foi só isso o que ele disse. — Drica ergue o olhar para mim. Percebo que não fui a única que fiquei chorando no carnaval, ela está com os olhos inchados e o nariz avermelhado. Eu mordo minha boca em receio. — Ele me disse como você o beijou fervorosamente no colegial.

Ai meu Deus. Para tudo! Esquece o vaso, o blog, a inveja das minhas amigas... Por que o Bernardo foi contar para a Drica? Era nosso segredo! Eu nunca falei para ela pois não queria magoá-la e o Bernardo também, a gente nunca conversou sobre isso, mas tenho certeza que ele nunca quis admitir para ela o que aconteceu e preferiu colocar uma pedra em cima do assunto. Então pra que ele iria revirar no lixo justo agora?

— Drica... — Ruth revira os olhos e coloca uma das mãos na cintura.
— Vai, não começa.

— Não, Ruth, não se mete. — Drica fica em pé e bate as duas mãos na mesa em um gesto que tem a intenção de me intimidar. Eu dou até um passo para atrás e o barulho chama a atenção de todo mundo da redação! — Eu quero ouvir. Vai Leila, me conta, você beijou ou não beijou o Bernardo no colegial.

— Eu beijei. — Digo simplesmente. As palavras saíram da minha boca sem peso, era até como se elas fossem leves demais. Eu não tinha remorso de ter beijado o Bernardo, nem um pouco! Pra dizer a verdade o Bernardo beija super bem e tem os lábios macios como nenhum outro cara com quem me beijei.

— Ai, não! — Escuto a voz de Ruth, ainda do meu lado, mas não consigo olhar para ela, Drica avança para cima de mim pela mesa, derrubando todas as coisas que estão em cima da mesa dela. — Ai! Ai! Ai!

Ruth grita, mas eu que sou arranhada no rosto por Drica.

— Sua vadia! Sua vadia! — Ela se joga em cima de mim de um jeito que vamos parar as duas no chão. Ela puxa meus cabelos avermelhados, arrancando alguns fios. É a típica briga de garotinhas. — Eu odeio você!

Eu nem revido, só procuro me defender. A gritaria começa e é uma comoção enorme pela redação. Termina com os homens nos afastando (um deles inclusive é Eduardo, me puxando pela cintura!) e a diretora aparece no meio do salão com os dois olhos bem abertos e uma careta feia de raiva.

— O que é isso? — Ela quer saber.

— Pergunte a essa vadia! — Drica se solta dos dois homens que a seguram (eu não sei quem eles são, me parecem freelancers e um deles é bem gatinho!). Ela arruma suas roupas melhor no corpo, ficando apenas com os cabelos desgredenhados como sinal de nossa cena de novela mexicana. — Ela é uma vadia ladra de namorados!

— Drica! — Ruth repreende Drica, mas eu acho que é mais porque ela está se queimando na frente da diretora do que por discordar que eu seja uma vadia.

Que saco! Por que o Bernardo teve que contar para a Drica isso?

— Eu não roubei o namorado de ninguém! — Defendo-me imediatamente. E é verdade! Depois daquele beijo eu e o Bernardo fingimos que não aconteceu nada e cada um continuou sua vida. — Você é que é uma louca controladora, qualquer um iria querer fugir de um relacionamento com você!

— Cala a boca sua puta! — Drica berra.

Opa! Do que ela me chamou? Meu sangue ferve!

— Calem-se as duas! — A diretora entra na discussão. — Vocês acham que a minha redação é a casa da mãe joana?! A partir do momento que entram aqui eu espero que vocês sejam profissionais!

— Não dá pra ser profissional do lado dessa vadia! — Drica continua me ofendendo.

— Não me chama de vadia! — Eu pego meu vaso de flores e jogo em cima dela.

Nós recomeçamos a brigar, dessa vez mais forte. Ela me dá vários tapas antes dos meninos conseguirem nos apartar. A diretora arregala bem os olhos castanhos e olha para nós duas de forma horrorizada. Minha camiseta está com um rasgo enorme na gola e todo mundo pode ver meu seio direito. Sou abrigada a escondê-lo com as mãos. Ai que vergonha!

— As duas estão demitidas! — Ela por fim grita.

Assim que eu perdi o meu emprego.

— Aqui, eu sempre tenho uma extra. — Eduardo me olha com seus dois gigantes olhos e me estende uma camiseta branca, dessas de usar em academia.

— Obrigada. — Troco a camiseta. Estamos no corredor do estoque, ao lado de uma pilha de revistas que são para doação (enviamos para blogueiras, levamos em eventos e feiras para sortear e coisas do tipo, como cortesia). É um lugar com muito pó, mas me escondi ali depois daquele vexame.

— Não tem de quê... — Ele bate os ombros e continua olhando pra mim. Não sei se ele quer me dizer algo ou se quer que eu diga alguma coisa, mas eu fico calada e comprimo os lábios meio para enfatizar a ele que não sei o que dizer. O silêncio fica em nós, denso, pesado. O Eduardo passa as duas mãos pelos cabelos. — Quer que eu te dê uma carona pra sua casa?

— Ainda preciso pegar as coisas na minha mesa...

Ele se abaixa e pega uma caixa de papelão que tem por ali mesmo. Bate na caixa com a mão tirando o pó e eu espirro. Ele ri.

— Aqui!

— Obrigada...

— Se cuida, ein. — Eduardo nem me abraça ou me beija no rosto, nada. Ele mantém uma distância de um metro entre a gente.

— Você também. — Eu digo.

A gente deixa o estoque, cada um para um lado. Eu achava que o Eduardo ia querer me encher de perguntas sobre o Fabrício, mas pelo visto, ter morado duas semanas debaixo do mesmo teto irmão mais novo de um cara vira assunto proibido! Eu vou até a minha mesa e a Drica está lá com a Ruth e as duas juntam as tralhas da Drica rapidamente, jogando em cima da caixa fazendo barulhos audíveis.

Sinto meu corpo inteiro doer e acabo sendo mais lenta em arrumar minhas coisas. Drica acaba primeiro (com ajuda é fácil!) e eu ainda fico por ali sozinha mais uns minutos. Vou encaixotando tudo sem

nem olhar para o que eu estou fazendo, empilhando as coisas de qualquer jeito, meus olhos cheios de lágrimas.

Alguém me estende o que sobra do vaso de rosas.

— Eram bem bonitas. — Ruth diz.

Eu seco meus olhos com o braço e pego o vaso. Ruth está com um sorriso simpático no rosto e isso me dá raiva. Parece até que ela está se divertindo com isso. As rosas estão despedaçadas e posso ver um envelope branco com um recado. Eu o alcanço e coloco em cima da caixa com todas as minhas coisas. Pego o envelope e abro.

As lágrimas mal me permitem ler o que estava escrito, a caligrafia é toda garranchada, horrível também. Alguém usou uma caneta azul de ponta grossa. Eu limpo minhas lágrimas e sinto Ruth se aproximar para ler comigo o cartão. Enquanto meus olhos não podem acreditar no que está escrito, ela lê em voz alta:

— “Preciso falar com você. Ligue agora! F.”

Tem até um coraçõzinho na lateral perto de um número de telefone celular. Eu fico confusa por um instante e tento ligar o nome a pessoa. “F.”? Eu conheço um monte de gente com nome que começa com “F”, por exemplo, um ex-namorado que terminou comigo na época em que eu arranjava relacionamentos através de sites de encontros românticos, mas tenho certeza que esse cara não tem ideia de onde eu trabalho. Poucos caras sabem onde eu trabalho, por sinal. Talvez o Bernardo e o Eduardo sejam os únicos... mas o nome deles não é com “F”. E de repente minha mente faz uma ligação bizarra. Tem uma pessoa que pode descobrir onde eu trabalho simplesmente perguntando para o próprio irmão. Por acaso essas flores caríssimas foram enviadas pelo Fabrício?

Minha mente dá um nó e eu começo a chorar mais ainda. Ruth me abraça antes mesmo que eu possa decidir se estou chorando de

tristeza, medo ou saudades. Ou de alegria, fala sério, o Fabrício me pedindo para ligar para ele é tudo o que eu mais quero.

— Leila, não chora! — Ela tenta me acalmar. Mas é horrível!

Poxa, não foi ela que combinou de ir para o Camarote com a Drica e me deixar de fora dessa história? Eu sinto tanta raiva! E o Bernardo então? Bêbado linguarudo, por que ele foi contar para a Drica esse segredo? Será que ele não pensou nas consequências? Eu me afasto de Ruth na hora e enfio o cartão com o telefone do Fabrício na minha bolsa. Depois eu decido se vou ligar ou não!

— Sinto muito pelo seu emprego. — Ruth torce a boca. — Mas você vai conseguir um outro lugar rapidinho.

— É talvez... — Tento não ser tão negativa a respeito disso, mas não acho que vou conseguir um emprego. Limpo meus olhos. — Pelo menos você não vai precisar fingir que gosta de mim...

— Que isso, Leila! Nós somos amigas de infância, é claro que eu gosto de você. — Ruth me abraça de novo. — Não estou brava que você ficou com o Bernardo no colegial, na verdade, eu já sabia. Eu vi no dia, vocês lá no sofá aos amassos! — Ela dá uma risadinha.

— Quê? Você viu?

— Eu vi. — Ela confirma pela segunda vez. — Mas aí depois você ficou com o Caio e o Bernardo continuou com a Drica e tudo ficou tudo muito normal. Eu não contei nada para vocês. O Bê tava muito bêbado no camarote, eu não sei o que aconteceu, mas a Drica e ele quebraram o maior pau! Eu levei o Bernardo para casa, ele nem lembra de nada... mas a Drica, bem, acho que ela lembra!

— Ai meu Deus... — Meus joelhos tremem. — Ela nunca vai me perdoar.

— É, ela não vai. — Ruth deu de ombros. — A Drica vai eternamente te culpar por isso. Mas eu acho que você tem que ligar pro Bernardo e conversar, sabe?

— Não, não. Melhor não. — Eu balanço minha cabeça em negação.
— Deixa essa história para lá, ela já causou muito mal. E outra, foi há tanto tempo que eu já tinha até esquecido.

Até porquê, eu tenho que ligar é para o Fabrício. Pensando nisso, pego a minha enorme caixa de coisas e coloco em baixo do meu braço.

— Melhor eu ir embora.

— Posso te ligar mais tarde?

— É melhor você ligar para a Drica. Vocês eram amigas muito antes de aparecer e estragar tudo.

— Deixa de ser cabeçuda Leila. Você é minha amiga também.

— E você deixa de ser hipócrita, Ruth! Eu ouvi você falando mal de mim a semana passada, aliás, já tem bastante tempo que eu tenho escutado isso! Não precisa fingir que é minha amiga. No fundo, você não passa de uma víbora! — Vomito em cima dela essas palavras e me preparo para sair.

— Leila! — Ela tenta me segurar, mas eu me solto dela com brusquidão. Ela fica parada estática. Eu me afasto e ela não vem mais atrás de mim.

Quer saber? Estou mesmo precisando de uma mudança na minha vida e esse é o momento perfeito para que eu finalmente decida algo por mim mesma!

Eu desço pelo elevador e piso para fora da Editora, bem no estacionamento. Eu não vim de carro, aliás, eu nem tenho um carro. Ir embora só se for de táxi, mas não vejo nenhum táxi por ali e tenho certeza que terei que esperar horas até um taxista aparecer disponível na editora. Aliás, eu ainda posso usar os taxistas da editora?

Enquanto meus olhos percorrem pelo estacionamento e eu me decido o que fazer, encontro com os maravilhosos olhos claros de Fabrício. Meu coração acelera, ele está lá fumando um cigarro encostado em seu carro caindo aos pedaços verde com o adesivo do Hulk. Eu sinto meus joelhos falsearem e acho que vou derrubar a caixa que eu seguro.

10 ALGUÉM COMO EU

Fabrcio vem ao meu resgate. Ele equilibra o cigarro na boca e segura a caixa antes que eu possa derrubá-la no chão. Ele está de touca preta na cabeça, mas é possível ver as pontinhas de seu cabelo escuro saindo para fora dela; uma camiseta de banda, jaqueta cinza e calça jeans. Ele está sexy, como sempre, mas precisa fazer a barba urgente. Fabrcio coloca a caixa em baixo do braço e puxa o cigarro da boca.

— Eu estava esperando você.

— Estava? — A informação me causa surpresa.

— Eu mandei flores, mas ouvi dizer que elas foram usadas como um porrete. Fiquei com medo de que você não ia pegar meu recado.

— Eu peguei. Depois de detoná-las, quero dizer.

— Eu posso ver! — Ele olha para o interior da caixa, onde o vaso de flores está basicamente sem pétalas e detonado. Mas ele sorri. — E aí, você acabou com ela?

— Ela que acabou comigo e perdi meu emprego.

— Fiquei sabendo que você perdeu seu emprego. — Ele começa a andar até o carro, coloca o cigarro na boca de novo e pega as chaves do bolso.

Eu o observo enquanto ele vai até o carro e abre o porta-malas, colocando minha caixa ali. Minha mente está um nó. Quer dizer, dá pra acreditar que o Eduardo contou tudo isso pro irmão dele e ainda promoveu o nosso encontro? Não, não dá! Até porque, tenho certeza que não foi o Eduardo que fez isso!

— Não vem? — Fabrício me chama, batendo o porta-malas.

— Você vai me dar uma carona?

— Vou né, você vai levar a caixa no metrô até em casa? — Ele ri, tragando do cigarro. — E sei lá, pensei em te pagar uma cerveja...

— Devo ter feito uma cara esquisita, ele fica nervoso de repente. — Ou Chandon Rosé, que eu sei que você gosta.

— Não, eu odeio Chandon Rosé. — Admito.

É verdade, eu detesto champanhe! Nada contra o Chandon, ele é muito bom, mas eu simplesmente detesto espumante, vinho frisé, e todas essas coisas com bolinhas. A única coisa com gás que eu gosto é refrigerante! Só tomava o Chandon Rosé por causa da Ruth e da Drica...

Fabrício franze a testa e torce a boca de um jeito bonitinho que ele faz quando está aborrecido. Ele acha que levou um fora, pensa que eu estou mentindo para ter uma desculpa para não sair com ele.

— Mas aceito a cerveja. — Digo com um sorriso e ele sorri largamente como se fosse uma criança. Seus olhos até brilham! Eu senti saudades disso, desse sorriso inocente e fofo que ele tem. — Mas você tem que contar por que veio até aqui. Quer dizer, eu te tranquei para fora de casa! E nosso reencontro foi assim, bem esquisito! Eu estava saindo com seu irmão naquela noite.

— Eu sei, ele disse... — Ele ri e se aproxima de mim. Ainda segurando o cigarro ele faz carinho em meus cabelos enquanto segura minha mão entrelaçando os dedos com a outra mão. — Mas

eu gosto muito de você, Leila. Eu acho que nunca gostei de alguém dessa forma.

Eu quase derreto com a declaração de amor, mas me causa muito estranhamento. Quer dizer, o Fabrício é irmão do Eduardo, vamos combinar? Não quero ser um motivo de guerrinha entre irmãos. Eu solto da mão dele e não deixo ele me beijar, segurando em seu tórax e afastando-o de mim.

— Tá, mas e o seu irmão? Isso não vai causar um estresse entre vocês, nem nada?

— Olha, Leila... — Ele massageia a testa com o polegar. O cigarro derruba cinzas no chão. — Eu não falo muito com o Eduardo, a gente é brigado e não tem nada a ver com você. Paramos de nos falar quando meu pai morreu, é uma história bem complexa, mas você só precisa saber que eu não aguento mais nem viver debaixo do mesmo teto que ele. — Ele traga o cigarro e olha para mim. — Não vai causar estresse nenhum e eu não me importo se piorar o estresse que já existe.

— Não sei, Fabrício... Como você tá sabendo que eu fui demitida então? Ou como descobriu onde é que eu trabalho?

— O Mathias tinha me avisado que o Eduardo ia aparecer lá no bar levando uma garota pra ver a gente tocar. O Mathias é baterista, você lembra dele, não é?

Não lembro não, mas não importa. Eu faço que me lembro, balançando a cabeça.

— E ele me disse que o Eduardo estava dizendo que era a mina mais gata do serviço dele. O Eduardo tá sempre saindo com as modelos que ele fotografa achei que fosse o caso. Fiquei branco quando vi que era você! E tipo assim, eu sei onde o Eduardo trabalha, essa foi

a parte fácil. — Ele ri. — Aí eu liguei aqui perguntando de você, mas quem me atendeu foi uma tal de Maíra e eu tive que explicar minha vida inteira para ela me dar o seu ramal e o endereço certo, qual andar você trabalhava essas coisas... Aí eu liguei hoje de tarde pra saber das flores, mas como você não tinha chego ainda, falei com ela de novo e ela me ligou depois dizendo que você brigou com uma guria e tals.

Eu quero dar pulos de alegria. Maíra! Isso sim é amiga, tá vendo a diferença? Se fosse a Ruth que atendesse, nunca ia deixar o Fabrício chegar perto de mim de novo na vida! A Maíra era minha colega no outro emprego, no escritório, antes de eu ser chamada para a redação, mas ela trabalhava super bem no financeiro e consegui encaixá-la na editora! Era o mínimo que eu podia fazer para agradecer a ela tudo o que ela me fez.

— E a Maíra até me contou que você e ela foram juntas nuns bares atrás de mim. — Ele dá de ombros e ri de novo. — Achei bonitinho e fiquei imaginando você rodando pela cidade com uma caixa de bombons, por isso eu mandei as flores...

— Xi, devem ter sido bem caras para você e eu estraguei tudo jogando elas em cima da Drica... — Eu fico com as bochechas vermelhas de vergonha.

— Nem tanto. — Ele ri e olha por cima do ombro para o carro. — Eu sei que eu dirijo essa lata velha e falei para você que só tocava na banda e mais nada, mas não é bem verdade... eu omiti umas coisas.

— Omitiu o quê? — Mordo a boca. — Não vai me dizer que tem dois filhos adolescentes e é casado, né?

— Não! — Ele ri de novo e olha pra mim. — Não sou casado, nem tenho filhos com ninguém. Eu tinha uma namorada quando fiquei com você e aí eu achei que você tinha descoberto e por isso tava puta comigo e me colocou para fora.

Abro meus olhos em susto.

— Você não sabia? — Ele ri nervosamente. — Eu terminei, eu juro... já tou solteiro tem algum tempo... quando te conheci muita coisa na minha vida tomou uma dimensão diferente! Não fica brava!

— Não estou, mas se eu tivesse descoberto naquela época, teria mesmo colocado você para fora de casa! — Eu dou risada só para amenizar a situação, mas minha mente ainda está em choque.

Eu mal consigo acreditar que estamos ali conversando enquanto ele segura a minha mão e eu escuto o timbre da sua voz (maravilhoso, já falei que ele é um vocalista talentoso?)

— Me colocou pra fora por quê então? — Ele traga o cigarro.

— Ah, foi uma idiotice. A gente não conversava nada e você nunca me dava detalhes e fazia a maior bagunça em casa... Eu achei que você tava se aproveitando de mim, por não ter onde morar.

— Claro que eu tenho onde morar, eu tenho minha casa! — Ele parece perplexo diante da acusação e a fumaça sai até fora de hora por sua boca.

— E depois o Eduardo comentou que o irmão dele fugiu de casa... Nossa me sinto péssima ter te expulsado, Fabrício. Fiquei imaginando você no meio da rua, na chuva, no frio, fiquei louca e senti falta até da sua bagunça.

Ele ri, como se eu estivesse contando uma piada.

— Poxa, Leila. Eu fugi há uns três anos atrás, quando meu pai morreu. Ficou insuportável morar com o Eduardo e brigamos bastante. — Ele joga a pontinha de cigarro no chão e pisa. — Eu moro no centro, sozinho. Se quiser, te levo pra conhecer meu apê. Prometo não esconder mais nada de você, nunca mais.

— Promete mesmo? — Cruzo os braços, mas lanço um sorriso. Ele sorri e me beija com vontade, me puxando para perto, abraçando-me com força. Meus braços ficam presos durante o abraço. Eu senti saudades do seu beijo, de seu calor e do seu cheiro misto (algo como cerveja, cigarro e perfume). O beijo tem gosto de nicotina e saudades, meu coração acelera. É incrível que ele possa causar isso tudo em mim.

Depois, ele me levou até a casa dele, um apartamento grande em um prédio mais velho no centro da cidade. Não é o melhor apartamento do mundo, mas o Fabrício me contou que é dele, não é alugado como o meu. O local é mesmo muito bonito, tem uma grande janela com uma varanda com vista para a cidade e como fica em um ponto alto, dá para ver a cidade inteira. É um pouco desorganizado (claro, o Fabrício é o Sr. Bagunça!) e não tem uma mesa de jantar, mas tem um conjunto de sofás em frente à uma televisão enorme, uma geladeira bem grande e um fogão de cinco bocas. Não sei muito bem como um cara como ele teve dinheiro para comprar o apartamento se ele dirige aquele carro caindo aos pedaços, mas antes que eu possa perguntar alguma coisa ele já está beijando meu pescoço e arrancando minha blusa.

Ele me deita no sofá e tira minha camiseta, eu puxo a dele também. Sinto sua língua percorrer meu ombro e pescoço enquanto o arranho nas costas largas. O Fabrício é um amante incrível, mas o melhor é que apesar de nos colarmos com força, ele é suave, me toca gentilmente e ao mesmo tempo, com desejo.

Eu me entrego totalmente! Em questões de segundo estou sem calcinha e Fabrício dentro de mim. Meu Deus, como desejei esse momento!

Na semana que se seguiu eu tive que dividir meu tempo entre atender às ligações de diversos veículos midiáticos querendo me

contratar, entrevistas de emprego e em dar o máximo de atenção possível para o Fabrício.

Toda noite nós jantávamos juntos e acabávamos enrolados um com o outro no sofá ou no quarto da minha casa ou da dele. A paixão entre a gente foi crescendo de forma avassaladora e o tesão cresceu junto... de um jeito que já não tinha mais lugar ou hora para fazer sexo, era onde estivéssemos, quando desse vontade. (Eu já comentei que ele é um amante incrível?)

Estávamos transando no estacionamento próximo à um bar de rock de onde havíamos acabado de sair. O sol estava começando a nascer e pintava o corpo maravilhoso do Fabrício em tons dourados. Os olhos dele ficam lindos ao nascer do Sol.

Eu segurei o forte em seus cabelos, puxando com força. Ele exalou ar e mordeu meu ombro, chegando ao clímax junto comigo. Eu o beijei gentilmente segurando em seu rosto e mordisquei sua boca. Fabrício abriu uma fresta na janela do carro e tirou os cabelos de cima dos olhos, ofegante. Eu tombei minha cabeça em seu ombro e pude escutar o coração dele acelerado.

— Eu te amo. — Ele disse.

— Não vale dizer que me ama depois de gozar. — Reclamei.

Homens estão sempre dizendo que amam a gente depois que gozam e não dá para saber se é verdade ou mentira. Quer dizer, ele pode sentir ali naquele momento de entorpecimento que ama, está em um segundo embriagado de paixão, mas não quer dizer que ame de verdade... a maioria se arrepende duas horas depois de ter dito.

— Falo sério. — Ele beija a minha testa com carinho. Ele está suado e eu também. Tenho urgência de abrir a janela mais que uma fresta.

— Diga isso daqui há duas horas, quem sabe eu acredite! — Dou risada e pulo para o banco dos passageiros, acertando meus seios

dentro do sutiã. Pego a minha calcinha do chão do carro e coloco no corpo. Acerto o meu vestido preto e procuro ajeitar meus cabelos.

— Direi todos os dias. — Fabrício joga seus olhos intensos em cima de mim e eu sinto um arrepio. Será que ele está falando sério?

Eu era assim. Costumava dizer que amava um namorado uma semana depois de estar saindo com ele! Era uma carência minha, eu era muito necessitada por atenção. É uma daquelas frases cheia de truques que nós mulheres usamos. A gente diz que ama o cara, mas sabe que ele não vai ter coragem de dizer que não ama... E se ele fica em silêncio, tudo bem, tentamos dizer de novo dali um tempo, Dificilmente ele vai ficar quieto todas as vezes, homens são assim: eles preferem mentir do que ter que encarar a verdade. Uma hora ele mente e diz que te ama. Aí você acredita, pelo simples motivo de que você quer tanto ser amada que não importa que é mentira.

É por isso que quando escuto o Fabrício me dizer que me ama (e fazendo as contas de que estamos juntos há oito dias), eu acho que ele está me enganando... Ou quem sabe, é imaturo demais para perceber que está enganado.

— Você não acredita? — Ele me pergunta fechando as calças e procurando as chaves do carro.

— Acredito sim, Fabrício. — Eu me inclino segurando em seu rosto com as duas mãos e beijando-o. — Eu te amo.

Ele sorri e dá partida no carro, manobrando.

— Dorme lá em casa?

— Estou há cinco dias direto na sua casa!

— Fica o sexto...

— Tudo bem.

— Sabe, eu acho que você podia não ir embora nunca mais. Gosto de ter você em casa. — Você está me convidando para morar junto com você? — Pergunto perplexa. Wow! Até um tempo atrás esse era meu sonho dourado, mas agora, parece que estamos apressando as coisas.

— Estou.

— Não sei... — Hesito.

— Hm, com medo de apressar as coisas? — Ele me pergunta acertando na mosca. Eu me afasto dele no susto e vejo que ele está sorrindo. — Já moramos juntos uma vez, então já fizemos o test drive... mas se você preferir, fica quinze na minha casa e depois a gente decide.

— Certo, acho que pode ser. — Sorrio. Ele me beija novamente e depois me leva para tomar café da manhã.

Estar com o Fabrício é tão perfeito que eu nem percebo em um detalhe importante nessa relação: o Fabrício, no fundo, é como eu... E isso não é um elogio.

11 DANDO A VOLTA POR CIMA

A melhor proposta que eu recebi nos dias que se seguiram foi para ser Diretora Editorial de uma revista online totalmente desconhecida e que estava indo a falência.

— Não, não, não... Você não pode aceitar essa proposta. — Bernardo balança a cabeça de um lado para o outro abruptamente, frisando o quanto discorda da minha decisão.

— Por quê não? — Pergunto enquanto seguro minha nova bebida favorita, um cosmopolitan, na minha mão esquerda. Eu estou de salto alto (eles estão me matando), com os cabelos soltos e toda produzida. Ultimamente tenho me produzido bem mais, usando saias e blusinhas mais coladas no corpo, tenho me sentindo muito sensual!

Estamos em um bar. Eu vim para o aniversário do Bernardo e sinceramente, preferia não ter vindo. O Bernardo é o cara mais “em cima do muro” que eu conheço! Acredita que, além de ter me convidado para a festa, ele também convidou a Ruth e a Drica? De onde estou posso vê-las. A Ruth está em destaque na antiga revista que trabalhávamos e a Drica conseguiu um cargo de destaque no blog da revista mais comprada do país. Que raiva! Elas estão nadando em dinheiro, rica, felizes e lindas... enquanto eu estou comendo o pão que o diabo amassou e dependendo basicamente da renda do Fabrício para viver. Não que ele ganhe pouco, mas depender financeiramente de um homem me deixa desconfortável!

— Vai encerrar sua carreira de uma vez por todas! — Bernardo me aconselha. Ele é Diretor Executivo em uma revista de pesca. Pela marca da calça jeans que ele usa, sei que ele não ganha assim tão bem, mas pelo menos ele está perseguindo o sonho dele! — A

Revista está falindo, os números estão péssimos e o diretor anterior abandonou o barco antes dele afundar... eles só querem alguém para culpar... e esse alguém é você.

— Eu acho que posso fazer algumas coisas para alavancar as visualizações do site, estou cheia de ideias. — E realmente estou! Pela primeira vez na vida estou empolgada com alguma coisa, por isso não gosto do banho de água fria que o Bernardo me dá.

— Não se iluda, a Revista está na pior há meses, Leila. — Bernardo dá um gole em sua cerveja long neck de garrafa verde. Ele está usando uma camiseta amarela, camisa xadrez por cima e bermuda. Fevereiro está terminando mas o calor está de matar!

— Na boa, que besteira. — Fabrício revira os olhos castanhos claros impaciente. Ele está do meu lado tomando sua vodca dupla sem gelo (para não atrapalhar na sua voz) e usando jeans e camiseta preta, como sua touca na cabeça. Eu sei, vocês acham ele a pessoa mais mal vestida do universo, mas eu acho sexy. Ainda mais assim, quando ele demonstra que por trás da aparência desleixada e do comportamento infantil, ele é na realidade um cara maduro. — Ela pode tomar algumas decisões de contingência e reverter a situação. Se as vendas subirem 15% já vai ser um marco e dali para frente ela pode galgar outra promoção ou até um emprego em outro lugar.

Viram só? Até suspiro olhando para ele e a gente troca um selinho, seus lábios estão quentes por causa da vodca e eu não vejo a hora de arrancar sua camiseta. Lembra que o Fabrício disse que tinha omitido algumas coisas sobre a vida dele? Então. Na verdade ele não é um pobretão sem lar e nem um roqueiro aventureiro incorrigível... ok, essa segunda parte ele é... Mas de pobre o Fabrício não tem nada.

Ele é dono de uma empresa de organização de eventos. Ele trabalha com locação de estrutura e cenografia, e já produziu alguns shows grandes pelo Brasil afora; mas o que dá dinheiro mesmo são os

eventos corporativos, como feiras e exposições. O carro que ele dirige (o do Hulk), foi um presente do pai dele de herança, então por isso ele nunca se desfez do carro (mas eu estou tentando convencer ele ao menos a deixá-lo por alguns dias no mecânico e consertar algumas coisas, o que é uma tarefa difícil, ele morre de ciúmes daquele carro!).

O Fabrício não fala muito sobre como foi que o pai dele morreu ou por quais motivos ele brigou com o Eduardo, mas ele tem muito ressentimento. Como depois de tudo isso eu ainda acrescentei mais lenha nessa fogueira me envolvendo com os dois, nem tento tecer comentários sobre o assunto ou dizer ao Fabrício que ele devia dar uma chance para o irmão, ou vou acabar só piorando as coisas.

— Bem, isso é verdade mas... — Bernardo tenta contra argumentar.

— Deixa a Leila seguir o sonho dela, cara. — Para encerrar o assunto como um vencedor, Fabrício enlaça minha cintura e beija meu pescoço, mordiscando o lóbulo da minha orelha de um jeito de arrepiar.

Seguro uma risadinha engolindo cosmopolitan e vejo o Bernardo suspirar impaciente, afastando-se da gente. Ele vai até a Drica, para conversar, mas eu já estou aos beijos quentes com o Fabrício.

Meia hora depois nós dois fugimos do bar para o motel mais próximo.

Desde que eu assumi a direção da revista digital as vendas e assinaturas aumentaram bastante, eu recebi até um bônus salarial por isso! Inovei em poucas coisas, mas minha melhor jogada foi um canal de video-tutorial, com maquiadores e artistas convidados! Suce-ssso! Em breve vamos lançar um reality show em parceria com um canal de assinatura, que vai ser outro sucesso! Estou com a

carta branca para seguir em frente e pela primeira vez na vida, tudo está perfeito.

Meu único problema com o Fabrício são os sumiços que ele dá.

Eu sei que o emprego dele exige dedicação e que ele tem que viajar bastante para reuniões de negócios, shows com a banda e tudo mais, mas eu fico possessa quando ele não me avisa! A primeira vez que ele sumiu, eu surtei.

Eu estava em casa (agora moramos juntos no apartamento dele, pois estou juntando dinheiro para comprar o meu apartamento) e como estava atolada de serviço acabei dormindo mais do que eu devia. Acordei no meio da noite e vi que ele não estava lá. Liguei para ele, nada. Voltei a dormir e quando acordei liguei de novo e... Nada! Passei o dia inteirinho me martirizando, imaginando mil coisas, que ele estava me traindo, essas coisas que nós mulheres sempre pensamos. Ele apareceu só no jantar, me dizendo que o telefone estava sem bateria (estava mesmo, eu olhei!) e que tinha virado a noite supervisionando a montagem dos estandes de uma feira de noivas.

Eu sou bastante ciumenta em relação ao Fabrício e não é que ele me dá todos os motivos para desconfiar dele, não, ele me deu um. Um só foi o suficiente e agora toda vez eu surto.

A primeira vez que moramos juntos — aqueles quinze dias na minha casa — ele estava namorando e traiu a namorada ficando comigo. Ele confessou para ela e terminou, ele confessou para mim e não deu nenhum problema de imediato, mas pouco a pouco foi aparecendo aquela pulguinha atrás da orelha sempre que ele some e que me diz: “E se ele estiver com outra?” É desesperador!

O Fabrício também não me avisa quais são os dias de folga dele, então é uma droga! Eu podia deixar para folgar com minhas horas extras em um dia que ele está livre, mas acaba ficando tudo

desencontrado (uma vez ele folgou no dia seguinte ao meu e nem deu para ficarmos juntos). Isso me tira do sério.

Já tem seis meses que estamos morando juntos e ele sempre faz isso, não adianta conversar. Ele diz que vai procurar ser mais atencioso comigo (e ele é bem atencioso sem contar que é super quente na cama), mas acaba sempre esquecendo de que, enquanto ele trabalha que nem um cavalo, tem uma égua esperando por ele em casa. Credo, égua. Que analogia idiota...!

Meu telefone celular toca e eu pego ele de cima da minha mesa encarando o visor.

— Com licença. — Peço para minhas duas funcionárias que aguardam o meu aval sobre o cronograma de matérias da semana.

— Alô? Fabrício?

— Oi amor. — Ele diz todo meloso, só por isso já sei que lá vem bomba. — Tudo bem? Pode falar?

— Rapidamente, estou em reunião.

— Perdi o voo, vou atrasar. — Ele dispara.

Quero morrer. O Fabrício não é nada, nada, nada pontual. Eu não sei como ele consegue manter o trabalho dele em ordem se na hora de voltar para casa ele sempre se desvia do caminho por causa de algum motivo idiota (uma vez ele parou numa loja para comprar um violão, deixou o celular no carro e ficou horas escolhendo).

Ele tem uma secretária, a Yolanda, mas ela é uma senhora e não tem mais disposição para ficar cuidando dos horários dele ou talvez, de tanto trabalhar com esse idiota, ela já desistiu de fazê-lo ser pontual. Imagine só quando eu me casar com ele? Aposto que eu

que vou ficar esperando duas horas no altar! Por que os homens fazem isso? Parece que advinham quando temos um compromisso importante e mesmo que tudo esteja perfeito para o dia, eles se atrasam e nada mais fica perfeito como deveria ser! Eu fico seca na hora, mas procuro não demonstrar minha insatisfação logo de cara.

— Hm. Você tá lembrado de que hoje eu tenho que receber o prêmio da Imprensa, não tá?

Seis meses depois que eu assumi a revista e nosso site já ganhou um prêmio! Não é nada demais, não é nenhum VMB ou Oscar, mas é um prêmio de reconhecimento que aumentou muito a estima dos meus funcionários, obrigada!

— Tou... — Ele fica meio nervoso do outro lado da linha e eu tenho certeza que ele esqueceu. Suspiro aborrecida. — Droga... Olha. Eu vou direto do aeroporto para lá.

— Aposto que você está sem terno.

— Tem que ir de terno?! — Ele surta do outro lado.

O Fabrício odeia terno. É por isso que ele tá sempre de camiseta de banda e calça jeans, é péssimo para os negócios dele, mas não tem jeito. Só consegui fazer ele usar uma gravata uma única vez e era porque ela vinha de conjuntinho com um cueca que eu comprei no sexshop. Haha! A gente tem uma vida sexual bem apimentada, essa é, sem dúvida, a melhor parte. Pensando em como ele ficou lindo e sexy naquele conjuntinho e como meu orgasmo com ele sempre é nota dez (ainda tenho o hábito de dar notas), derreto.

— É, tem que ir... é um evento social.

— Hm tá. Eu dou um jeito, amor. — É, eu sei que ele sempre dá. — Te encontro lá direto, pode ser?

— Tudo bem, tudo bem. Você me liga?

— Claro. Eu ligo. Até mais, te amo.

Eu desligo sem responder. Não é que quero ser mal educada e nem que eu esteja punindo, mas estou em reunião e meu trabalho se baseia no quanto nós podemos ser cruéis e feministas com os homens... mentira, já parei com essa vida de desapaixonada e por isso, enquanto acho que estou punindo o Fabrício por alguma coisa, já mando um SMS dizendo que ele podia usar aquele conjuntinho sexy de cueca e gravata de novo, fica mesmo uma delícia nele!

— Acrescente na sua pauta uma matéria sobre homens que não conseguem ser pontuais e acho que podíamos fazer um mapa interativo de artigos de sex-shop, seria bom vermos alguns anunciantes nisso! — Digo para uma das meninas, a loira.

— Tá bem. — Ela bate os ombros concordando. Ela se chama Ivana e apesar de estar noiva, vive traindo o namorado. — O que mais?

— Nada, está ótimo. — Eu lembro sempre da minha ex-chefe e o quanto ela era grossa com a gente no serviço, por isso eu estou sempre sorrindo e sendo simpática com as minhas meninas. Elas me adoram e eu adoro o quanto elas são eficientes. — Vão correndo pro cabeleireiro que quero vocês duas deslumbrantes!

— Pode deixar! — Você também!

Elas dizem quase juntas, os sons se embolam. Assim que elas saem da sala, vejo que tem alguém esperando para falar comigo. O Bernardo. Eu acho incrível como ele sempre se veste bem. Ele está

com uma calça clara, camisa xadrez e uma camiseta lisa. Seus cabelos estão super arrumados e ele tem um sorriso no rosto.

— Oi Bê, entra! — Eu aceno para ele fazendo um sinal para que ele entre e pego meu celular da mesa que apitou mais uma mensagem do Fabrício dizendo que se eu quiser, ele aparece com aquele conjuntinho na confraternização que vai haver depois da entrega do prêmio e eu sou obrigada a digitar um “Nem pensar, as amigas vão ficar invejosas, melhor mais tarde a sós”. É que se eu não mandar, capaz do Fabrício ir mesmo só de cueca e gravata de sex shop, ele é meio maluco.

— Acabou as reuniões por hoje? — Bernardo se aproxima e se senta na cadeira na minha frente.

— Graças a Deus! Eu tenho que pegar meu vestido na loja, ir até o cabeleireiro, tudo isso antes das seis horas! — E olho rapidamente no meu relógio, são duas da tarde, tenho bastante tempo. — Vamos almoçar?

— Eu vim te chamar para isso.

Eu e o Bernardo almoçamos juntos quase sempre, exceto quando temos reunião no almoço, claro. Mas normalmente sempre tem mais gente conosco, outros diretores do grupo, de outras revistas ou sites. Acabamos comendo sempre juntos, nós e os outros diretores, digo!

— Mas tem uma coisa, antes.

— O quê?

— A Ruth e a Drica querem ir com a gente, posso confirmar?

Eu fico branca e não sei o que dizer.

— A Drica e a Ruth? Não sei, não, Bê. Meu último encontro com a Drica custou meu emprego...

— Faz seis meses, Leila. Vocês já são adultas, podem superar isso. Além do mais, as duas saíram de lá para empregos muito melhores, então aquela briga no fim fez bem para a carreira de vocês.

— É, mas fez mal para o meu psicológico.

Bernardo revira os olhos e apoia a cabeça na mão, inclinando para o lado.

— Qual é, Leila... vocês não tem motivo para brigar! Você está sendo rancorosa.

— Talvez eu seja rancorosa. — Cruzo os braços sem paciência. — Ela podia ter conversado comigo antes de me atacar por causa de um beijo que aconteceu há séculos atrás. — O problema não foi aquele beijo, Leila.

— Foi o quê?

Ele fica nervoso, se endireita na cadeira como se fosse um interrogatório. É algo bem estranho, mas vejo que ele não tem resposta para me dar. Eu fico quieta, esperando. Se tem um motivo a mais para aquela briga, quero saber! Sou toda ouvidos!

— Vocês precisam conversar. — Ele balança a cabeça como se não acreditasse em minha pergunta e fica em pé. — Ela está arrependida, você quer mesmo jogar fora anos de amizade por algo assim?

— Não, Bê, claro que não. — Eu desmorono, apoiando os dois cotovelos na mesa e segurando meu rosto com as mãos. — Eu sinto falta delas, mas poxa, elas me machucaram tanto naquela redação! Falando mal de mim pelas costas e com inveja de coisas imbecis... como um matéria minha ter ido para a capa!

— Olhe pelo lado delas, Leila. Você nem queria aquele emprego, relutou tanto, ficou dizendo que era melhor continuar no escritório... e a ideia do blog foi delas, então elas estavam ressentidas por não ter mais tanto destaque.

— Mas eu nunca, nunca, nunca, desrespeitei nenhuma delas. Mas as duas me desrespeitaram muito!

— Você tem razão e elas sabem disso, por isso querem conversar. — Ele se inclina na minha mesa. — Vai Leila, você tem um bom coração, eu sei que você está doida para ter suas amigas de volta.

— Bem eu estou! Afinal, elas são as minhas únicas candidatas para serem madrinhas do meu casamento. — Eu dou risada. Não é verdade, se eu me casar com o Fabrício uma das minhas madrinhas é a Maíra!

Bernardo fecha o sorriso na mesma hora e se afasta levando um susto:

— Peraí, casamento? Como assim, você tá pensando em casar com aquele cara? — E ele arranha as duas últimas palavras na garganta com total desprezo. É até como se ele odiasse o Fabrício.

Eu nunca vi o Bernardo falar assim do Fabrício, aliás, pensando bem, eu nunca vi o Bernardo falar do Fabrício ou com o Fabrício. Os dois já foram apresentados formalmente e a gente já se encontrou diversas vezes em eventos sociais, mas o Fabrício sempre dá um jeito de escapar para fora da festa para fumar, ou faz uma amizade repentina de apenas uma noite (e faz parecer como se ele e seu novo amigo fossem amigos pela vida inteira!), ele nunca ficou muito

junto do Bernardo... e bem, o Bernardo não é um cara de fazer amizades, ele é bem social no sentido de ser simpático e sorrir para colegas de trabalho, mas ele separa bem as coisas: colegas são colegas, amigos são amigos.

São duas pessoas bem diferentes, mas ainda assim, não é motivo suficiente para aquele ódio todo. Se bem que o Bernardo só deve estar dando uma de meu irmão mais velho de novo. Isso é irritante. — Ah, Bê! A gente sempre pensa em casar, mas não tou dizendo casar-casar agora-agora. Já moramos juntos e a bagunça do Fabrício ainda me tira do sério.

— Ah, que susto. — Ele revira os olhos e respira fundo. — Achei que você já ia começar com aquela mania de querer casar com o primeiro cara que encontra de novo.

— Não tem nada a ver, eu e o Fabrício já estamos juntos ao maior tempão.

— Fez nem um ano!

— Vai fazer e a gente se dá super bem em todos os aspectos.

— Claro, todos os aspectos. Sei. — Bernardo revira os olhos de novo e pega o celular do bolso. — E aí, posso chamar a Drica e a Ruth?

Sabe, eu queria poder conversar com o Bernardo sobre meu namoro sem que ele ficasse com essa dor de corno que faz com que ele se pareça com um irmão ciumento. Ter alguém para dar uma segunda opinião nas coisas que você faz ou pensa é sempre bom! Esse é o papel de amigos. Ou de amigas. E puxa, como eu sinto falta das observações inteligentes da Drica ou das análises da Ruth.

— Pode, pode, chama as duas, mas você paga meu almoço.

— Fechado! — Ele me lança um sorriso energético. — Vamos no seu carro?

— Certo. — confirmo e já sinto um nervosismo básico ao pensar que vou encontrar com as duas.

Ai, por que eu sempre me deixo levar pela empolgação do Bernardo? Sério! Ele sorri e me leva onde ele quer, é como se me manipulasse! Eu não sei realmente se estou pronta para ter uma conversa franca com a Ruth ou a Drica, ou ainda, que eu quero fazer isso no evento mais importante do ano onde supostamente, vou ganhar um prêmio! Um prêmio que poderia ser nosso! Quero dizer, se o Clube das Desapaixonadas ainda existisse, com certeza esse prêmio seria nosso! Se bem que, pelo que consta e como Bernardo mesmo disse, elas ficariam ressentidas por eu receber um prêmio que deveria ser delas... a vida é tão complicada.

Eu pego a minha bolsa e respiro fundo. Acho que devo dizer isso a elas, o quanto o Clube das Desapaixonas também é meu. Eu sou parte dele, eu comecei mais tarde, mas eu estava lá, tão desesperada e infeliz em um relacionamento quanto elas! E mais, eu dei a volta por cima. Eu superei todas as dificuldades e estou no topo da montanha! O céu é o meu limite!

12 CONVERSA FRANCA

Eu e Bernardo somos os primeiros a chegar no restaurante. A mesa já havia sido reservada, quatro lugares perto da janela. É onde nos sentamos. Gosto desse restaurante escolhido e isso me deixa mais confortável, embora meu estômago esteja se revirando de ansiedade.

— Um Cosmopolitan e uma cerveja. — Bernardo informa ao garçom nosso pedido de bebidas.

Só vamos escolher os pratos quando Ruth e Drica chegarem, é mais educado. Confesso, porém, que enquanto eu fingia que escolhia o que beber observei o menu de saladas e já escolhi o que quero.

O garçom se afasta, Bernardo me lança um sorriso. É daqueles sorrisos que me acalma e que fazem seus olhos castanhos mais brilhantes.

— Você lembra quando nos conhecemos?

— É, lembro sim. Levei uma picada de abelha, foi horrível! — Balanço a cabeça, mas acabo olhando para meu dedo, onde foi o a picada, só para ter certeza de que estou bem. — Foi um dia muito estranho...

— É... foi mesmo. — Ele sorri mais uma vez, bem rápido.

O garçom chega com nossos drinks e brindamos antes do primeiro gole. É só um bater de copos, sem nenhuma saudação ou desejos. É quase como se tudo estivesse perfeito, mas eu posso enumerar um monte de coisas que estão erradas nessa situação. Bernardo também, tanto que ele respira fundo e coloca o copo na mesa, antes de dizer:

— Você não /mudou muito, entretanto.

— Como não? Pinte o cabelo diversas vezes, engordei um pouco...

— Começo a lista.

— Você não está gorda. — Ele logo me diz.

Eu não estou, realmente, mas é que a gente nunca fica igual aos quinze anos, depois dos vinte... e eu estou com vinte e seis.

— Arrumei os dentes. — Mudo o foco da conversa. — Estou pensando em silicones no Ano que vem!

— Isso é o que está por fora. Estou me referindo ao que está por dentro, Leila. — Bernardo dá risada.

— Por dentro? Você acha que não mudei? — Torço a boca. — Eu acho que eu mudei. — Eu não. — Ele dá outro gole na cerveja, rindo de mim e eu já estou de braços cruzados. — Eu te conheci e você não tinha amigos... era louca para chamar atenção de alguma forma, se achava feia...

— Toda mulher se acha feia, por isso usamos maquiagem.

— De fato. A maioria das pessoas perde mais tempo tentando ser alguém que não é, que percebendo o que as fazem especiais e únicas.

— Você acha que eu sou especial e única, Bernardo?

Ele fica vermelho. Quase engasga com a cerveja. Solta o copo e coça o nariz, olhando para longe. Eu pego meu cosmopolitan da mesa e dou um gole. Eu acho que o silêncio dele quer dizer que eu não tenho nada em especial para dizer. Nunca nenhum homem me disse que sou especial e muito menos me disse porque eu sou especial.

— Posso te perguntar uma coisa? — Bernardo corta o silêncio de repente. Cruzando os braços.

— Sim... — Sei não, o jeito com que ele está olhando para mim, o assunto parece muito sério.

— O Fabrício te faz mesmo feliz em todos os aspectos?

Fico em silêncio. Todos os aspectos. Eu sei, ele só está usando essas palavras porque mais cedo eu disse a ele que eu e o Fabrício nos damos bem em todos os aspectos, mas é obviamente uma mentira. Que casal que se dá bem em todos os aspectos? Sempre tem aquela maniazinha que irrita e nos tira do sério. O Fabrício, por exemplo, é mestre em me tirar do sério... posso enumerar mil coisas que ele faz e que me irritam.

— Claro que não, que casal que se dá bem em todos os aspectos?

— Hm, verdade. — Ele suspira, descruza os braços e coloca os cotovelos em cima da mesa, mexendo nos cabelos castanhos, pensando um pouco. — Eu me pergunto se será sempre assim, se existe casais que se fazem felizes ou se o segredo é sobreviver às infelicidades.

— Muitos casais que dizem que são felizes, não são. As pessoas adoram se enganar.

— Você disse que era feliz, por acaso você não é e está tentando se enganar? — Ele me pergunta. — Responda francamente.

— Eu estou sempre tentando me enganar... — Dou risada. Bernardo está sério, como se esperasse que levasse a sério sua pergunta. Sou obrigada a dar mais um gole no meu cosmopolitan enquanto penso. Fabrício. Ele me faz feliz? — Eu não sei... eu e o Fabrício... é complicado. Foi tudo tão de repente que nunca pensei sobre isso. Se é certo, se nos damos bem ou apenas nos suportamos, se ele é o homem perfeito ou se é só um passatempo... ele me irrita, mas a gente se entende em nossa dinâmica estranha.

— Então, você não sabe se é feliz?

— Eu me sinto feliz na maior parte do tempo que estou com ele. Mas não é assim que todos os inícios de namoro são?

— Sim, acho que sim. É a regra dos três meses!

— Regra dos três meses?

— Não conhece?

— Não...

Bernardo dá risada, alcança seu copo de cerveja para mais um gole.

— Vou te explicar. — Ele solta o copo e faz o número três com as mãos. — Os primeiros três meses, é obrigatório que um relacionamento seja perfeito, caso contrário, não vai durar os próximos três meses. Tem que ser como um perfeito sonho, nenhum defeito aparece, nada te irrita...

— Hm, ok. — Aceno que sim. Devo fazer as contas dos meus primeiros três meses com o Fabrício (total desastre!) ou do segundo três primeiros meses?

— Depois, entramos na fase dois. Onde os defeitos aparecem e a pessoa começa a te irritar. É aí que mora o truque. Os defeitos e o que te irritam, você conseguiria suportá-los por anos e anos, ou apenas por mais três meses? Se você acha que aguenta só mais três meses, seu namoro dura um ano, ou menos, mas não passa de dois anos. Sempre!

— Hm... E o que faz um namoro durar mais?

— Bem, tem que passar dos três anos... Se até lá você ainda suportar os defeitos, o que te irrita e ainda se sentir em um sonho... Então é isso!

— Oh. — Fico sem palavras. Três anos? Eu nunca fiquei tanto tempo assim com alguém, será que é esse o meu problema?

Eu só sei que essa conversa toda com o Bernardo me colocou em um ponto totalmente diferente daquele que eu tenho vindo até agora. Será possível sobreviver à guerra dos sexos por mais de três anos? Será que é isso que significa amar?

— É claro que nenhum casal consegue ser feliz em todos os aspectos, mas você precisa se perguntar é. Se o Fabrício fosse exatamente a mesma pessoa daqui há três meses, você aguentaria? Estaria disposta a seguir com ele até daqui há três anos?

Será? Bem, se o orgasmo continuar nota dez, com certeza! Tomo fôlego para responder, mas Bernardo de repente perde o foco. Ele olha para o que vem atrás de mim e fica em pé.

— Ei, olhe só, a Ruth e a Drica chegaram.

E eu não o respondo, o que me dá chance para duvidar da minha resposta. Será que eu aguentaria mais três anos de bazuca? De sumiços? De irresponsabilidade? Daquele carro caindo aos pedaços que ele não deixa para arrumar o motor? Ou seriam esses aspectos que eu sempre esperaria que iriam mudar e me frustraria pelo resto da vida ao ver que nunca mudariam?

— Leila! — Ruth me abraça. Drica também. — Que saudades! — Que bom que você veio!

— É... — Lanço um sorriso para elas, mas meu coração está apertado. Não por elas, estou feliz em vê-las. Fico em pé, as cumprimento.

— Fiquei sabendo que a revista em que você é diretora ganhou um prêmio de inovação! — Ruth diz com um sorriso.

— É, fizemos muitas mudanças por lá nos últimos meses.

— Parabéns! — Drica me abraça ainda mais forte. Sinto o cheiro do seu perfume chanel nº5. Ela está com os cabelos castanhos curtos, em um corte reto e elitista, bem como seu terninho risca-de-giz feito sob medida para ela em alguma loja bem cara.

Ela me solta e se senta, não do meu lado, ela escolhe se sentar ao lado de Bernardo. Ruth se senta ao meu lado e as duas pedem ao garçom... adivinhem? Chandon Rosé! Eu peço pela minha segunda taça de cosmopolitan e elas me dão um olhar estranho.

— Oh não, Chandon Rosé é muito melhor. — Drica diz e se vira para o garçom. — Traga mais um para ela também!

Drica nunca muda, ela sempre quer controlar você. Respiro fundo e forço um sorriso. Por sorte, meu celular apita. É uma mensagem do Fabrício dizendo que conseguiu trocar a passagem, mas que só para a noite. Não tenho nem vontade de responder, quer apostar comigo que ele vai perder a premiação e só aparecerá na festa? Largo o celular e solto um suspiro.

— Ih, o que foi? — Ruth quer saber. Ela está com os cabelos loiros compridos bem soltos, um vestido de oncinha grudado no corpo de modelo sexy, sandálias plataforma e um blazer.

— Nada, nada. — Me esquivo.

— Leila... — Drica alcança a minha mão. — Sabe que somos suas amigas, não é?

— Ah, são? — Eu não quero descontar minha frustração como Fabrício nelas, mas é quase inevitável. Puxo minha mão para me soltar dela. Cruzo os braços. — Por que eu não sei, Drica. Nosso último encontro não foi bem um encontro de amigas.

Vejo os olhos de Drica se abrirem em susto. Bernardo tem a mesma expressão e Ruth arrasta a cadeira para trás, como se não pudesse acreditar em minhas palavras.

— Peraí, Leila, são dez anos de amizade... — Bernardo é o único que tem coragem para falar comigo.

— Desculpe, mas na minha opinião, amigos não fazem isso! — Digo.

— Ei! Você que roubou meu namorado de mim! — Drica bate as duas mãos na mesa, revoltada e seus brincos de pérola brilham com a luz do lustre.

— Eu não roubei! — Você o beijou, Leila! — Agora ela se levanta. — Ao menos seja mulher de admitir isso!

— Eu o beijei à séculos atrás, isso não quer dizer nada!

E é quando acontece. Ela pega a cerveja da mesa e joga em cima de mim, molhando meu cabelo, meu rosto, minha roupa! Adeus trégua, adeus conversa pacífica, antes que eu possa pensar no assunto já estou agarrando o terno dela e enfiando a mão em sua face com toda a minha força. Meu anel duplo de cruz faz um arranhão em sua bochecha. Ela cai para trás, Bernardo a segura nos braços. Drica coloca a mão no rosto, onde corte escorre um filete de sangue.

— Você é louca! — Ruth me empurra.

— Ai meu Deus, me desculpa! — Eu falo, com as duas mãos na boca.

— Vai embora daqui, Leila! Você não vale nem um centavo! — Drica grita.

— E você é delirante! Insana! — Eu grito de volta. Pego minha bolsa. — Vou embora daqui e nunca mais quero ver vocês duas!

— Leila, espera! — Bernardo grita.

Dou as costas, não quero mais saber. Coloco minhas duas mãos na cabeça, simplesmente, não consigo mais pensar e preciso fugir. Estou na porta do restaurante, já entrando em um táxi quando vejo Bernardo na porta do restaurante, gritando meu nome. Cubro o rosto com as duas mãos.

Francamente falando, minha vida virou uma bagunça. Eu não sei mais o que eu estou fazendo, perdi o controle de tudo!

13 ATÉ AQUI

Como eu cheguei até aqui?

É só o que me pergunto enquanto Lasgo berra em meus ouvidos. A boca de Eduardo tem gosto de bebida, acho que ele está bêbado. Acho não, tenho total certeza. O cosmopolitan escorre pelos meus dedos e eu quase solto a taça. Minha cabeça dói, uma espécie de dor de cabeça. Acho que chorei demais a tarde inteira... ou então já estou bêbada e a vodca do meu drink é muito barata!

Depois que eu saí do restaurante segui a minha programação normal, como se nada tivesse acontecido. Antes que meu dia de glória piorasse ainda mais.

Peguei meu vestido na loja, mas ele estava do tamanho errado. É um número maior e me deixou um pouco barriguda, com excesso de pano na cintura. Já devia ser um sinal de que eu deveria ter ligado para o diretor geral da editora e dito que não tinha condições de ir para a premiação... mas essa mania que a gente tem de insistir em nossos erros é complicada, não é?

Eu fui ao cabelereiro e ainda bem que o maquiador era ótimo e conseguiu disfarçar meus olhos inchados. Fiquei bonita! Meus cabelos parecem de noiva! Fizeram um penteado digno do tapete vermelho! Saí bem na foto que tiraram em cima do palco quando recebi o prêmio com meus colegas de equipe.

Meu discurso também foi tudo bem! Eu o escrevi há dois dias atrás, bem motivacional, agradecendo a todos, até a faxineira que deixa a sala limpinha para termos um dia agradável de trabalho. Por sorte, não gaguejei! Não pulei palavras e todos pareceram entender minhas palavras... o que foi um alívio, falar em uma reunião de trabalho para muitas pessoas é fácil, mas falar para uma plateia de

mil pessoas, com um holofote iluminando seu rosto e te deixando cega, é uma coisa completamente diferente e muito assustadora (agora sei como os artistas se sentem!).

Depois só tive que pegar um táxi e ir para a festa! E que festa! Estava tudo lindo e perfeito, parecia até que eu estava entrando em uma festa de formatura! Fecharam um salão em um prédio badalado, decoraram tudo com pôsteres e luzes de neon. Na entrada tirávamos fotografia com quem quiséssemos e ainda tinha uma cabine telefônica. Depois havia um lounge, com um ambiente bem tranquilo e onde coquetéis foram servidos. Depois veio o jantar e a pista de dança não deixou ninguém a desejar. Eu até ganhei um pisca-pisca luminoso em forma de colar. Eu adoro esses pisca-pisca! Pena que eles logo apagam! Vi pessoas com drinks cheios de guarda-chuvinhas, óculos de estrela (aqueles coloridos com formato de estrelas).

Todos estavam se divertindo muito, menos eu. Como imaginei, o Fabrício não chegou a tempo para ver a premiação, mas me mandou uma mensagem dizendo que já tinha desembarcado no aeroporto. Enviei o endereço da festa e só precisava esperar ele chegar para ir embora em dez minutos dali, entrar em um motel e voltar a minha rotina. Já repararam que quando estamos no meio de um problemão a única vontade que nós temos é a de voltar para casa e para as coisas que nos deixam seguras? Rotina tem esse efeito em nós: de que as coisas não saíam de controle nunca.

E quando eu estava contando os minutos para voltar para meu cobertor aconchegante e para onde as coisas não podiam sair de controle... bem elas saíram e tudo começou a ficar muito complicado.

O Bernardo me trouxe um drink novo, percebendo que minha taça de Cosmopolitan estava acabando. É meu terceiro Cosmopolitan, mas quem liga? Troquei o copo por um pedido de desculpas:

— Bê, desculpa por hoje. Estraguei sua tentativa de amenizar as coisas entre eu e as meninas.

— Deixa pra lá, Leila, a Drica não entende.

— Nem eu entendo. — Balancei a cabeça de forma desconsolada, bebi o Cosmopolitan.

— Eu achei que ela estava preparada para conversar com você, mas ela nunca vai esquecer o que houve ou perdoar.

— Tudo bem. Posso entender que ela esteja chateada... a gente se beijou.

— Não é isso... Você sabe que ela tentou voltar comigo no carnaval?

— No carnaval? Aquele dia no camarote? — Que revelação!

— É... mas eu não quis.

Isso explica muita coisa. A Drica estava um trapo no dia em que brigamos na redação. Eu bem achei que ela tinha levado um fora, e levou mesmo. Estar com os nervos a flor da pele deve ter sido um agravante para ela ter me atacado daquela forma.

— Não quis? Por quê?

— Ah, ela fica nessa de que sempre foi traída e que o único cara que levou ela a sério foi eu... Ao invés de seguir em frente e arrumar um cara verdadeiramente legal, enfiou na cabeça que eu fui legal com ela e não fui.

— Por isso você disse a ela que nos beijamos ainda no colegial?

— Sim, estávamos brigando, uma DR daquelas escandalosas... Eu quis dizer a ela isso, para que ela se libertasse! Ela acabou ficando com raiva de você.

— Ela tem as razões dela, mas aí a me chamar de ladra de namorados é exagero. — Digo com um suspiro aborrecido. — Não roubei você dela! A gente não teve nada, por que ela fica encasquetando com isso?

Bernardo força um sorriso. Ele está de terno, totalmente alinhado e perfeito. Até a barba está bem feita. Ele segura minha mão livre. Um toque quente e gentil, é o mesmo toque de quando ele me salvou da ferroada da abelha.

— Tem uma coisa que preciso te dizer, que vai explicar isso.

— Diga. — Bato os ombros.

— É algo muito importante.

Do jeito que ele fala, totalmente sério e com os olhos castanhos escuros intensos em cima de mim, congela meus pensamentos.

— A Drica acha que você me roubou, do ponto de vista dela, bem, foi isso que aconteceu! E teve o lance do Eduardo.

— Como assim? Que Eduardo?

— O Eduardo, aquele fotógrafo da revista em que vocês trabalhavam;

— Oh, não! — Eu fico branca. — Não me diga que ela teve um caso com ele.

— Tinham um lance rolando sim. — Bernardo comprime os lábios.

— Jura? Ela não me disse nada!

— Vocês estavam afastadas e a Drica sempre fez aquele papel no Clube das Desapaixonadas de se envolver com os colegas de trabalho. Ela estava apaixonada por ele.

— Apaixonada? — Todo o meu sangue já saiu do meu cérebro. Deve ter iso para meus pés, pois eles estão suando de um jeito que acho que escorregarei do salto.

— Meu Deus, mas eu não sabia! E o Eduardo, argh... não significou nada!

— E não é só isso, Leila, tem mais.

— Tem mais?!

— Eu... — Bernardo respira fundo, tomando fôlego. — Quando eu terminei com a Drica, não foi por decidir fazer jornalismo. Eu me apaixonei por você.

— Quê?

— Eu não disse nada, tinha medo de estragar a amizade de você e da Drica, mas acho que não tem mais jeito. Já estraguei.

Fico surda por um breve instante. Meu coração comprime, meu corpo treme. Sinto alguém me segurar pela cintura e antes que eu possa reagir, estou sendo beijada na boca. É Eduardo. Eu não sei por que razão ele está me beijando nesse momento, fazem meses que não o vejo e não tenho notícias dele.

Tudo acontece para mim como se eu estivesse me mexendo em câmera lenta. Não consigo recuar a tempo e a barba de Eduardo roça minha boca, de um jeito incômodo. Bernardo solta a minha mão e cruza os braços aborrecido.

Eu empurro Eduardo para longe: — O que você está fazendo? — Grito. Quase caí do salto de vez. Nem posso acreditar nisso, estávamos falando dele e de repente, ele aparece e me agarra assim dessa forma!

Ele é louco! De um jeito que me dá raiva!

— Beijando a mulher da minha vida. — Eduardo está usando um terno branco, camisa amarela. Ele está cheirando a bebida azeda e me segura nos dois braços com força. Meu vestido branco está borrado de cosmopolitan.

Gente, tenho certeza que o Eduardo não bebeu, ele cheirou. Sei lá! Ele está criando coisas, não tem como uma garota que nem gostou de transar com você e está transando enlouquecida com seu irmão mais novo, ser a mulher da sua vida.

Eu não sei o que esses homens tem na cabeça. Estou cercada de idiotas!

O idiota número um é o Bernardo. Em resumo: ele se apaixonou por mim, terminou com a Drica e nunca, nunca, veio atrás de mim, preferindo ficar com todas as meninas que passaram em sua frente

ao invés de seguir o que o coração dizia para fazer com medo de estragar amizades. Que amizade? A minha e a dele? A dele e a da Drica? A minha e a da Drica? Um triângulo amoroso dessa intensidade não pode ter amizade. Amigos não se traem dessa forma.

O segundo idiota é o Eduardo, que perdeu o bom senso em algum lugar. Em resumo: O cara sai com modelos a torto e a direito, mas resolve correr atrás da patinho-feio que deu nota zero para ele, e mais, aposto que ele só saiu com o patinho-feio para dar o troco na gatona que devia estar se fazendo de difícil para ele. Sinceramente, o orgulho masculino me surpreende as vezes! Está mais do que claro nessa situação que ele está apenas competindo com o irmão e querendo fazer ciúmes na Drica.

E o terceiro idiota... bem, é o Fabrício. Em resumo: ele está parado com a boca aberta e sem reação no meio do salão e viu o irmão dele me beijando a força. Ele não está de terno! O Fabrício está de calça jeans, camiseta do Pink Floyd, touca por cima dos cabelos compridos... mas acima de tudo: ele está horas atrasados para fazer o único papel que eu pedi a ele para desempenhar. O de ser o meu namorado.

São três idiotas.

Se vocês estivessem no meu lugar, o que decidiriam fazer? Qual dos três é menos idiota e mais candidato a ser o meu homem perfeito? Com qual dos três vocês ficariam nessa situação?

Pensem a respeito, mas pensem rápido... é só uma virada de páginas que me separa dessa decisão.

14 IMPERDOÁVEL

Tomaram a decisão de vocês? Se vocês fossem eu, ficariam com:

Idiota número um.

○ Amigo para todos os momentos, mas covarde para dizer o que realmente sente por você.

Idiota número dois.

○ O cara errado! Acho que essa é a melhor definição.

Idiota número três.

○ Namorado quente, mas irresponsável demais para levar a sério um compromisso com você.

Acho que nós vamos concordar que a opção “b” está fora de cogitação, certo? Então não vão ficar bravas comigo se eu jogar o meu cosmopolitan na cara dele e e berrar:

— Idiota! — Foi o que eu fiz. Eduardo agora está sujo com o restinho da minha bebida e com a roupa cor-de-rosa. — Você está se drogando!

— Você é louca? — O Eduardo me chacoalha com força.

— Louco é você!

Ele vira a mão para me bater e eu acho que vou apanhar. Pisco por um breve instante que dura uma eternidade de pavor. Todo segundo que antecede uma tragédia fica em câmera lenta, de um jeito que

podemos pensar muitas coisas. Não sei se o mundo se move devagar, para que a gente possa perceber esses segundos com plenitude, ou se nosso cérebro acorda e acelera, pensando muitas coisas tão rápido que o tempo se torna insignificante.

O Fabrício se aproxima e o afasta de mim, enfiando a mão na cara do irmão. É um soco tão forte que Eduardo cambaleia para trás por uns instantes, mas rapidamente se recupera. Seus olhos se abrem quando ele vê Fabrício e seu rosto se enfurece tão forte que sua boca forma uma meia lua para baixo, contorcida. Eduardo revida com um soco que explode contra a boca de Fabrício, eu grito e dou um pulo para trás.

Os dois se engancham e começam a brigar feio, daquele jeito assustador. Eles caem rolando por cima de uma mesa de salgadinhos e petiscos, derrubando tudo. As pessoas ao redor berram.

Eles dois caem por chão. Eduardo cai sentado e Fabrício rapidamente se levanta, partindo para cima do irmão. Eu me agarro na camiseta negra do Fabrício e puxo ele, em vão, ele é muito mais forte que eu, claro. Eu sou arrastada como se ele fosse uma lancha e eu estivesse sobre uma bóia. A camiseta dele se rasga e quebro duas unhas. Coloco a mão na boca e é quando o Eduardo o chuta. Fabrício cai para trás e em cima de mim, mas logo fica em pé indo mais uma vez para cima de Eduardo.

O Bernardo é quem me levanta, segurando pelos meus ombros formando um gancho com os braços. Assim que fico de pé, corro de novo atrás de Fabrício, ele está em cima de Eduardo e os dois estão se batendo. Logo chegam os seguranças da festa.

Seguranças são sempre homens fortes, robustos e tão musculosos que seus corpos parecem feitos de pedra. O que é engraçado, já que eles se vestem sempre de terno. Um deles me segura com força, outros separam os meninos que se socam e um terceiro lidera o

caminho para a saída do salão. Acho que essa será a segunda vez que perco meu emprego por uma briga! Que mico, que mico!

Sou carregada no ombro por um segurança. Enquanto eu bato em suas costas, grito em vão:

— Me solte, me solte! Aaaaaa! — Quase perco meus sapatos.

Quando os seguranças interferem, entretanto, é como se colocasse um limite na briga entre Fabrício e Eduardo. Eles param de brigar e se afastam. Do lado de fora, vejo Eduardo apontar para Fabrício e gritar alguma coisa, mas Fabrício não dá atenção, enquanto é revistado pelo segurança. Talvez ser um roqueiro mal arrumado e entrar numa festa empresarial faça de você um criminoso.

Assim que o segurança me coloca no chão, eu saio correndo e alcanço o Fabrício, que está com as duas mãos na cabeça e a boca sangrando.

— Ai meu Deus! Ai meu Deus! — Eu me abraço com ele. Meu coração bate a milhão. — Você está bem?

— Me larga, Leila. — O Fabrício se afasta de mim. Ele me empurra e limpa a boca. A touca, ele perdeu em algum lugar, está com os cabelos soltos. — Qual o seu problema?

Os seguranças o soltam, liberando-o, mas ficam em frente à entrada do prédio como um aviso de que estamos impedidos de retornar. Nem precisamos desse aviso e sinceramente, eu já queria ir embora dessa festa mesmo, só não esperava que isso acontecesse.

— Qual é o seu problema? Você nunca está presente quando eu mais preciso de você!

— Quê?

— Você me abandona sempre, Fabrício! Você não me diz o que acontece com você, nem quando você folga, nem onde você está... eu fico que nem louca imaginando mil coisas...!

— Isso não é verdade. — Ele se defende.

— Não? Por que não sei até hoje qual o seu lance com seu irmão e nem porque vocês brigam tanto.

— Eu já disse, por causa do meu pai! — Ele grita de forma dramática. Eu nunca briguei com o Fabrício antes, nunca. A gente já discutiu uma porção de vezes diante de assuntos toscos, nossos braços se erguem, nossas sobrelhas se curvam, mas nunca levantamos a voz um para o outro, o que nesse instante é totalmente o contrário, estamos travados no chão, berrando um com o outro!

— Você disse isso! Mas nunca me contou realmente o que aconteceu entre vocês!

— Por que é complicado! — Ele coloca as duas mãos para cima e posso ver seus dentes travados uns com os outros conforme o lábio superior dele se ergue, numa careta de braveza que eu nunca vi ele fazer, mas até assim, o Fabrício consegue ser lindo.

— Tudo pra você é complicado demais! Inclusive chegar na hora para o jantar ou em um compromisso comigo.

— Não é!

— Qual foi o motivo do atraso dessa vez? Parou em uma loja de brigadeiros e se perdeu lá dentro?

— Não! Leila... eu não...

— É impossível, Fabrício! Não sei se aguentarei isso por três anos!

— Três anos? — ele não entende do que eu estou falando.

Também pudera, ele não sabe da regra dos três meses. Estamos na marca dos seis meses, quando tenho que pensar se os defeitos dele me irritam a ponto de não termos mais motivos para continuar ou não.

— Se eu não aguento seus defeitos por três meses, o que dirá para o resto da vida toda! E você nunca vai mudar... então...

— Meu Deus, Leila! Vai terminar comigo por que eu atrasei de vir aqui hoje? É isso? — Agora a voz dele toma outro tom. É perplexidade misturada com decepção.

— É por você se atrasar sempre!

— E daí eu me atraso e você se agarra com o Eduardo? Você vai me trocar por ele?

— Eu não me agarrei! Ele me agarrou! — Eu me defendo.

— Não importa quem agarrou quem! O resultado é o mesmo!

— E onde você estava o dia inteiro? Com outra mulher?

— Eu estava trabalhando!

— Tem certeza?!

— Você acha que eu tenho outra mulher? Leila, eu nunca te traí!

— Mas perdeu o voo. — Cruzo os braços.

— Tem razão. — Ele baixa a guarda. — Eu perdi. — Por quê?

— Me distraí em uma loja... — Ele respira fundo.

— Viu, é isso que eu estou falando! Qualquer coisa é mais importante para você do que eu, Fabrício! Assim nunca vamos dar certo!

— Leila, espera... isso não é verdade!

— Não! Não vou esperar, estou cansada de ficar esperando você! — Eu grito já irritada de novo. — Vamos terminar, é melhor.

O Fabrício parece fora de si. Ele coloca as duas mãos na cabeça e posso ver os olhos dele cheios de lágrimas, intensos e cheios de emoções... mas ele não chora. Nem uma gota.

— Olha o que você está fazendo!

— O que eu estou fazendo?

— Uma cena! Você está me expulsando de novo, igual da primeira vez! Ao invés de resolver as coisas comigo, ao invés de conversar, você está me jogando fora pela segunda vez, Leila!

— Não estou... eu só...

— Está me jogando fora. — Ele afirma com amargura.

É verdade, certo? Estou fugindo da situação pela opção mais fácil e rápida. Respiro fundo, descruzo meus braços e me aproximo dele.

— Vai me contar o que rolou entre seu pai, seu irmão e você?

— Você quer saber?

— Claro que eu quero saber, Fabrício! — Jogo minhas mãos para o alto e olho para o céu. Está nublado, mas talvez pela agitação do momento, estou morrendo de calor. Não posso acreditar que ele perguntou isso pra mim.

— Você nunca quis saber.

— Eu quis!

— Mas nunca perguntou nada...

— E por acaso você me dá abertura? Esse sempre é um assunto nebuloso só porque eu me envolvi com o Eduardo sem saber que ele é seu irmão.

— Eu não te culpo por isso, Leila...

— Não diretamente, mas não falar do assunto é um sinal de que me culpa sim!

— Não falo no Eduardo, mesmo, mas não por sua culpa. — Ele nega tão veementemente que balança a cabeça de um lado para o outro em negação.

— Por causa do seu pai?

— Sim...

— E o que houve, Fabrício? Eu quero saber o que aconteceu! Diga, por que vocês brigaram assim tão feio?

Fabrício respira fundo. Se quer conversar comigo, vai ter que me dar uma explicação. Ele bate as mãos na calça rasgada e pega no bolso da calça jeans o maço de cigarro, coloca um na boca e acende com um zippo que eu dei de presente para ele uns dias atrás, assim ele me deixa de joelhos bambos. O Fabrício perde tudo, a hora, a chave da casa, a carteira... mas o zippo que eu dei, ele não perdeu ainda. Mas não vou deixar ele me dobrar! Cruzo os braços e fico esperando o que ele tem para me dizer.

— Vamos sentar ali. — Ele aponta para uma van do outro lado da rua, que vende cachorro quente. Está vazia, não tem ninguém nas cadeiras de plástico, mas é para lá que vamos. — Quer alguma coisa?

— Estou com sede. — Eu digo.

O Fabrício chega junto do dono da Van, um senhor de bigode e barriga enorme.

— Uma soda zero, por favor. — Ele pede. Troca uma nota de dinheiro pela latinha e se aproxima de mim, sentando do meu lado.

Eu estendo a mão, mas antes de me entregar a latinha ele equilibra o cigarro na boca e abre a latinha para mim. Tão atencioso que mais uma vez quase me derreto inteira. Eu pego um canudo, branco. Toda a adrenalina que senti tirou minha bebedeira, mas um refrigerante é tudo o que eu preciso agora para respirar. Dou um gole, o líquido gelado refresca minha mente.

— O Eduardo matou o meu pai.

— Quê? — A informação é tão louca que parece mentira, não me causa choque nenhum, nem susto, me deixa em branco como uma folha de papel sulfite que ainda não foi usada para nada. — Matou como?

— É complicado, como falei. Mas você quer saber, então é isso. — Ele traga o cigarro lentamente, de um jeito dramático que parece que estou vendo um filme de suspense.

— Peraí, Fabrício... isso é muito sério, o que houve?

— Meu pai lutou anos contra um câncer no pulmão... acho que durante minha infância inteira, eu o vi nessa situação... a minha mãe morreu quando éramos crianças e meu pai nos criou, enquanto lutava contra a doença... mas a doença foi piorando, piorando... até que ele ficou de coma no hospital.

— E como seu irmão o matou? — Não consigo compreender. Por acaso o Eduardo se infiltrou no hospital como um enfermeiro e sufocou o pai dele com um travesseiro? Como se mata alguém com

câncer terminal e coma?

— Ele entrou com um processo para que meu pai recebesse a eutanásia... eu era menor de idade, não pude fazer nada legalmente... ele se aproveitou da situação, abriu o processo algum tempo antes de que eu tivesse maioridade penal... e isso dificultou muito para que eu contestasse a decisão judicial...

— Oh. — Coloco o canudo na boca de novo. Quer dizer, eu posso entender os motivos de Eduardo. Ver um pai em coma tanto tempo assim, deve ser terrível.

— Os médicos desistiram e eu fui totalmente contra. Quando saiu a decisão do juiz, tudo piorou. Meu pai recebeu a eutanásia, eu não quis estar presente... — Ele para. Traga o cigarro e vejo sua mão com uma leve tremedeira, de emoção. É descontrole, mas ele tenta respirar e fumar, como se tudo estivesse normal. — Depois disso, nós começamos a brigar muito mais... se tornou insuportável. Comecei a fugir de casa... e finalmente, há três anos atrás quando saiu todo o inventário do testamento, eu cortei de vez relações com ele, Leila. De vez.

A voz dele está seca, apesar de toda a emoção que vejo em seus olhos. Só posso concluir que o assunto é muito doloroso e tem o poder de transformá-lo em gelo.

— Hm... você nunca o perdoou?

— Não.

— Nem vai?

— Isso vai ser totalmente impossível. — A resposta vem acompanhada de um suspiro e um erguer de duas sobrancelhas ao

mesmo tempo.

— Você é mesmo tão rancoroso assim?

— Eu não sei se sou, Leila. Se isso é ser rancoroso, então eu sou. Eu não consigo perdoar o Eduardo. Ele foi tão egoísta... Ele quis terminar com o sofrimento dele e não pensou no meu sofrimento... eu queria o meu pai vivo até o fim! Meu pai nunca entregou os pontos, nunca... e o Eduardo desistiu! Simplesmente desistiu!

— Você não pode culpá-lo por causa disso.

— Posso sim. E o culpo. — Ele está irredutível, os olhos cor de mel são puramente dor. Não preciso de muito para saber que esse será sempre o teto de vidro do Fabrício. Acho que ele vai precisar de anos de terapia para mudar sua opinião... se é que vai mudar. — E agora você sabe porque eu não falo com ele e nem o suporto.

— Sim...

— E por que ele estava te beijando, afinal?

— Eu não sei! Ele está bêbado e drogado, disse que sou a mulher da vida dele, com certeza está drogado!

— Ele disse? — Fabrício faz uma careta. Ele joga o resto de seu cigarro dentro da minha latinha de refrigerante vazia.

— Disse sim.

— Que otário! Devia ter quebrado o nariz dele. — Eu dou uma risadinha, ele acende mais um cigarro, ainda posso ver o cigarro

tremar.

— Chega de brigas por hoje. — Eu alcanço a perna dele com a mão direita, deslizando o dedo ao redor do furo da calça que deixa o joelho dele a mostra. Minha mão está gelada e minha unha quebrada. — Quebrei uma unha.

— Hm. — Ele faz uma careta de dor.

— Era para ser uma noite de glória e deu tudo errado! Vou perder meu emprego de novo...

— Desculpa...

— Não foi só isso, Fabrício! Hoje cedo, briguei de novo com a Drica!

— Sério? — Ele abre bem os olhos, no susto.

— Aham. Dessa vez eu arrebentei com ela... mas estou super arrependida por tê-la machucado, me sinto horrível... Estou exausta.
— Coloco as duas mãos na testa.

— Vamos para casa? Se preferir, eu te deixo no seu apartamento... a gente precisa conversar com calma...

— Leila? — É Bernardo.

Ele não foi expulso da festa como nós, mas tenho certeza que veio checar como eu estou... quer dizer, depois da declaração dele, eu fiquei devendo uma resposta. A confusão toda nos atrapalhou e eu nunca disse a ele o que acho de sua declaração... e o Fabrício quer

conversar, certamente quer que eu volte atrás no término de namoro.

É agora. Não tenho mais como escapar. Preciso tomar a minha decisão final.

15 DECISÕES

— Leila?

Bernardo me chama. Ele está na borda da barraca de cachorro quente e continua impecável como sempre. Existe algo incrível em Bernardo que me intriga: ele está sempre bem. Não o vejo vacilar nunca, desde a mecha do cabelo perfeitamente penteada a barra da calça social preta que fica a exatos centímetros do chão.

Fabício revira os olhos claros e solta fumaça pela boca. Esse por outro lado é a bagunça em pessoa e sua calça jeans rasgada é só o começo da história.

Fico em pé, procuro ajeitar meus cabelos que estavam presos em um penteado lindo até que depois da briga se desmanchou por completo. Respiro fundo e ando até Bernardo com meus saltos doloridos. Eu sei que tem mulheres que acham saltos confortáveis, mas eu não sou uma delas!

— Você está bem? — É a primeira coisa que ele quer saber. Estica a mão e mexe de forma íntima em meus cabelos, ajeitando-os. Ele parece preocupado, não apenas com meu bem estar, mas com o assunto interminado entre a gente.

— Tirando o fato de que esse é o segundo emprego que eu perco por razões pessoais... — Bato os ombros, mas é uma piada. Deixo um sorriso escapar pelos meus lábios. Devo estar com o batom borrado, tenho certeza que meu lápis de olho escorreu e minha máscara para cílios borrou.

Bernardo dá risada, achando graça e visivelmente encantado que eu mantenha o bom humor num período como esse. Mas é verdade, eu mantenho. O mais estranho é que agora que a confusão passou, eu

me sinto calma e energizada, como se tivesse acabado de sair de um show de rock.

— Não sei, você salvou a revista, tem seu valor! Não vão querer deixar você ir. — Ele diz. Eu não me convengo e balanço a cabeça fazendo que não. — É uma das coisas especiais em você.

— O que mais há de especial em mim? — Pergunto, fitando-o.

Bernardo olha diretamente em meus olhos, estamos bem próximos agora e o mundo se fecha em nós. Ao redor vira silêncio e escurece.

— Muitas coisas. — Ele diz baixinho, mas audível o suficiente para mim. A resposta ainda não me satisfaz, por isso continuo calada, esperando que ele diga mais coisas. — Você é doce, alegre e jovial. Poucas pessoas são assim, Leila. É por isso que você sem perceber, conquista todos ao seu redor.

São coisas que eu sou, realmente. Mas não acho que isso faz alguém especial. Quer dizer, o jeito que cada pessoa é ou age é especial e único por si só. Eu quero saber o que faz com que eu seja especial para ele.

— Só isso?

— O que quer que eu diga, Leila? — Ele me pergunta, as sobrancelhas escuras sobre seus olhos, fazem uma curva de dúvida.

— Não sei... é que somos amigos há tantos anos e se sou tão especial assim, por que nunca me disse?

— Eu tentei dizer tantas vezes... — Ele comprime os ombros e eu seguro em sua gravata prateada. — Naquela festa que você ficou com o Caio... no camarote, quando te liguei... mas você estava acompanhada. Você estava sempre procurando alguém, se

apaixonando enlouquecidamente por quase todo mundo... e eu estava sempre do seu lado, mas você mantinha distância de mim...

— Você namorava a Drica.

— De fato, mas depois eu terminei. — Ele diz. Sua voz vibra de um jeito calmo e sério.

— É verdade. — Respondo e balanço a cabeça para frente e para trás. — Mas o que você queria, Bê? Que eu fosse atrás de você e implorasse para você ficar comigo?

— Não... não sei, talvez... — Não há uma resposta correta para me dar e ele suspira.

Isso é algo que me irrita nos homens. Como eles são dominados por nós! Eu queria que eles fossem homens de atitude e não ficassem agindo como um barco sem remo solto e carregado pela maré. Eu sei que soa tolo e romântico, mas se o Bernardo tivesse terminado com a Drica e vindo atrás de mim, eu me jogaria em seus braços... e só o fato dele não ter feito isso, me tira do sério! Se sou tão importante e especial, por que ele não veio atrás de mim?!

— Por que você ficou esperando uma atitude minha ao invés de tomar? Será que não percebeu que talvez eu tivesse esperando uma atitude sua também?

— Você estava?

Dou uma risadinha. É para deixá-lo confuso, para que ele faça uma cara de dor e de espanto. Para que ele se sinta como eu me sinto... machucada.

— Você se colocou ao meu lado no papel de amigo... melhor amigo. E eu sei agora que você fez isso para me proteger... mas não percebe que isso criou entre nós uma dinâmica sólida na qual parecemos basicamente irmãos?

Ele segura em minha cintura e me puxa, para um beijo na boca. É um beijo com gosto de passado, lábios frescos. Meu coração acelera exatamente do mesmo jeito como foi a primeira vez. Um beijo de boca quente e macia. Nos beijamos para valer, uma espécie de abraço/amasso... um beijo que me fez perceber que eu estava errada.

— Foi irmão suficiente para você? — Ele sussurra e meus joelhos amolecem. Bernardo me beija de um jeito que eu me sinto desejada e ao mesmo tempo protegida. Não é um beijo sem sentimentos e é algo que de deixa fora de órbita, sem conseguir pensar, com adrenalina demais nas minhas veias.

— Não Bê. — Eu o afasto. Ele não quis me soltar, continuou me apertando, sua boca na minha bochecha, pescoço, orelha... estou quase sendo vencida por seu cheiro, seus lábios deliciosos e é quando eu me irrito de vez e o empurro. — Não, Bernardo! — Eu disse duramente. Ele congelou. Segurando o ar nos pulmões. — Não posso fazer isso, me solte!

— Por que não? — Ele se afasta mais, seu rosto de contorce com desgosto e dor.

— É tarde demais! — Coloco as duas mãos na boca. Ainda posso sentir a pressão do beijo em meus lábios e isso me incomoda.

— Eu te amo, Leila. — Meu coração para. Bernardo segura minhas mãos com gentileza e me olha com firmeza. — Se você tem medo de ficar comigo por algum motivo, perca agora! Fique comigo, Leila. Nós somos melhores amigos, eu te conheço como ninguém... eu vou ser capaz de te fazer feliz como nenhum outro.

Fiquei anos esperando que ele tomasse uma atitude dessas, que dissesse o que sente por mim e ele estava saindo com outras, estudando e seguindo os sonhos dele. As promessas chegam aos meus ouvidos vazias, de um jeito que me causam tristeza.

— Desculpa, Bê... — Balanço a cabeça e abaixo os olhos. — Eu amo você, mas como um amigo.

— Tem certeza? — Ele me pergunta, a voz vacilando.

Tá. Certeza, certeza absoluta eu não tenho! Mas estou muito confusa para decidir... meus olhos já estão cheios de lágrimas. Por cima do ombro olho pra Fabrício, mas percebo que ele não está lá. As cadeiras de plástico estão vazias, abandonadas. Apenas o dono da van está lá, fingindo estar muito ocupado empilhando pães.

Olho novamente para Bernardo:

— Desculpa... eu... preciso ir, preciso pensar! — Eu me viro, mas Bernardo segura meu braço.

— Não, Leila. Fica. — Ele me olha com intensidade e a eletricidade entre nós percorre meus braços fazendo meus pêlos arrepiarem. — Fica comigo.

— Não! — Eu me afasto dele.

Eu posso ver a dor em Bernardo. É sólida e ela transborda por seus olhos com tristeza. Ele faz que sim com a cabeça, mas coloca uma das mãos na testa, enfraquecido diante da situação. Eu tenho urgência em sair de perto dele. Meu coração está se dando um nó. Apertado e comprimido.

— Eu preciso ir para casa.

— Tudo bem. Eu te dou uma carona.

— Não, Bernardo... quero ficar sozinha, tá bem? A gente se fala na segunda.

— Leila... — Ele tenta contra argumentar, mas não permito. — Ei, onde consigo um táxi? — Pergunto para o dono da barraca. Ele não me responde, apenas aponta para um dos lados da rua e tenho por mim que é por onde tenho que seguir.

— Espera, Leila.

— Não, Bernardo, me deixa! Me deixa! — Eu o empurro e ao mesmo tempo bato as mãos contra seus ombros. Seco minhas lágrimas.

Ele ergue as duas mãos e fica parado, estático. Ele respira de forma doída, como se o ar rasgasse seus pulmões. Eu me viro e coloco meus pés a andar pelas ruas a noite. De repente, a noite ficou mais fria do que estava e a rua, mais vazia do que antes. Vou andando a passos devagar, pela calçada. Acho que posso ver o ponto de táxi na esquina.

Bem ao meu lado, um carro buzina. Levo um susto e pulo para o lado então eu percebo que é o carro do Fabrício. Ele está no banco do motorista, com a cabeça enterrada no volante, segurando-o com as duas mãos. Eu coloco uma mão em seus cabelos, fazendo um carinho e percebo quando ele se assusta, olhando para mim.

— O que foi aquilo? — Ele me pergunta. — Outro cara drogado beijando você?

— Foi uma declaração de amor. — Eu respondo e ele afasta a minha mão de seus cabelos. — Fabrício, eu...

— Não precisa se justificar. — Ele revira os olhos e procura por mais um cigarro, mas o maço em seu bolso está vazio. Ele joga o pacote no banco do passageiros, fazendo bagunça. Aquela bagunça que me irrita profundamente. — Aquele Bernardo sempre foi apaixonado por você, mesmo...

— Como você sabe disso? — Pergunto, mas estranho muito o comentário. Não me lembro de nenhuma vez que o Fabrício disse perceber alguma coisa, ou dizer que tinha ciúmes do Bernardo.

— Por que é assim que os homens fazem quando gostam de uma mulher. Eles ficam cercando, cercando... — Ele faz um gesto com as mãos, fechando os dedos até que elas formem um círculo. — Ficam só esperando um momento... — Fabrício se interrompe. Bate as duas mãos no volante e depois sorri para mim. — Eu te daria uma carona, mas o carro pifou.

Eu ensaio uma risada, mas estou me sentindo triste demais para rir. Passo as mãos nos olhos secando as lágrimas e percebo que minha maquiagem deve estar um estrago.

— Eu sou um idiota, Leila. — Ele corta o silêncio que se fez em nós.

— Eu sei disso.

— Entraí. — Fabrício pula para o outro banco e abre a porta para eu entrar no carro.

É a primeira vez que sento no volante do carro, não que eu faça questão de dirigir esse caro enferrujado, mas sei que ele só me ofereceu o lugar porque o carro está quebrado. Eu me sento e quando fecho a porta, começa a chuveirar do lado de fora, parece programado. Não evito em conferir onde está Bernardo e meu coração comprime quando ao olhar na direção da barraca, ele foi

embora. Droga eu sou muito idiota. Bato minha cabeça contra o banco estofado do carro (e não machuca), mas percebo através do retrovisor, que no banco de trás, há um terno pendurado na alça da porta.

— Ué, se você comprou um terno, por que entrou na festa vestido assim? — Pergunto para Fabrício.

— Ah... eu não gosto de ternos, você sabe.

— Sei. — Bato os ombros. Foi o único pedido que eu fiz para o Fabrício. O único! Que ele usasse um terno e estivesse presente na premiação e foi exatamente tudo o que ele não cumpriu. Eu nem deveria me espantar, sério! — Você nunca foi bom com formalidades... mas se não ia usá-lo hoje, então por que comprou?

— É por isso que eu sou um idiota, Leila. — Ele coloca as duas mãos na cabeça e joga o corpo para trás, relaxando no banco. — Eu tinha esquecido que a sua premiação era hoje. Quando nos falamos no telefone, foi que me lembrei.

— Eu percebi. — Lanço um sorriso e estico a mão para fazer um carinho em seus cabelos. Passo os dedos com delicadeza pelos fios castanhos e depois por seu rosto.

— E eu pensei... “Que droga, vou ter que usar terno!”, mas como era um lance totalmente importante para você, fui comprar.

Uma das coisas que os homens fazem quando realmente gostam de você é um sacrifício. Considero que para o Fabrício, usar terno é um sacrifício e um sinal de que ele realmente gosta de mim. Pena que no final de tudo ele não usou o terno e não se sacrificou por mim.

— Eu estava experimentando os ternos e pensei... “Não, nem vou usar isso! Só vou usar um terno no dia do meu casamento!” Saí da

loja correndo! Mas como a minha passagem só tinha sido agendada para a noite, tomei um café e fiquei pensando nisso, Leila.

— Nisso o quê? — Não entendo.

— Em me casar com você. Por isso eu voltei na loja e comprei um terno... e depois uma aliança. Pretendia pedir você em casamento logo que saíssemos dessa festa...

Que coisa. Eu achei que daria pulos de alegria se um dia o Fabrício me pedisse em casamento, mas acho que é o peso de suas palavras que me impede de sorrir ou ficar contente. Ele está colocando tudo no futuro do pretérito, como se não fosse mais me pedir em casamento ou como se tivesse desistido daquilo. Estar com o Fabrício tem sido um eterno futuro do pretérito. Tudo fica no "Eu faria, eu queria, eu gostaria"... mas nada fica no presente ou no futuro. Nada é, nada será.

Eu percebo então que chegamos na mesma conclusão. Ele não vai me pedir em casamento, se me pedisse, eu diria que "não".

— Você tem razão, Leila.

— É a regra dos três. — Eu digo com um suspiro. — Os primeiros três meses, devem ser como um sonho. Nos próximos três meses, os defeitos aparecem e devemos perceber o que realmente nos incomoda e o que conseguimos tolerar. Casamento é uma sucessão de tolerar o defeito dos outros...

— Eu toleraria os seus. — Fabrício me diz. — Mas você não me aguentaria uma semana!

— É... você tem razão. — Sou obrigada a concordar com ele.

— Mas fico tentado a dizer a você, para nos casarmos depressa, rápido, sem dar chance para que os próximos três meses acabem. — Ele bate os ombros. — Seria loucura?

— Acho que sim. Eu gosto de aventuras, adoro sua maluquice... mas sendo sincera, Fabrício, eu não sei se eu aguentaria essa situação pelo resto da vida. Eu te cobraria maturidade e você nunca vai crescer...

— Não é que eu não queira crescer. Eu faria por você.

— E seria eternamente infeliz, não é? Ficaria sábado a noite em casa comigo... sei lá, grávida, até veria um filme comigo... mas sua cabeça estaria na sua banda que estaria tocando sem você em algum canto da cidade.

— É, estaria. — Ao menos ele admite. — E você perceberia e nós dois seríamos infelizes.

— Pois é. Seria terrível.

— Seria. — Ele concorda com um sorriso, mas olha para a janela. — Seria um desastre!

Ficamos em silêncio. Cada um pensando no desastre em que estaria se metendo. Quer dizer, nós mulheres devemos ter algum problema: queremos nos apaixonar loucamente, viver uma aventura que coloque nosso mundo de pernas para o ar... mas na hora de casar, nossas mentes são outras. Nos focamos em outras coisas. Um homem que vira seu mundo de pernas para o ar não é um homem para te dar segurança e cuidar dos seus filhos. Ele precisa amadurecer para ser marido.

É como se a gente tivesse duas prateleiras, bem como os homens tem suas prateleiras do "para casar" e do "para se aventurar". Meu

relacionamento do Fabrício é do tipo dois e apenas do tipo dois, não é um relacionamento onde existem duas pessoas dispostas a abrir mão de suas individualidades e se tornar um "nós". Casamento é "nós". Você deixa de ser você, ele deixa de ser ele e juntos se tornam um "casal", com objetivos em comum, vontades em comum... e no nosso caso, bem, a única coisa que nós temos em comum é o sexo... o que qualquer pessoa com um pouco de maturidade e experiência de vida sabe que não é necessário para ir adiante.

Há uma falha na Regra dos Três Meses. Ela não prevê a mudança do relacionamento. Para a regra dar certo, as pessoas tem de ser sempre as mesmas, hoje e no futuro... e ninguém é sempre o mesmo, a gente muda com o caminhar da vida. A mudança é bem vinda... e não me apetece ser daquele tipo de casal que mantém uma relação só em nome do passado.

— Por que a gente fica colocando tudo no futuro do pretérito?

— Quê? — A pergunta até me assusta, parece até que o Fabrício está pensando a mesma coisa que eu.

— A gente pega um verbo e coloca "ia" no final. — Ele olha para mim. — Transformando em algo que a gente quer que aconteça, mas que não vai. Desistimos de fazer.

— Acho que todo mundo faz isso. — Bato os ombros. — É o mesmo princípio do "e se". Que denota arrependimento em não ter feito alguma coisa. A diferença é que colocar o "ia" no final das coisas, evita que a gente cometa um erro grave em nossas vidas.

— É. Você está certa. Eu não sou o homem da sua vida. — Ele sentencia.

Eu dou risada, é verdade. O homem da minha vida é o Bernardo. Enfio a cara no volante, do jeito que Fabrício estava segundos atrás. O carro buzina.

Minha história como Fabrício termina dentro de um carro velho que não pega, na chuva e sem cigarros ou bebidas. Um fim sóbrio. Simplesmente amargo, triste e inesquecível. Mas é assim que todas as aventuras terminam, certo?

Melhor terminar com essa sobriedade amarga da vida adulta do que descobrir segundos antes de entrar no altar que o Fabrício era o cara errado... e o que eu ia fazer quando estivesse vestida de noiva e prestes a entrar na igreja? Eu ia surtar, ligar para o Bernardo e pedir para ele ir me buscar... talvez eu ligasse para a Drica e para a Ruth também, descontrolada e chorando e elas me fariam perceber quem eu realmente amo... não que eu precise delas para isso, afinal, eu sei quem eu realmente amo!

Engraçado como o mundo dá voltas e voltas e te coloca exatamente onde você deveria estar...

Abri a porta do carro e saí na chuva.

— Ei, peraí! — o Fabrício se estica no banco do carro e segura a barra do meu vestido. Eu olho por cima do ombro, ele me estende um guarda-chuva, sorri e pisca um dos olhos. — Quando você for pegar suas coisas em casa, me devolve.

— Obrigada! — Não evito em lançar um sorriso, acho incrível que ele seja capaz de lidar tão bem com o assunto, afinal, ele sabe para onde eu estou indo tão bem quanto eu. Respiro fundo. Hora de encontrar o Bernardo.

16 CORRENDO CONTRA O TEMPO

Na chuva, segurando um guarda-chuva velho e caindo aos pedaços, de maquiagem borrada e vestido sujo, é claro que não me deixaram voltar para dentro da festa e nem me ajudaram a chamar pelo Bernardo. Eu liguei diversas vezes em seu celular, mas Bernardo não me atendeu. Tive certeza que eu o tinha perdido para sempre. Sentei na escadaria, chorei, chorei e chorei e o Fabrício foi me resgatar quando o guincho do carro dele chegou e ofereceu para dividir um táxi comigo. Eu fui chorando o tempo todo

Fiquei tão cansada e tão exausta que desmaiei na cama. Acordei de repente, com a campainha sendo tocada em desespero. Com o vestido de ontem, levantei da cama e caminhei descalça até a porta. Olhei pelo olho mágico e... duvido que vocês adivinhem quem era!

A Drica.

Sério.

Abri a porta no susto, mas já pensando que ela estaria vindo para me dar um troco e acertar as contas por causa do Eduardo. Ainda por cima, o maluco bêbado me beijou ontem e com certeza o Bernardo disse tudo a ela! Sabe é engraçado, passei os últimos meses achando que a Drica me odiava por eu ter beijado o Bernardo e na verdade ela me odiava porque eu destruí o carnaval dela ficando com o Eduardo.

— Leila! Pelo amor de Deus! Estou te procurando há horas! — Ela coloca as duas mãos no meu ombro. — Nossa, você tá um lixo! Não dá para ir assim!

— Quê? — Eu deixo ela me guiar para dentro de casa novamente.

A Drica está com um Band-Aid das Princesas Disney no rosto, bem onde meu anel a arranhou, mas fora isso ela continua a mulher mais elegante e linda de todos os tempos: os cabelos estão presos em um coque, ela usa um vestido branco e preto e um colar de pedras negras adornando o pescoço.

— Acabei de terminar meu namoro e recusar um pedido de casamento, Drica...

— Hm, estou sabendo. Fui primeiro na casa do Fabrício atrás de você... ele me contou tudo.

— Contou?

— Aham. E descobri que ele é irmão do Eduardo.

— Oh, Eduardo. — Travo. Meus pés empacam como uma mula teimosa. — Drica, eu não sabia de você e do Eduardo, eu juro...

— Relaxa! Eu sei que briguei com você ontem e as coisas estão meio esquisitas entre nós... — Ela diz isso mas está andando em direção ao meu quarto. Abre a porta do meu armário e remexe minhas roupas. Drica para e joga seus olhos para mim, com uma das mãos na cintura. — O Eduardo é um idiota. Ele estava bêbado e como nós brigamos ele quis se vingar, eu acho. Só prova como ele é um babaca e como eu fui burra por brigar com uma amiga por causa de um cara que só me trai.

— Ué, vocês estavam... namorando?

— Depois daquele desastre na redação começamos a sair mais frequentemente e começamos a namorar firme. Eu sei que errei, você me perdoa?

— Poxa, Drica, quem tem que pedir desculpas sou eu... acho que fui muito egoísta, não pensei nem uma vez em você e na Ruth, só em mim... quer dizer, o Clube das Desapaixonadas sempre foi um lance mais entre vocês do que meu.

— Ai, Leila... — Drica coloca a mão direita na cabeça. A esquerda segura sua bolsinha clutch. — O Clube é nosso. De nós três. Não tem sentido duas continuarem se uma saiu...!

Eu a abraço. Estou tão feliz que ela disse isso que não consigo me conter.

— Mas vamos, que não temos tempo. — Ela se afasta e pega uma calça para mim, me esticando o cabide.

— Tempo pra quê?

— Para impedir o Bernardo viajar, Leila!

— Oi? — Fico branca. O Bernardo vai viajar? Para onde? Com quem? Quando foi que ele decidiu isso e por que não me disse nada?! — Ele vai viajar?

— Olha. — Ela vira para mim bem séria. — Já chegou a hora de vocês dois pararem de agir como adolescentes.

— Não estou agindo como uma adolescente.

— Você está sim, sempre foge e se afasta com medo de se magoar...
— Ela aponta e eu fico quieta, ou teria que gritar "bingo!", ela acertou na mosca. — Vocês se gostam, se amam... todo mundo já

percebeu esse lance todo que rola entre vocês... menos vocês, claro, que ficam de besteirinha ao invés de se agarrarem logo de uma vez como dois adultos normais fariam.

— Oh...

Ela pega uma blusinha qualquer do armário e me entrega. É branca e preta, comprei em uma liquidação na Zara e tem um Yorkshire estampado. No meu armário só tem roupas que eu quase não uso, já que eu estava basicamente morando com o Fabrício.

— A Ruth está fazendo de tudo para segurá-lo do lado de fora do check-in, mas o voo dele sai em meia hora. Eu vim correndo te buscar. Só você pode impedi-lo. Leila!

— Por que ele vai viajar?

— Como por quê? Ele ficou super magoado, você deu um fora nele! Oops. É verdade, eu dei um fora nele! Eu estava confusa, doida, sei lá. Tudo o que eu falei para o Bernardo foi dito em um momento de confusão! Ele deve ter ficado mesmo muito magoado, no lugar dele eu estaria pensando seriamente em me mudar de país... aimeudeus.

— Não, Drica, pera. Melhor deixar ele ir...

— Tá louca, Leila? Você não precisa ficar com medo de me magoar. Minha história com o Bernardo terminou há eras atrás!

— Ele me disse que no camarote, você tentou reatar, Drica. Com certeza você ainda o ama.

— Não, eu estava bêbada. Fora de mim. O Eduardo estava me traindo... não aguento mais homem que me trai! Eu achava que o Bernardo era o único que não tinha me traído... O Bernardo estava esperando tanto por você naquele camarote que me dava pena... eu

dei em cima dele, ele me contou a verdade... bom, você sabe do resto...

— Sei... — Faça uma careta. — O Bernardo deve me odiar depois de tudo o que eu disse a ele!

— É claro que não, sua tonta. Se ele te odiasse estaria em um puteiro e não fugindo para onde possa chorar como um bebê sem ninguém ver que ele perdeu o amor da vida dele.

Faz sentido. Eu fico parada segurando minhas roupas.

— Anda logo, Leila! Se troca, não dá para ficar pasmando e deixar o homem da sua vida entrar em um avião e se mandar para outro país!

Amigas. Elas fazem isso por você. Te impedem de cometer o pior erro da sua vida. Eu me troco voando! O Bernardo é o homem da minha vida, eu o amo e não quero deixar ele ir embora desse país. Eu só espero que não seja tarde demais para impedi-lo!

Eu e Drica entramos no Aeroporto esbaforidas. Foi difícil encontrar uma vaga e largamos o carro na porta, onde só podemos parar por cinco minutos para carregar ou descarregar, mas quem se importa de levar uma multa agora? Temos pouco tempo.

Eu estou tremendo por inteiro. Na minha frente tem um enorme painel eletrônico com os destinos e horários, para indicar se os voos estão atrasados ou não e em que portão ele vai sair.

— Passageiros com destino à Buenos Aires, embarque no portão D.
— O alto-falante anunciou e isso causou uma urgência no meu corpo.

Comecei a correr. Não, o Bernardo não vai para Buenos Aires, a Drica me disse que ele comprou a primeira passagem disponível para Nova Iorque... mas eu preciso chegar até ele antes que o anunciem o seu vôo, ou ele vai entrar na sala de embarque, afinal a Ruth não conseguiria segurar ele para sempre e certamente a essa altura ele já despachou as malas e fez o check-in.

Drica tem que tirar os saltos agulha para me acompanhar e eu ganho uma pequena distância entre nós. Enquanto corro, minha mente entra em pânico. Sabe, os alemães adoram nomear os sentimentos... eles nomearam aquele desespero que temos quando nossa vida não está lá muito boa e a gente tem vontade de fugir e ir para bem longe. Esse desejo de se distanciar da chatice cotidiana, para eles é conhecido como "fernweh". É isso o que o Bernardo está fazendo...

Eu paro de correr no susto, quando reconheço em uma mesa da cafeteria (em frente à livraria para onde eu estava indo) a cabeleira loira de Ruth. Ela está dentro de um tubinho verde de cetim que deixa claro que ela está sem calcinha. Tem uma fenda bem grande nas costas. Se eu usasse um vestido com uma fenda dessas, teria uma enorme marca e biquíni nas costas, eu não tenho coragem de tirar o laço para me bronzear, com medo de ser atacada por algum tarado.

Ela está sentada de costas para mim e posso ver Bernardo sentado de frente para ela soltando a xícara branca onde possivelmente está um café sem açúcar (para curar a ressaca). Ele ergue a cabeça e me vê, fica branco de susto. Eu ando afundando pés até ele. Durante meu trajeto, Ruth vira a cabeça na minha direção, provavelmente percebendo que Bernardo congelou quando me viu. Ela sorri aliviada, feliz por me ver.

Bato as duas mãos em cima da mesa de madeira da cafeteria com tanta força que as louças pulam e fazem um barulho alto. Eu me inclino na direção de Bernardo:

— Você tá mesmo fugindo?

— L-Leila... eu... — Ele tenta se explicar, mas quase não consegue pronunciar meu nome, de tão surpreso por me ver ali.

— Eu não acredito Bernardo! — Berro. Estou tão brava que não cabe em palavras. O mundo inteiro se fecha ao meu redor, só vejo Bernardo boquiaberto. Estou dando um escândalo. — Você tem toda a coragem do mundo para viajar para o outro lado do mundo e fugir de mim, mas não tem coragem de se declarar!

— Ei! — Ele se inclina na mesa, também. — Eu me declarei! E caso não se lembre, levei um fora!

— Não levou! — Grito, embora a gente esteja tão próximos agora, que ele pode me ouvir mais do que claramente.

— Você disse que eu era como seu irmão! — Ele está bravo. As sobrancelhas dele se curvam e ele me olha com intensidade.

Eu me inclino mais, beijando-o. Pego Bernardo de surpresa, ele até demora um pouco para perceber o que está acontecendo e não se mexe. Eu me afasto:

— Foi irmão suficiente para você? — Sussurro, com um sorriso. Ele comprime os lábios, mas é só para tentar segurar um sorriso. Ele coça testa pensando um segundo. Por fim, se ergue do assento e segura em meu pescoço puxando-me para ele.

— Eu te amo Leila.

— Eu te amo, Bernardo! — Ergo os braços, apoiando-os nos ombros de Bernardo. Nossos olhos se encontram e nossas bocas de

encostam para um beijo forte e digno de uma cena de cinema.

Drica começa a aplaudir e ao redor de nós, as pessoas aplaudem junto. Ruth assovia comemorando. Eu e Bernardo nos beijamos longamente. Até que, finalmente, ele me leva para jantar.

FIM.

Extras Fabrício

#1 RESSACA

— Ei! — Acordei a garota com quem dormi na noite passada sem muito romantismo, jogando sobre ela seu vestido vermelho e curto que chamou a minha atenção ontem a noite.

Não lembro o nome dela, mas sei que ela é bem gostosa. Entretanto, já estou entojado de sua presença ilustre na minha cama e quero que ela vá embora. Nota mental número um: não trazer mais vadias para casa, levá-las em um motel ou drive-in. É mais fácil de se livrar da bagagem nessas duas opções do que a opção que eu escolhi... isso que dá estar bêbado.

— Hmmm... — Ela se espreguiça e tira o vestido de cima do rosto, com um sorrisinho. A maquiagem está borrada, os cílios postiços estão descolando e a boca borrada me faz lembrar de palhaços... embora o único palhaço aqui nessa história seja eu.

— Anda, levante, preciso ir trabalhar e você precisa ir embora. — Puxo o lençol de cima dela e posso ter uma visão de seu corpo delícia. Pensei que ela fosse feita de caramelo, mas pra ser sincero, estou com dor de cabeça.

A garota desconhecida não é feia, não, ela é bem gata e sei de muitos marmanjos que teriam inveja da minha noite... o problema é que eu perdi o tesão por essas transas de balada... e não sei exatamente quando foi que isso aconteceu. Tá, eu sei exatamente, mas não quero falar nisso. É humilhante.

A desconhecida abre os olhos escuros bem abertos, em susto, ou incredulidade. Acho que é difícil para uma garota ter que lidar com uma expulsão logo de manhã. Não sei se existe um protocolo que as mulheres seguem no dia seguinte após uma foda-de-uma-noite-só,

mas sempre fico com a impressão de que elas estão esperando alguma coisa, como um convite para um café-da-manhã... ou algo do tipo. Garotas, caíam na real, é uma noite só, com ou sem café da manhã. Hoje é sem.

Eu viro de costas e caminho na direção do banheiro, já entrando pela porta:

— Ao sair tranque a porta e jogue a chave por baixo dela. — Entro no banheiro e fecho imediatamente a porta, nem quero encarar essa garota fazendo drama ou me convidando para mais duas horas debaixo do lençol.

Demoro o tempo que acho necessário até escutar a porta bater. Saio do banheiro só de toalha na cintura e meu quarto está virado do avesso. Bem, não só o quarto, mas a sala, a cozinha... faz parecer que um furacão passou ali dentro, mas foi só a fúria da tal desconhecida. Tá, como se bagunça me incomodasse. Acho até engraçado e meio infantil a atitude dela, vou até a minha geladeira, pego uma cerveja de 600ml e me sento no sofá por cima de livros e roupas, estico meus pés na mesinha de centro e relaxo.

Ou quase. Estou com dor de cabeça e o saco lá na lua de tão cheio. E vocês garotas achando que um cara não curte uma fossa de vez em quando... E para ser franco com vocês, essa é a minha primeira verdadeira fossa. Claro, depois dos 13 anos, quando eu tinha uma queda séria pela minha vizinha seis anos mais velha... eu me masturbava quando a via de biquíni na piscina do condomínio. Ah... a puberdade. Termino de tomar a cerveja e minha mente já está mais leve, impregnada pela imagem da minha ex-vizinha de biquíni (e nua, afinal, apesar de eu nunca tê-la visto nua eu imaginei bastante como ela seria).

Estico as costas no sofá, largo o casco vazio da cerveja no chão e ele rola até o rack de televisão... a campainha toca e me tira do

sossego. Coloco as duas mãos na minha cabeça e não quero saber quem é, vou dormir.

Aí a porta destranca e abre, para que eu me lembre de nunca dar a chave para quem você não quer que invada o seu sossego:

— Fabrício? — Escuto a conhecida e rouca voz de Yolanda. Ela tem 55 anos, é minha secretária, ou algo do tipo, cuida de todos os meus assuntos... financeiros, pessoais, profissionais... tem até a senha do meu cartão de crédito. E ela é 100% confiável. — Ah, não acredito menino, você está dormindo?

Menino. Hahaha. Isso me faz rir e acabo me sentando entre gargalhadas. Yolanda para na minha frente de braços cruzados. Não consigo ver seus olhos, os óculos grandes e quadrados que ela usa fazem reflexo, mas ela é bem gordinha, tem os cabelos castanhos (tingidos em um tom de avelã) curtos e está usando calça social verde e uma blusinha que acho que é amarela, mas não aquele amarelo forte, aquele amarelo mais da cor de areia.

— A noite foi longa.

— Bem imagino, mesmo! — Yolanda revira os olhos e vai para o meu quarto. Posso ouvi-la reclamar de lá. — O que é isso, que bagunça é essa?

— A fúria de alguma vadia sem nome.

— Outra fã?

— Sei lá, qualquer uma.

— Você precisa parar com isso, não é assim que a gente supera um coração partido.

— Ohhhh... — Dou risada. — E como é? Chorando?

Homens não choram. Na verdade a gente até chora, biologicamente falando, mas normalmente a gente não chora, engole a dor e vai com o orgulho ferido inflar o ego passando o rodo em qualquer oferecida disponível pela noite... e acredite, são várias oferecidas disponíveis por aí.

Yolanda retorna com as roupas que ela acha que eu vou vestir. Joga tudo em cima de mim e anuncia firmemente:

— Ande, vista-se logo que você está em cima da hora para sua reunião naquela revista.

— Não, nem vou... — Solto as roupas todas para o lado, misturando com a zona. Deixo minha cabeça tombar no encosto do sofá.

— Hmm, vai sim. Você me disse que fazia questão de estar nessa entrevista. — Yolanda se aproxima puxando as roupas da bagunça e colocando-as de novo em cima de mim. Acho incrível que ela lembre quais foram, eu já tinha me esquecido e pegaria qualquer uma, suja ou limpa, tanto faz.

— Isso foi antes. — Ênfase no antes.

Sabe, é um saco isso, ficar lembrando do fora que você levou. Que droga. Da próxima vez que eu resolver namorar e noivar com alguém vou me lembrar de escolher qualquer garota que não seja jornalista, diretora da revista mais influente do showbusiness e a mais gata do pedaço também. A gente se apaixona faz tudo pela mulher da nossa vida e a vadia te troca pelo melhor amigo. Não é a toa que nós odiamos os melhores amigos de nossa namorada e tenho dito.

— Não me venha com essa. Se troque agora. — Yolanda ordena.

Jesus. Essa mulher as vezes me dá medo, sai até faíscas dos olhos dela. Foi por isso que eu a contratei, para início de conversa... sou vencido e coloco a camiseta. Ela escolheu uma camiseta nova e bem apresentável, adianta nada, chegando lá naquela revista a produção vai me colocar em calças apertadas, camisetas personalizadas de alguma banda que eu provavelmente nem escute... bla bla bla. Não é que eu não goste, eu adoro, mas confesso que hoje eu só quero ficar em casa.

— Que horas são? — Pergunto na esperança que seja tão tarde que desistam dessa ideia de entrevista e fotos por hoje.

— Sete e trinta e dois. — Yolanda me responde e eu tenho que me virar para olhar para ela. Ela está na cozinha preparando um sanduíche de queijo, para mim, claro.

— Aff, o que você faz aqui tão cedo, seu expediente começa as nove!

— Leila me ligou. — Ela diz e soca os sanduíches com força, para amassá-lo. Não sei se ela está compensando a raiva de mim ou se está com raiva da Leila por mim, ou por acordá-la de manhã tão cedo.

— Ela ligou?

Por que eu sou tão idiota? Depois que eu faço a pergunta mais carente e imbecil da face da terra, eu me toco de que eu não deveria me importar se a Leila ligou ou deixou de ligar... essa foi a mulher que recusou meu pedido de casamento e beijou (na minha cara) outros dois homens, sendo um deles o meu irmão!

— Pra quê ela ligou?

— Disse que não é pra você se atrasar. — Yolanda me olha e percebe que eu ainda não me vesti. — Vamos logo ou vou ter que te levar assim de toalha para ela?

Nem pensar. Aliás a ideia é bem divertida, eu aparecer lá na sala da Leila só de toalha... acho que ela gritaria! Infelizmente, não seria gritando em um orgasmo, mas me expulsando de lá e me mandando por uma roupa. Saco. Fico em pé, visto a cueca e a calça jeans. Yolanda joga o sanduíche junto com as chaves do carro e os pego no ar. — Dirija com cuidado.

— Hm, seria ótimo me extrapolar na traseira de um caminhão de tijolos. — Falo com a boca cheia de sanduíche. Ando até a porta e posso ver a chave que a desconhecida deveria passar por baixo da porta dentro do aquário (que está sem peixes há séculos, eu esqueço de dar comida e eles morrem). Enfio a mão dentro da água pegando a chave e coloco de volta na porta. Sei que Yolanda ficará em casa hoje monitorando o serviço de qualquer faxineira que ela contrate para colocar a casa no lugar.

— Vai descalça, é?

— Ah saco. — Olho para meus pés. Yolanda corre no meu armário e pega um allstar qualquer. Ela escolhe justo o cinza que eu odeio, mas que a Leila me deu de Natal. Que saco mil vezes. — Valeu.

Desço até a garagem e infelizmente lembrei que estou sem o carro que era do meu pai. Depois da pane que ele deu eu coloquei na oficina para restauração (há muito contragosto, mas me disseram que o carro ia estragar se ficasse estacionado o resto da vida). Olho para as chaves que Yolanda me deu e tenho certeza que ela já tinha tudo premeditado, ela me deu as chaves do meu outro carro, o que eu detesto dirigir e deixei com ela para que ela possa fazer tudo o que eu quero sem reclamar... o Corolla automático. Ele é vermelho, eu achava que ter um carro verde e outro vermelho parecia legal, mas detesto sedãs.

Dentro do carro a rota do GPS já está calculada para o estúdio de foto e filmagem da Revista e o meu celular no painel está tocando (na verdade é meu terceiro número e deixo ele sempre com a Yolanda, mas aposto que ela sabia que eu deixei meus dois outros números sem bateria para que ninguém me encontrasse hoje).

Advinha quem tá me procurando e qual o nome que posso ler piscando no visor? A Leila.

#2 A“DR” NADA PROFISSIONAL

A calça era apertada demais e tiveram que chamar a costureira para dar um jeito no botão que não queria fechar. Ela era mais nova do que eu achei que costureiras eram e muito mais bonita também. Fiquei em pé. Soltei o celular em cima da mesa do camarim ignorando o que seria a décima ligação da Leila. Não sei, mas eu queria preocupa-la achando que eu não fosse aparecer.

E também por que ficar ligando? Com certeza a recepção do estúdio já tinha avisado que eu estava lá, certo? E quem disse que ela queria falar comigo? Aquele número ficava sempre com a Yolanda.

— Ai! — Olho para baixo. A costureira acabou de me alfinetar na barriga. Ainda bem que a calça não é baixa ou ela alfinetaria outro lugar.

A costureira não me pede desculpas, na verdade ela está rindo com cara de safada, os dois grandes olhos castanhos querem me hipnotizar. Qualquer homem fica louco com mulher que faz cara de safada, mas ela tem que ser bonita e ter um ar angelical para funcionar assim de primeira. Talvez essa garota não seja exatamente uma costureira, mas alguém que se ofereceu para costurar o botão... Vantagens de ser um Rockstar.

— Hmmm acho que tem mais um botão solto. — A garota, da qual não sei o nome e não sei se quero saber, diz mordendo sensualmente a barra da calça na minha cintura e puxando, abrindo os botões. Será que preciso avisá-la que estou sem cueca?

Acho que ela sabe. Certeza que ela sabe. Exalo ar, relaxando um pouco, mas acho que não estou por aqui. Meu olhar se perdeu ali na maçaneta redonda na porta e no ponto de luz que reflete no metal.

A sensação é de vazio, eu me sinto como um fantasma ultimamente. Falta vida em mim.

Tenho um momento na minha vida que considero o pior de todos, a partir daí o uso como um medidor de infelicidade... Estou bem infeliz nesse momento, só falta um velório.

A porta do camarim abre e reconheço aqueles cabelos lisos da cor de chocolate de um jeito que meu coração acelera.

— Ei, já estamos pron... — Ela se interrompe ao ver a cena. Acho que ela não quer ver, cobre os olhos com uma das mãos, enquanto a costureira se afasta limpando a boca e eu fecho o que dar para fechar dos botões da minha calça em tempo recorde. — Pelo amor de Deus!

— Não te ensinaram a bater antes de entrar? — Eu pergunto, mas não queria ser estúpido com ela. E claro que fui, a Leila tira a mão dos olhos só para me olhar firme e posso ver o fogo crepitar no interior de sua íris.

— Daniela, saia daqui agora. — Leila passa a bronca em sua funcionária com uma voz de comando tão forte que a única opção é se comportar como um cachorro treinado. Daniela sai da sala com o rabo entre as pernas, eu me sento quieto na cadeira e Leila passa para dentro do camarim batendo a porta com um estrondo. Parece até que fiz algo de errado, mas na verdade não fiz. Eu e a Leila terminamos há poucos meses atrás quando ela resolveu que queria ficar um tempo sozinha, recusou o único pedido de casamento que já fiz na vida e começou a sair com o arroz-de-festa mais conhecido como Bernardo.

— Você já está cinco minutos atrasado e a equipe está impaciente!
— Ela nem me olha, preferindo o celular que apita alguma coisa.

Isso me tira do sério. A forma com que ela se acha na razão.

— Ninguém teria que esperar nada se suas figurinistas fossem competentes.

— Bem vi como você a achou incompetente ajoelhada na sua frente!
— Leila finalmente joga sua atenção sobre mim.

Acabo sorrindo, não estou achando a situação engraçada só idiota e feliz porque ela está me vendo e não me ignorando.

— Quanto mau humor logo pela manhã! Quando dormia comigo você sempre acordava sorrindo!

— Fabrício... — Ela coloca o dedo indicador e o polegar na testa, bem na linha do nariz, como se sentisse dor de cabeça.

— Pelo visto o Bernardo te transformou em uma mal comida.

— Já chega Fabrício! — Ela grita, tá bem brava! Agora eu acho graça e dou risada.

— Que foi? — Faço-me de besta.

— Acho bom mantermos a conversa no nível profissional apenas! Eu vim coordenar uma produção a pedido da Yolanda e não discutir um relacionamento que já acabou!

Que saco! Quer dizer que a Yolanda mentiu? Aquela velha descarada sabe bem como me manipular! Fico em pé, pensando em mudar de

estratégia. Já que não deu certo um confronto vou dar uma de meloso e dobrá-la em duas.

— Ah, não fica assim, raposinha! — Não que a Leila se pareça com uma raposa... Só o fato de que eu quero caçá-la. Preciso dessa mulher de volta na minha cama, minha casa, minha vida! Urgente.

Seguro em seus ombros, deslizando os dedos para o braço na intenção de acalmá-la um pouco. Nossos olhos se encontram e tomo a liberdade de me inclinar para sussurrar em sua orelha. O perfume da Leila é tipo minha Criptonita! Meus joelhos enfraquecem assim que eu sinto um teco de sua fragrância adocicada.

— Quando terminar a gravação, vamos almoçar... Te faço uma massagem bem gostosa e você relaxa!

— Pare com isso. — Leila segura meu rosto com uma das mãos e me afasta de imediato.

Como um mosquito indesejado zanzando perto do ouvido.

— Que é, você tá precisando, do jeito que anda estressada! — Insisto. Eu sei que a Leila não consegue resistir ao meu charme tanto tempo.

— Como é? — Oh-oh.

Pela curvatura de suas sobrancelhas bem feitas sei que pisei em um calo. Droga! Ela se afasta.

— Se eu estou estressada é porque você tá agindo feito um cachorro no cio dando em cima da minha funcionária ao invés de ir gravar logo essa droga de entrevista!

— Ei, foi a sua funcionária que deu em cima de mim! E não precisa ficar com ciúmes!

— Eu não estou com ciúmes! — Leila nega, perplexa de minha acusação, mas ela está, certo? — A equipe inteira está te esperando! Esse estúdio é alugado por hora, sabia?

— E agora a culpa é minha que sua editora não tem dinheiro para pagar o aluguel?

Ai! Eu não devia ter dito isso. Primeiro: a Leila está fazendo um ótimo trabalho tirando a Revista e o portal online da lama em que estava e segundo: eu que a convenci a aceitar esse emprego.

Leila endurece na minha frente. Seu olhar vira um iceberg no meio do polo sul e sua voz se altera.

— Quer saber, transe com quem você quiser, demore o tempo que você quiser! Eu vou mandar a conta excedente para sua gravadora!
— Ela vira para a porta e a abre. O corredor dos bastidores está vazio. Tinha a impressão de que as pessoas estariam com a orelha colada na porta.

— Quer saber, manda mesmo! — Digo. Segurando minhas calças, vou atrás dela pelo corredor. — Aproveite e coloque na conta a demissão daquela vadia assim você não se sente culpada de aumentar os gastos da empresa!

— Daniela! O nome dela é Daniela! Não ofenda meus funcionários só porque você não sabe lidar com um fora!

Agora ela pegou bem pesado! Isso me tira do sério! Tomo fôlego para responder, mas sou interrompido:

— Er... Dá licença? — É a tal da Daniela que desponta no corredor. Pela cara dela, acho que ouviu tudo. — A equipe já está pronta.

— Ótimo. — Leila se adianta. Ela revira umas folhas de uma prancheta que Daniela segura. — Arrume um alfaiate para costurar logo esse botão. Qualquer horário que exceder ao contratado, o Sr. Fabrício está disposto a financiar.

Acho tão sexy quando ela fala assim parecendo uma corretora da bolsa de valores! Leila assina um dos papeis na prancheta com a caneta que Daniela oferece e depois vira para mim:

— Terminamos por aqui!

— O que aconteceu com o “vou coordenar a produção” de dois minutos atrás?

— Tenho certeza que a Daniela é super competente para coordenar essa produção por si mesma. — E vira para a garota, que esbugalha os olhos ao se perceber em uma roubada. — Não é Daniela?

— C-claro. — A menina quase bate continência tamanha a insegurança com aquelas palavras e pra ser sincero, eu preferia que fosse a Leila...! Cruzo os braços.

— Claro. Super. — Repito.

A Leila caminha para fora do corredor, eu volto para o camarim e já amaldiçoo o fato de que topei aquela entrevista exclusiva! Tinha me parecido uma boa na época em que eu era quase-casado com a Leila, mas agora que ela me grudou dois chifres na minha cabeça, acho uma péssima ideia. Bato a porta do camarim e me jogo no sofá esperando o tal “alfaiate”, que tenho certeza que vai ser um homem.

Meia hora depois Mathias (o baterista) e Cleber (o baixista) já estão no camarim comigo e ninguém arrumou minhas calças. No final, acabo indo assim mesmo com um alfinete que eu mesmo coloquei para segurá-la fechada e como a entrevista é feita comigo sentado o tempo todo, não tem problema nenhum, não faço nenhuma gafe... tudo muito normal. A entrevista corre inclusive muito bem, exceto pelo fato de que o sonoplasta mandou uma música que não era nossa em um determinado momento e eu tive vontade de pular em cima dele... mas enfim, me controlei.

Quando a entrevista termina, volto para meu carro e não consigo fazer a droga do GPS funcionar. Por sorte, voltar para casa é algo que eu sempre soube fazer. O celular (de Yolanda) toca, dessa vez, um número que eu não conheço, de celular. Atendo:

— Alô?

— Falo com o Sr. Fabrício Andreolli da Blackout? — É uma voz bem fina, esquisita e anasalada.

— Aham. Quem é?

— Guto Biarrari, sou o diretor geral da Editora Biarrari, responsável pela revista feminina de moda Dominante. — Ele se apresenta. Sua voz não é bem como eu esperava a voz de um diretor-bam-bam-bam; mas acho que ele nem precisa dizer para que está me ligando, aposto que é sobre a confusão que eu tive com a Leila logo cedo. — Posso falar com o senhor dois minutinhos?

Normalmente, eu sou a pessoa mais simpática e fazedora-de-amigos da face da terra e diria a ele que não precisa me chamar de "senhor", mas ele já está me irritando.

— Se for mesmo dois minutos.

— Será. Fui informado que você teve um pequeno desentendimento com a minha diretora, a Srta. Leila Meirelles logo cedo...

— Hm, verdade. — Respiro fundo. Acertei o assunto, mas não gostei disso. — Lamento pelo ocorrido e em nome da Editora Biarrari gostaria de pedir desculpas por isso. — Ele faz uma pausa. — Gostaria de informá-lo que a Srta. Meirelles não fará mais parte da nossa equipe se assim o senhor desejar.

Eu congelo. Por essa, eu não esperava!

#3 COMO CONQUISTAR UMA MULHER

— Como é? — Minha mente demora um pouco para compreender o que o Sr. Biarrari está me falando. Ouvi direito ou ele disse que se eu quiser ele vai demitir a Leila por brigarmos nos bastidores?

— É uma maneira de nos desculparmos com o senhor, foi realmente um infortúnio e uma falta de profissionalismo da Srta. Meirelles.

— Falta de profissionalismo? E aquela... Daniela? A figurinista?

— A Srta. Daniela Spiner é uma grandiosa profissional.

Eu. Não. Acredito.

Fico como um GPS em pane, calculando rota, no caso... pensamentos. Não gosto muito da atitude do Sr. Biarrari. Tenho a impressão de que isso foi uma jogada calculada pela tal da Daniela. E eu fico muito nervoso com isso. MESMO.

Eu xingo a garota, o que a Leila faz? Protege sua equipe. Eu brigo com a Leila e o que a equipe dela faz? Liga pro diretor-provavelmente-dono da Editora e dedura a Leila, colocando-a na berlinda prestes a perder o emprego! E a Editora o que faz? Ao invés de levar em consideração que a Leila salvou a Revista do fracasso, ganhou um prêmio e ressuscitou das cinzas o portal online, simplesmente esquece tudo que ela fez com medo de que um maldito rockstar egocêntrico (no caso eu), desista de sair na capa da edição? Como a Leila pode ser tão burra, trouxa e inocente? É tipo uma sereia linda nadando em um mar cheio de tubarões.

— Claro, demita a Srta. Meirelles. Assim ela não precisa mais trabalhar com um babaca como você.

— Perdão?

— Isso mesmo que você ouviu. Sabe, acho que todo diretor ou dono de empresa que se preze, devia ter a decência de distinguir bons profissionais pelo trabalho que eles fazem e não pelo quão dedoduro eles são!

— Eu não compreendi.

— Eu acho que você compreendeu muito bem. Passar bem. — E desligo na cara dele.

Não sei se a Leila vai ser realmente demitida, eu espero que não, mas se for, tenho certeza que ela arranja um local muito melhor em dois dias. Ela ganhou um prêmio por inovação, pelo amor de Deus! Vale muito mais do que o VMB que a minha banda vai receber na semana que vem — motivo pelo qual fizemos a entrevista com exclusividade, diga-se de passagem.

Deixo o estacionamento do estúdio cantando pneus. Vou para minha casa, que já está organizada pela eficiência que a Yolanda cobrou das faxineiras contratadas (muita eficiência, por sinal) e me jogo no sofá.

— Ué, não almoçou com a Leila? — Yolanda me pergunta assim que me vê entrar. Ela está sentada na poltrona, assistindo o jornal da tarde.

— Por que eu almoçaria? Brigamos, ela foi demitida e agora me odeia ainda mais! — Coloco as duas mãos na cabeça. — Preciso de uma cerveja, agora.

Yolanda suspira pesadamente. Fica em pé e vai até a geladeira.

— Envie flores para ela. Deu certo da primeira vez.

— Ela vai jogar na cabeça do diretor idiota... Cara, como se demite assim uma pessoa competente, que deu o sangue pela empresa só por estar com medo da repercussão midiática de uma briga?

— Eu não sei, mas realmente saiu em todas as revistas de fofoca, sites e não sei mais quê aquela expulsão teatral que você conseguiu durante o Prêmio Nacional de Jornalismo.

É verdade, foi terrível. Caiu até no Youtube uma foto minha quebrando o nariz do Eduardo. Hahaha, foi o máximo, eu devia ter quebrado mais alguma coisa daquele babaca. Sim, o Eduardo é meu irmão, mas eu nunca vou perdoá-lo por ter tirado a vida do meu pai, roubado a herança e ainda por cima gastado tudo com mulheres e drogas... aquele cara não presta o pó que cheira.

Yolanda me entrega a cerveja, pega as chaves do carro e o celular.

— Bem, vou fazer compras, sua geladeira está um caos, só tem cerveja. Você não está comendo?

— Existe um cardápio gigante de opções no delivery. — Digo, dando um gole na cerveja. Irc, é bem doce. Olho para o rótulo e vejo que a Yolanda precisa rever urgente seus óculos, ela comprou a marca certa, estilo errado. Ela comprou "blond ale", eu prefiro "red ale".

— Hm, ainda assim, você precisa comer algumas frutas, ou vai ficar enorme de gordo e a gravadora vai ligar aqui reclamando! — Yolanda ri, debochando de mim.

Está passando o jornal da tarde e eu reconheço o repórter que está fazendo uma matéria sobre mergulho e tubarões na África do Sul. O

Bernardo, aquele mesmo por quem a Leila me trocou. Peraí... isso quer dizer que a Leila está sozinha na casa dela nesse exato momento? Oportunidade fazendo "toc toc", eba!

— Não! — Eu fico em pé, largo a cerveja na mesa de centro. — Me dê aqui essas chaves, eu preciso ir para um lugar!

— Onde? — Ela me pergunta, desconfiada. Posso vê-la olhando para a tela da tevê e depois para mim.

— Visitar uma amiga... — Desconverso, olho para o outro lado, finjo que não é comigo.

— Fabrício! — Pelo tom de voz, ela já sacou tudo! — Você vai mesmo até a casa da Leila depois de causar a demissão dela?

— Vou ué. — Pense melhor!

— Ahn... vou, ué.

— Não vai. Ou ela vai te expulsar de lá às sapatadas. — Yolanda diz, negando as chaves e me privando da melhor ideia que eu já tive em toda a minha vida.

— Adoro quando ela me expulsa às sapatadas. — Dou de ombros. Na verdade eu detesto, mas adoro quando ela fica irritada, tão sexy!

— Não. — Yolanda enfia as chaves no bolso de sua calça social. — Não seja besta, menino! Deixe a garota em paz, ela já tem problemas demais para ter que lidar com você!

Faço cara de cachorro sem dono, ainda com a mão estendida pedindo a chave.

— Por favor, Yolanda, preciso conquistar essas mulher de volta!

— Não é assim que se conquista uma mulher.

— Hm. E como é?

— Mandando flores. Muitas flores. Um cartão sincero de desculpas.

— Isso é fácil.

— Mas não é suficiente.

— Não?

— Não. — Yolanda balança a cabeça. — Faça umas ligações e consiga um emprego melhor do que o que você tirou dela. Você tem seus contatos.

— Hm.

— Mas faça isso de forma anônima, não procure créditos por conseguir o emprego de volta para ela!

— Ei, assim não! — Cruzo os braços. — Ela nunca vai saber que foi eu e de que vai adiantar?

— Vai adiantar que você vai fazê-la feliz. Você nunca a fez verdadeiramente feliz, Fabrício. Foi por isso que ela te largou.

— Claro que fiz! — Eu me sento no sofá. — Até pedi a Leila em casamento!

Como assim eu nunca fiz a Leila verdadeiramente feliz? Tenho certeza que ela foi muito feliz comigo... quer dizer, ela se irritava bastante com o meu jeito maluco e a bagunça enorme que eu consigo fazer em dois minutos em casa, mas nunca achei que isso fosse motivo de infelicidade... uma pessoa pode ser infeliz com bagunça?

— Você ainda é novo, menino. Não entende o que é realmente necessário para fazer uma mulher feliz.

Cara, estou levando bronca de uma mulher de cinquenta e tantos anos que não namora há séculos! Só posso ter nascido todo errado mesmo. Reviro os olhos dramaticamente e exalo todo o ar do meu pulmão, aborrecido. A Yolanda, que eu saiba, é casada há vinte e cinco anos. Financiei a viagem de bodas de prata dela. Acho que isso deve significar alguma coisa no campo do relacionamento, com certeza, de amor ela entende. Respiro fundo e me dou por vencido.

— Tá bem, tá bem... o que é realmente necessário? Eu preciso ter a Leila de volta, urgente! Ou vou ser infeliz a minha vida inteira. — É verdade, não é drama. Eu nunca senti nada do que eu sinto pela Leila com outra mulher, por isso eu sei que ela é especial para mim. Não posso perdê-la só porque o Bernardo fica cercando a Leila desde que eles eram dois pirralhos.

— Amor não é posse. Amor é algo muito maior e mais etéreo. Tem a ver com ser feliz através da felicidade do outro, não é egoísta. Se você a ama de verdade, deixe ela feliz com o Bernardo.

— Olha para minha cara e me diz se eu estou disposto a ver a Leila feliz com outro homem? A felicidade que ela tem com o Bernardo nem deve ser permanente, só aquele lance adolescente mal resolvido. Eu amo a Leila de verdade, faço tudo para ter ela de volta na minha vida.

Yolanda sorri:

— Primeiro, você precisa se alimentar direito. Vou ao mercado e quando eu voltar, espero não encontrar nenhuma caixa de lasanha dentro do micro-ondas. Mande flores, consiga o emprego, depois conversamos sobre o que mais você pode fazer, paciência, menino, é a maior aliada do amor. — Ela sai depois disso me deixando sozinho com meus pensamentos.

Eu ainda tenho uma enorme vontade de ir até a casa da Leila nem que eu precise ir para lá de táxi... mas aí eu me lembro que a Yolanda me deu todo um sermão sobre amor, felicidade e paciência... Ok, tudo bem, eu me rendo!

Vou mandar flores.

Muitas flores.

Um cartão sincero de desculpas (vou ter que trabalhar melhor nisso, acho que fiz um favor para ela quando disse para o Sr. Biarrari a demitir).

E conseguir um emprego melhor.

Para começar.

Certo... acho que consigo! Até me animo com essa ideia toda. Anotem aí: Minha meta nos próximos meses vai ser fazer de tudo

para conseguir a Leila de volta... e quando eu a tiver de volta em meus braços e em minha cama, ela vai ser a mulher mais feliz desse universo.

#4 DEVOLUÇÃO

Entro em casa e a sala está até o teto de flores.

— Mas que merda é essa? — Tropeço num vaso de... Sei lá que flor é essa e estou bêbado.

— Putz! — Mathias fala atrás de mim, rindo alto tirando onda com a minha cara. — Levou um puta fora hein!

— Vai se foder, filho da puta! — Não sei se tou irado por levar mesmo um fora ou porque o Mathias presenciou.

As flores são devolução da floricultura. O papel está em cima da bancada e eu tenho um pouco de dificuldade pra ler. É a terceira devolução da Leila essa semana e começo a me perguntar quais são mesmo os motivos que me fazem tentar reatar com ela.

- 1) Ela é gostosa.
- 2) A risada dela me faz bem.
- 3) Ela é quente na cama.
- 4) Odeio perder para o Bernardo.
- 5) Todas as outras mulheres do planeta perderam a importância.
- 6) Ultimamente até quando me masturbo é pensando nela.

Ok, parei de enumerar.

— Cheio de fã em cima e se matando por essa maluca! — Mathias se joga no meu sofá.

— E eu lá tenho cara de quem tem paciência pra transar com fã? — Abro a geladeira e pego dali duas cervejas de rótulos esquisitos.

Mathias se acaba de rir e eu me sento ao lado dele, entregando uma das garrafas. A outra é minha. Bridamos e bebemos uma cerveja, duas, três, seis, até que eu estou tão louco que os vasos de flores caem todos os andares entre minha varanda e o chão. Os vizinhos reclamam, a polícia aparece, tomo uma multa que é quase o preço de um carro (usado e anos 90) e amanhã a Leila ficará sabendo que me deixou puta através do UOL notícias.

A vida é uma merda.

*** Estão arrumando meu cabelo de um jeito que fico parecendo o Jared Leto quando a Leila invade o camarim coletivo.

Tá, ela não invade, tem um crachá vip de Imprensa já que agora ela faz parte da equipe de uma revista tão influente que tem até um canal de televisão. O que é bom, mesmo tendo perdido o cargo de diretora editorial, o salário dela dobrou.

Eu sei disso, liguei para um amigo meu e consegui a vaga para ela. Estou seguindo quase à risca tudo o que a Yolanda me falou.

A única coisa que não pretendo seguir é ignorar a Leila nos eventos sociais.

Assim que ela passa pela porta, lá vou eu intercepta-la com uma cabeleireira atrás de mim querendo borrifar mais laquê. Alguém mande ela parar, eu me sinto ridículo.

— Ei, Leila!

— Oh. — Ela pasma quando me vê. Acho que não gostou muito da minha presença.

Aproveito a pasmada dela para beijar sua boca. Quase suspiro. Ai, saudades.

— Fabrício, vê se cresce. — Ela me lança olhos flamejantes, mas acabo rindo. O gosto de batom na minha boca é um afrodisíaco e o que ela disse me excita.

— Com você do meu lado é num instante. — Digo, mas ela está tão séria que meu sorriso esmorece. — Que foi?

— Pare! O que quer que você acha que está fazendo. — Adverte. Levei um cartão amarelo mas enquanto não for vermelho tá tudo certo!

— Qual é, amor, você devolveu as flores, mas ficou com os poemas.

Sim eu sou brega. Na verdade não são poemas, são as letras das minhas próximas músicas, todas as vinte e sete feitas pensando nela.

Existe alguma equação existencial que envolve tristeza e criatividade, eu compus tantas músicas que sou capaz de lançar um álbum duplo. Meu produtor está contente, a gravadora que detém os direitos de edição e produção está em polvorosa e eu só queria que a turnê que foi agendada fosse na Índia! Ao menos minha agenda está tão cheia de shows que não vai sobrar tempo para lamentar meu coração partido... exceto que o canal a cabo de televisão que a Leila agora trabalha fechou contrato exclusivo de transmissão dos meus shows e até um DVD. Foi uma condição para que eu conseguisse a vaga para ela é claro!

Eu sei, eu não presto.

— Eu disse para parar! Não me chame de amor! — Leila me puxa de canto, afastando nossa conversa dos microfones em aberto dos jornalistas de bastidores. — Estão todos olhando, não dá para ser mais discreto?

— Eu sou bem discreto quando preciso, amor. — Mando outro sorriso e dessa vez posso ver a Leila ponderar. Ela sabe disso, já transamos nos lugares mais malucos e sei que ela está pensando o mesmo que eu: nós dois transando. Só que ela nunca vai admitir.

— Eu devia estar louca quando aceitei trabalhar com você. — Ela diz colocando as mãos nas têmporas, estressada.

— Uhum! — Concordo. Aposto que ela achou que podia me controlar, mas não, ela não pode. — Mas relaxa, vai dar tudo certo você é ótima e eu não confiaria em mais ninguém para produzir essa parada.

Leila levanta os olhos para mim absorvendo o que eu acabei de dizer. Não é uma cantada, realmente acho isso. Ela parte os lábios em surpresa e eu preciso dela nua, já! Pena que não dá, vão me chamar no palco em 15 minutos e vamos tocar duas músicas. Quem sabe depois.

— Por acaso você tem algo a ver com isso? Você ligou para o canal me solicitando na equipe Fabrício?

— Não, claro que não, amor. — Xiiii que droga. Sou um asno mesmo. — Mas eu dei o aval quando me perguntaram se eu me importaria... Fiz mal?

Ela sorri e eu perco as forças no joelho. Meu coração até acelera. É melhor que qualquer droga essa coisa de se apaixonar! Pena que a ressaca é ruim também.

— Não, tudo bem. Acho que conseguimos superar toda aquela esquisitice. Não é?

Haha, como ela é engraçada e idiota, meu! E alienada, se tivesse aberto a página do UOL Notícias hoje mudaria de ideia.

— É, claro. — Concordo para não dar bandeira.

— Ótimo. — Ela diz e coloca as duas mãos no meu cabelo, balançando. Fico ali perdido naquele carinho até que me toco que não é um carinho. — Solange, vem aqui, isso está terrível, é Jared Leto demais.

Leila me deixa com a cabelereira e eu espero que você já saiba porque eu amo essa mulher.

A apresentação é uma droga. Detesto playback e meu lance é tocar ao vivo... Mas o show business tem dessa. Faço tudo o que o

protocolo manda e a gente deixa o palco para as cadeiras da plateia para assistir a premiação.

Eu fico ali bestamente, olhando para a Leila enquanto o prêmio é anunciado. Ela fica uma gracinha coordenando todos, acho que nem preciso dizer que o vestido que ela usa é maravilhoso e sexy. Na hora que preciso dar um discurso, estou com a mente em mais alguns acordes e versos e acabo só agradecendo o básico e o Henrique (o guitarrista) toma o microfone para si e me salva antes que eu complete o "Lei..." que mandei.

Amigos. Sempre te salvam.

A saída é pela lateral do palco e temos que passar por uma bateria de entrevistas sobre como foi ganhar o prêmio. Quando me perguntam o que estava falando antes de ser interrompido, lanço uma resposta padrão.

— Sei lá, isso é incrível, estou tão aturdido que sinto como se estivesse na Lua.

Convence a todos, alguns jornalistas querem um abraço. Tudo ok até aqui.

Na saída, uma van para nos levar até o hotel (onde haverá uma recepção festiva) já nos espera e só entro nela porque posso ver da janela que a Leila está lá dentro com a equipe. Eu já mencionei que o vestido dela é super sexy?

Quando me sento na van a Leila sorri para mim e eu decido que farei todas as possíveis investidas nessa festa, certeza que ela não vai resistir.

O vestido tem uma fenda nas costas que poucas mulheres que não são modelos podem usar. Ele é azul marinho e cheio de pedras que não consigo parar de contar. Chama tanto a atenção que Leila precisa se desvencilhar de inúmeras ofertas de drinks e vem pedir proteção contra cantadas para mim, simplesmente se posicionando do meu lado.

Claro, sou o Rockstar inconsequente louco para acabar com a face de qualquer um que se aproximar da minha garota. É por isso que a Leila resolveu que vai me aturar essa noite. Algo do que pretendo tirar vantagens.

— Achei que tinha parado com esse lance de Chandon Rosé. —
Digo, quando ela se coloca do meu lado na sacada, na qual apoio os dois cotovelos e seguro uma garrafa inteira de whisky só pra mim. Tem um cigarro pendurado na minha boca e ele me deixa falando esquisito, por isso eu o tiro, segurando entre os dedos.

— Parei. — Ela dá uma risadinha, cobrindo a boca com a mão. —
Isso é soda limonada com corante que trago de casa! Engana direitinho!

— Que sem graça!

— Apreendi a não beber em eventos sociais depois que minha bebedeira foi parar na capa de uma revista. — É quase uma acusação, foi a noite que eu bati no Eduardo e a gente terminou.

Ela vai mesmo me torturar com isso? Respiro fundo.

— Que eu me lembre, você adorava ficar bêbada.

— Pessoas mudam.

Dou risada e ela me olha exigindo uma explicação. Eu já estou de olhos colados naquele decote sensual que mostra a curva de seu seio.

— Você não mudou... Só está se restringindo, Leila. É basicamente o que você tem feito ultimamente.

— Não estou me restringindo, só procurando agir mais profissional. Cansei de perder empregos por deixar a vida pessoal atrapalhar.

— Bem, há um argumento aí.

— Sempre tenho argumentos.

— Eu sei. — Encerro a conversa com um gole enorme de whisky.

— Mas alguém pelo visto está doido para cometer uma loucura movido à álcool! — Ela retoma o assunto e ainda por cima segura a garrafa, fazendo eu parar de beber. — Vamos fazer um acordo, você não dá vexame hoje e prometo ser boazinha com você!

— Vamos fazer um acordo, cada vez que você encher minha paciência com essa garrafa, é um beijo que vai ter que me dar.

— Ai, que estúpido! — Leila briga comigo. — Então se afogue!

— É o que pretendo fazer. — Digo firme. — Por que não me acompanha?

— Não muito obrigada! — Ela bate a taça dela ultra careta e sem álcool contra a minha garrafa e eu calo minha boca com um cigarro.

Ficamos um tempo em silêncio, não me sinto muito social. Mathias se aproxima, me oferece um charuto que ele conseguiu com uma celebridade global, eu recuso, ele me dá um micro soco no ombro (sinal de que esta chapado) e depois volta para o grupo em que previamente estava.

Eu dou um gole gigante na garrafa esperando uma reação da Leila, mas ela grudou no visor do celular respondendo um e-mail.

— E então? Quais as suas expectativas do nosso trabalho? — Ela me pergunta sorrindo e colocando o celular em cima da sacada.

Lanço um sorriso e estou prestes a responder que minha única expectativa é levá-la para cama, quando pensando bem, estou cheio de expectativas e não envolvem necessariamente sexo com a Leila.

Acabo contando para ela como espero que a produção do show se supere, que quero fazer uma gravação ao vivo de um show e um Unplugged, que estou pronto para um álbum duplo e que quero ir para a Índia de férias (em turnê seria terrível) enjoei da Ásia e que se eu tiver outra temporada nos Estados Unidos vou surtar. Estamos conversando por horas, a festa até esvazia e por alguns instantes consigo esquecer que um dia essa mulher me deu um fora. É como se ainda fôssemos os mesmos de antes e eu me sinto feliz de novo.

Estamos falando sobre como dar uma estética épica aos shows, e minha língua já me dá sinais de que estou bêbado, enrolo as palavras. Leila cai na risada e não resisto, eu a abraço e a beijo, enquanto o DJ do lado de dentro da festa mandou um som eletrônico inspirador. Não sei o nome do artista.

A gente se beija muito rapidamente, mas o suficiente para uma droga de paparazzi fotografar tudo. O flash atrapalha e a Leila foge em velocidade recorde.

Eu fico tão irado que parto para cima do paparazzi e quebro o aparelho dele. Depois me arrependo, seria ótimo que essas fotos caíssem em alguma revista e o relacionamento da Leila e do Bernardo se encerrasse; mas claro que ela me odiaria para sempre se fosse o caso.

E outra, depois desse beijo, tenho certeza que a Leila é minha, ela pode tentar fugir o quanto quiser.

#5 SÍNDROME ROCKSTAR

Precisa de toda a banda e mais alguns atores globais que estavam ali perto para me apartar do Papparazzi pançudo que se atreveu a me flagrar colocando chifres no Bernardo, eu sei que o cara tirou a foto mais genial da noite, mas não posso simplesmente deixar isso ir parar nas capas de revista. Mais um monte de flashes acontece enquanto estou pisando na câmera, o cara me xinga de viado, eu fico mais irado e dou um soco nele... enfim. Deu para perceber que tive mais uma das minhas crises de celebridade musical, certo?

Acabo tendo que assumir os danos financeiros do hospital para o onde o Papparazzi foi se tratar (e eles sempre escolhem os mais caros de propósito), uma máquina nova para ele continuar me enchendo o saco tirando fotos de mim e eu tenho que comprar todas as fotos da festa em que eu saí para poder controlar o que vai parar na revista e o que não.

Quer saber a nossa sorte? Era uma recepção fechada e sem blogueiros por ali, só fotógrafos profissionais, o que evita que escândalos caiam na internet. Ufa.

Como estou mega-super-hiper bêbado, resolvo subir para o quarto de hotel. Ao contrário do que pensa, não levei nenhuma bronca, meu produtor acha ótimo que eu me enfie em tanta confusão e quer saber se não quero mesmo deixar escapar uma das fotos da Leila comigo, sempre que nossos escândalos saem nas capas de revistas, a venda de discos pelo iTunes mais que dobra e isso é bom para os shows. Eu quase grito quando digo que não, ele insiste e eu mando ele para o inferno, mas ele só dá risada.

O produtor é um cara legal e super influente na mídia e consegue o que quer, mas ultimamente nosso sucesso tem dobrado as esquinas e ele está perdendo o controle do que ele consegue falar ou não da

gente por aí... acho uma droga em como esses jornalistas se metem na nossa vida pessoal, mas por um lado, essa é a vida que eu escolhi que queria ter desde os dezesseis anos, então não vai ser agora que estou chegando no auge que vou desistir. Daqui dez anos, espero ser tão influente quanto é o David Bowie e o Alice Cooper e ditar algumas regras por aí.

Passando pela recepção em direção ao elevador, avisto a Leila no telefone e tenho certeza que não é uma conversa boa. Ela está sentada numa poltrona branca e larga, com o corpo jogado para frente e o cotovelo apoiado nos joelhos, segurando o telefone. A outra mão está na testa e seu nariz está avermelhado, como se estivesse quase chorando. Ugh. Dói no âmago do meu ser vê-la desse jeito e me sinto imediatamente culpado por causar esse efeito de tristeza nela.

Leila me vê, antes que eu consiga me aproximar e ouvir sua conversa, pego só o finalzinho.

— Eu vou resolver isso, eu vou, falo com você depois. Eu te amo, tá?
— Pelas últimas palavras, sei que ela estava falando com o Bernardo e isso arranca meu coração.

Jogo meu corpo contra a poltrona ao lado da dela e minha cabeça fica apoiada no encosto, enquanto encaro o teto.

— Estava falando com o Bernardo?

— Ele quer que eu desista do emprego. -Ela solta. Seu eu fosse o Bernardo, ia exigir o mesmo, no mínimo. — Pensei em dar uma chance à proposta ela é muito boa e vim aqui essa noite, mas você teve mais uma síndrome de rockstar...

— Vai colocar a culpa em mim? — Olho para Leila e ela já está chorando, com lágrimas escorrendo pelos olhos doces e a boca retorcida.

— Não. — Ela faz que não com a cabeça. — Eu não disse para o Bernardo que vinha aqui hoje e ele está irado, com razão. Mas ele me viu atrás de você no tapete, depois do prêmio, ao vivo pela televisão e quer que eu recuse isso imediatamente.

— Ah, sim. — Olho de novo para o teto. O Hotel é bem suntuoso, do tipo que eu detesto, luxo não é muito comigo. — O Bernardo tá sempre dizendo o que você tem e o que você não tem que fazer.

— Não é nada disso...

— É sim. — Olho para ela com firmeza, mas ela está brava por eu estar falando do cara que ela acha que é perfeito para ela. — E suas amigas também, sempre querendo ditar com quem você tem que se relacionar e como...

Eu ainda não esqueci aquele blog, “Clube das Desapaixonadas”, onde elas escreviam suas experiências. Não morri tanto de ciúmes em ver as experiências passadas da Leila, comparado com suas amigas ela foi bem recatada, mas isso me chateou bastante sim. A Leila é tão manipulável que dá raiva, ela tem muito medo que as pessoas não gostem dela e não a aceitem... Se ela pudesse se ver com meus olhos, saberia que é maravilhosa, que todos a admiram e querem ser como ela.

— E para quem estava dizendo que não queria deixar a vida profissional ser estragada pela pessoal, você está se saindo muito bem. — Reviro os olhos, para enfatizar o quanto estou sendo irônico quando digo isso.

— Ai, Fabrício, me poupe, vai. — Ela cruza os braços e se recosta contra o encosto da cadeira, suspirando forte. — Você me beijou, já misturando tudo. Não há nada de profissional nisso, você também está levando pelo lado pessoal.

— Mas estou sendo sincero quanto a isso.

— Se o Bernardo já surtou ao me ver passando atrás de você, imagine quando as fotos do beijo que você me deu, caírem na internet.

— Já cuidei disso, claro. Seria ótimo para as vendas, péssimo para o que eu estou tentando aqui. Quero reatar com você, Leila, você é a mulher da minha vida.

— Já conversamos sobre isso Fabrício, e decidimos juntos, que não fomos feitos um para o outro. Você mesmo concordou que não é o cara certo para mim. — Ela me diz aborrecida.

— Mas não significa que eu não possa ser. — E eu fico em pé, já cansado de tanto levar foras. — Olha, decida o que você quiser. Mas decida você, não deixe os outros decidirem a sua vida o tempo todo, Leila. Desse jeito, você nunca vai ser verdadeiramente feliz. Viro para sair, ela me segura no braço.

— Espera, onde você vai?

— Pra casa.

— Você está há quilômetros de casa, Fabrício. E está bêbado.

— E daí? Quero ir pra casa e vou pegar um táxi até o aeroporto.

— Não vai achar passagem e vai acabar dormindo no banco do aeroporto quando podia, sei lá, subir para a suíte que já está reservada pra você. Tem cama, chuveiro quente, muito melhor. — Ela aponta, com um sorriso que está me chamando de imbecil.

Sabe, ela tem razão. Seria idiotice ir até um aeroporto de madrugada, sendo que eu posso esperar até amanhã.

— Pode ficar com a suíte pra você. — Jogo a chave eletrônica para ela, como se fosse uma moeda, Cai bem no colo, entre as pernas, marcando o vestido. Onde é que eu ia mesmo? Acabei de achar o caminho para o paraíso... E é para lá que eu vou.

— Eu ja tenho uma suíte no meu nome, Fabrício.

— Seu nome e de toda a equipe do canal, né? Aposto que vai ter que dividir a cama com algum camera man fedido.

— Estou com as meninas, talvez eu divida a cama com a Solange. — Ela revira os olhos, pega a chave e fica em pé, me estendendo.

— Por que não posso mesmo dividir a cama com você?

— Tenho namorado.

— Hm. — A Leila não trai, esqueci disso.

Eu já traí diversas namoradas, menos a Leila, mas eu não a via como namorada, mas como a mulher com que quero passar o resto da minha vida. Ela está um tesão nesse vestido, me deixa louco. Já estou caindo por cima dela, na poltrona.

— Awm, Raposinha... pense bem, eu estou cheirosinho.

— Não, você tá fedendo a whisky. — Ela me empurra.

— Tá, então não tenho mais nada pra fazer aqui, vou pro aeroporto mesmo. — Desisto. Mentira, estou fazendo drama, sei que ela não quer que eu vá bêbado para um aeroporto e isso tem cheiro de oportunidade.

Não posso perder oportunidades. Quero essa mulher comigo agora e nem me importo que ela está namorando com o Bernardo ou qualquer outro cara, ela é minha, acabou, todos os outros são perdedores! Decreto.

— Fabrício, não seja criança e mimado. — Não sou criança e mimado, sou apaixonado. — Digo, já mais perto dela, tocando em suas costas, cheirando seu pescoço. Quer estar dentro dela agora.

A Leila quase desmancha nos meus braços, consigo o que quero com ela sempre que tento, mas eu gostaria que alguma iniciativa viesse dela. Se não for assim, quando acordarmos amanhã, ela vai ter se arrependido de estar comigo, vai pedir demissão e eu vou perdê-la de vez. É por isso que eu apenas a beijo, desesperadamente e apaixonadamente, mas evito percorrer o corpo dela com as minhas mãos.

Eu me afasto, ela me olha bem nos olhos, mas fica ali parada, estática. Viro-me e saio dali, levando a chave da minha suíte comigo. Deixo a Leila sozinha na recepção, colocando na balança nosso não-tão-desastroso passado, o promissor futuro que posso oferecer e o tedioso presente que ela tem com o chato do Bernardo.

Ela não vai me acordar antes do amanhecer batendo desesperada na porta do meu quarto e me querendo, tudo bem, ao menos tenho certeza que depois disso, eu balancei todo o mundo que ela criou para si, implantei dúvidas tão fortes que ela não vai recusar o emprego oferecido. Bom para mim. Terei vários meses durante a turnê em que ela vai estar bem longe do Bernardo e vai ser só minha.

Considere-me um manipulador de merda, mas um cara tem que tomar atitudes drásticas quando se trata de amor.

Bernardo

#1 ALERTA DE PERIGO

Parece que minha cabeça vai explodir, mas é dos meus olhos que duvido. Até paro de digitar o relatório que preciso enviar urgentemente para o canal jornalístico no qual trabalho (sobre tubarões brancos em Gansbaai, África do Sul; assunto que me fascina).

Impressão minha ou acabei de ver a Leila passar na tela da televisão?

Tenho certeza que era ela, estava tão linda que o camera man deve ter confundido ela com alguma artista e acabou seguindo um pouco seus movimentos. A Leila nunca usou um vestido daqueles comigo.

Não estou assistindo o VMB, mas Juliana está. Ela é produtora e veio reforçar o time, Denis, o câmera, apesar de genial é um lesado e passa mais tempo fumando maconha do que fazendo o trabalho.

— Hm, esse cara é um gostoso. — Juliana diz. Está largada em uma das três camas do hotel, de jeans e camiseta velha, comendo um pacote de alcaçuz que acho de extremo maugosto e babando em cima de todas as celebridades. Ela conseguiu dar um jeito de achar um canal que passa programas brasileiros.

No começo achei ótimo... mata a saudades de casa, mas agora odeio.

A câmera fez um corte, agora está em cima da celebridade roscckstar mais conhecida como ex-namorado da minha namorada, falando superficialmente como se sente em ganhar um prêmio como o VMB — na boa, cara, não é um Oscar — e preciso até colocar os óculos para ter certeza de que aquela garota atrás dele não é a Leila.

É a Leila.

Meu coração para de bater. Começo a repassar tudo o que conversamos em nossa última ligação (ontem de manhã, ligações internacionais são um saco e super caras e a Leila nunca loga naquele maldito Skype por mais que eu peça); só para ter certeza de que não estarei sendo injusto ao dizer que ela não me disse nada sobre ir ao VMB com o Fabrício!

Cara... justo com o Fabrício!

Não tenho nada contra ser amigo de um ex-namorado, olhem pra mim, eu sou amigo das minhas ex-namoradas. Especialmente a Drica... mas é uma situação totalmente diferente!

O Fabrício é puro sex-appeal, uma bomba de feromônios capaz de deixar qualquer namorado inseguro. É o trabalho dele ser assim, afinal, parte do que mantém ele ganhando milhões de dólares por semana é o fato de que as meninas querem sair com ele, sonham com ele, têm orgasmos pensando nele, mas não o possuem...

O problema é que ele e a Leila já moraram juntos e pelo que eu me lembro, ele queria se casar com ela. Eu me recordo muito bem de como fiquei desesperado diante dessa possibilidade, a ponto de me declarar para a Leila antes que eu acabasse perdendo-a de uma vez.

E não importa que a Leila tenha me escolhido. Nessa competição, ele é o cara mais desejado do momento e eu o aspirante a âncora de televisão, fazendo matérias e documentários ecológicos.

Talvez vocês não saibam, mas saí da Revista para não acabar misturando minha vida profissional com a pessoal. A Leila e eu trabalhávamos juntos, cada um dirigindo editorialmente uma revista da mesma editora... a dela de moda e comportamento feminino, a minha de ecologia e pesca... Achei válido sair. É uma estratégia de precaução: se algo acontecer com a Editora e ela ficar mal das

pernas, trabalhar em outro lugar vai me garantir mais estabilidade e eu poderia segurar as pontas pela Leila.

Tenho planos grandes. Pretendo chegar no jornal do horário nobre ou ao do domingo a noite. Do jeito que estou me esforçando, não será tão difícil assim... mas competir com celebridade internacional é ridículo! Chega a ser injusto.

Sei que se eu tentar ligar para a Leila agora vai ser péssimo, então apenas envio um e-mail perguntando se ela está no VMB. A resposta não chega imediatamente, Leila deve estar muito distraída para prestar atenção no celular.

Não consigo mais me concentrar no relatório.

— Vou arejar. — Pego minha carteira e deixo o quarto do Hotel.

Vou até o bar, peço uma dose de dry martini e fico ali assistindo ao jogo de baseball enquanto imagino a Leila se divertindo, rindo e bebendo ao lado do Fabrício.

Procuro não imaginar o que poderia acontecer depois disso. Sou um pouco ciumento, mas nada obsessivo... eu gosto que a Leila saia com suas amigas, o pessoal do serviço, amigos de faculdade... Normalmente estou junto, mas se não posso ir (tenho viajado demais e fico sempre preso entre as conexões internacionais), não faço grande caso do assunto. Acho que todo casal precisa respeitar o seu espaço...

O problema é que tem uma coisa me incomodando muito nisso tudo: o fato de que a Leila não me avisou que ia ao VMB. A impressão que fica é que ela está escondendo o jogo e que está acontecendo algo que eu não deveria nem imaginar que está rolando... Meu Deus. Estou obsessivo.

Cruzo olhares com uma gata que está do outro lado do balcão. Pele morena, cabelos enrolados e batom dourado que me faz pensar no Carnaval. O vestido branco que ela usa tem uma fenda lateral direita da perna que me deixa imaginando coisas não tão corretas assim... ela sorri, levanta o copo do que parece uma dose de uísque sem gelo... e eu acho garotas que conseguem beber desse jeito algo muito sensual. Ensaio um sorriso, mas logo corto o contato visual. Eu não estou solteiro, isso seria muito errado.

Mais errado do que a Leila não ter me contado sobre ir ao VMB. Preciso parar de pensar nisso e já que não recebo respostas que me satisfaçam, peço outra dose de Martini. A garota continua flertando comigo e aos poucos, isso me incomoda. Eu não sou de ferro. O jogo de baseball acaba, como batatas fritas, um jogo de basquete começa. Checo meu celular incansáveis vezes, esperando uma resposta da Leila e ela me deixa em um total vácuo. Procuo manter a calma e a mente sã, não quero pensar na Leila sem roupa e o Fabrício por cima dela, mas minha imaginação me trai. A garota continua flertando comigo e eu me levanto, deixando meio dry martini para trás. Subo até meu quarto e Juliana continua vendo televisão, comendo alcaçuz.

— E aí, Bê, tudo beleza?

— É, tudo beleza. — Eu me sento na cadeira e abro meu computador para tentar finalizar o relatório. Estou em cima do prazo.

A primeira coisa que vejo é um e-mail da Leila, em resposta ao meu. É um e-mail assustador...

“Bê, não é nada do que você está pensando.” É a primeira frase e isso congela o meu sangue. Depois disso se segue uma mensagem gigantesca explicando que ela perdeu o emprego e que a proposta que surgiu foi quase irrecusável, o salário realmente parece ótimo e o trabalho também: em um canal de televisão pago. O único

problema que eu vejo é o fato de que seu primeiro serviço é perseguir o Fabrício para cima e para baixo em sua turnê, produzindo a cobertura do show para um especial em DVD/BR.

Pelo horário do e-mail, ela me respondeu logo depois que eu enviei e me sinto um idiota por ter ficado horas me martirizando com o que ela estava supostamente fazendo e a Leila estava trabalhando. Nossa, sou um idiota. Fico morrendo de saudades da voz dela e por isso, pego o telefone do quarto do hotel e faço uma ligação internacional direto para o celular da Leila.

— Bê? — Ela me atende e está um barulhão ao redor. Não só isso, a voz dela está péssima, ofegante e em desânimo.

— Leila? Onde você está?

— Na recepção do... VMB.

— Oh. — Faço. Bato a testa contra a parede perto do telefone. — E... está tudo bem? Aconteceu alguma coisa, não foi?

— N-não, eu... estou estressada, só isso.

— Hm, imagino que seja mesmo difícil para você. — É um esforço tremendo que faço para deixar minha dor de corno de lado e me concentrar nos problemas dela ao invés dos meus. — Mas vai dar tudo certo.

— É... — Parece que ela começa a chorar, meu coração pula cinco batidas e eu já estou em desespero.

— Você tá chorando? O que foi?

— Nada, nada... é só que... nada, deixa pra lá. Estresse do primeiro dia de trabalho.

— Você não me disse antes que ia mudar de emprego. — Aconteceu de repente, desculpe, eu não quis te incomodar aí... achei que podia lidar com isso sozinha.

— Hm, Lidar com o Fabrício sozinha?

— Não é isso que está pensando.

— O que é então?

— Nada...

Toda vez que ela diz nada, eu sinto como se ela estivesse dizendo "tudo", mas não tem coragem para me contar. Imagino as piores coisas, como o Fabrício dando em cima dela, forçando as mais complexas situações... eu não o conheço e não sei que tipo de pessoa ele é, se é um canalha ou um cara legal, mas não importa. É o ex da minha garota, quero ela longe dele.

— Leila, desiste dessa proposta, procura outra.

— Por quê?!

— É seu primeiro dia e já não está te fazendo bem. Procure algo...

— Penso bem no que dizer, para não pisar em um tomate. — Mais fácil de lidar.

— Bê, não é nada disso.

— Não sei, do jeito que você fala, parece muito “disso” para mim. — E pronto, nossa DR começa aí... a culpa é toda minha, pra variar, mas não lido bem com os “ex” da Leila. — Você não me disse nada sobre ir ao VMB com o Fabrício e aceitou uma droga de emprego para cobrir os shows dele! O que é agora, vai viajar com ele de turnê? Dormir junto no mesmo quarto de hotel?

— Não vou fazer nada disso!

— Logo mais vai estar aos beijos com ele estampando as capas das revistas de fofocas, isso sim! — Não sei porque falo isso, talvez eu tenha imaginado tempo demais, talvez os martins tenham me deixado maluco.

— Bernardo!

Argh! Odeio quando a Leila passa de “Bê” para “Bernardo”, parece que fiz algo de errado.

— Não quero você viajando, Leila.

— Por quê? Você está viajando! Aliás, tem viajado tanto que nem sei onde você está!

— Tou na África do Sul, onde eu disse que estaria por e-mail.

— Já tem vinte dias que não nos vemos.

— Eu vou voltar para o Brasil daqui seis dias, não é o fim do mundo, Leila...

— E se fosse? — Não é! — Grito. — Eu preciso fazer isso! Já te falei que é importante pra mim.

— E quanto ao que é importante para mim?

— O que é importante pra você?

— Isso é importante pra mim, esse trabalho, essa turnê...

— O Fabrício é importante para você?! É isso que está dizendo? — Estou fora de mim.

— Não é isso que estou dizendo! — Ela se defende, mas não sei o que há de errado na voz dela, não me convence.

— Então peça demissão, você não precisa disso. Procure algo melhor! Eu falo com alguém, posso te arranjar umas entrevistas...

— Eu vou resolver isso, eu vou, falo com você depois.

— Depois?

— Eu te amo, tá?

— Não desliga!

Mas é exatamente o que ela faz, desliga na minha cara. Eu ainda retorno a ligação mais duas vezes, mas vai direto para a caixa

postal. Que droga!

— Ih, o que foi, Bê? — Juliana me pergunta.

— Não é da sua conta. — Rosno. Bato o telefone de volta na base e me jogo na frente do computador.

Digito no Google o nome do Fabrício e da Leila, junto com a sigla VMB. Alguém acabou de postar uma notícia sobre um ataque a um Paparazzi. Meu sexto sentido jornalístico me diz que alguma coisa realmente ruim aconteceu.

Eu tenho um amigo no VMB, cobrindo o evento. Envio imediatamente um e-mail a ele, perguntando o ocorrido. Recebo um vídeo, é feito de um celular e meu amigo me pede descrição quanto ao conteúdo.

Clico para assistir e sinto enjoo. Não acredito que a Leila fez isso comigo.

— Nossa. — Juliana atrás de mim comenta. — Agora sim, você é oficialmente um corno, Bernardo.

#2 DE ÚLTIMA HORA

— Cala a boca, Juliana! — Resmungo e fecho o computador. — Preciso voltar para o Brasil agora!

— Pra pagar mico?

— Que mico?

— Você viu o mesmo vídeo que eu, ou simplesmente resolveu ignorar o fato de que sua namorada tava beijando outro cara? — Juliana coloca as duas mãos na cabeça com os dedos para cima imitando chifres. Isso me deixa irritado.

Ela é uma moça bem bonita, de cabelos curtos e lisos... magra, tão magra, que parece que passa fome, mas não tenho prazer nenhum em olhar aquela cena, ainda mais com ela insinuando isso.

— Ela não estava beijando outro cara.

— Ah, não?

— Ela estava sendo forçada por ele. — Digo convicto e Juliana arregala bem os olhos como se o que eu disse fosse simplesmente inacreditável nesse instante.

E seria. Mas eu sei do que estou falando. Conheço a Leila, ela não faria isso comigo. Sei que a Leila é um tanto maleável, insegura e que tem o péssimo hábito de ser beijada de surpresa por aí... hehe, eu já beijei ela de surpresa mais de uma vez... mas posso afirmar categoricamente que aquele beijo foi forçado por aquele irresponsável: a Leila fugiu logo depois.

Minha cabeça funciona como uma máquina, ligando os pontos e montando o quebracabeça. Nós brigamos sobre as coisas importantes na minha vida e eu estou ponderando se o emprego é mais importante que a Leila e... claro que não.

Levanto, arrumo as malas rapidamente, tudo isso com Juliana me lançando os olhos castanhos como se eu estivesse ficando maluco. Coloco um casaco, escorrego o notebook para dentro da mochila e no instante em que a minha mão encosta na maçaneta da porta, Juliana me impede.

— Bernardo, pensa bem. — Sua voz soa suave e compreensiva, mas o agarão em meu braço esquerdo denota que ela repreende meu ato.

— No quê?

— Nessa sua decisão impulsiva de voltar para o Brasil no meio do projeto! Ainda temos três cenas para fazer, relatórios para enviar... — Enumera. O sentimento de culpa cai sobre meus ombros. Não gosto de desapontar pessoas. — Não vai ser fácil substituir você, por favor!

Ela faz parecer que eu estou tendo uma espécie de crise e eu estou! Respiro fundo e solto a maçaneta. É loucura sair correndo atrás da Leila nesse instante, estou agindo como criança e não há mais espaço para isso na minha vida. Solto a mala, a mochila e me sento na cama. Passo as duas mãos pelos meus cabelos escuros e respiro fundo. Muito fundo.

— Estou pirando.

— Percebi. — Juliana se senta do meu lado, ela respira fundo também e sua mão magrela faz carinho na minha cabeça. — Fica tranquilo, Bê, tenta se acalmar.

— A Leila é a mulher da minha vida. Demorei para perceber, demorei mais ainda para tomar uma decisão... não quero demorar para fazer algo agora, entende? — Confesso.

Não sou de falar dos meus sentimentos. É mais fácil guardá-los para mim, pensar bem no que fazer e ter cautela. Confessar o que eu sinto é tarefa árdua. Não costumo fazer isso. Será esse meu maior erro? Não consigo evitar de pensar em como todos os acontecimentos da minha vida e da Leila não teriam sido diferentes se eu tivesse me adiantado, procurado e me declarado para a Leila logo de cara. Se eu tivesse dito a ela que a amo, assim que percebi que a amava... não teria sido melhor? Eu me sentia tão perdido, procurando em outras o que me faltava que levei um tempo para perceber que o que me faltava era a Leila... e não seria em outras mulheres que eu iria encontrá-la.

— Você tem medo de perdê-la. — Juliana conclui o óbvio.

Eu acho que todos temos medo de perder o que é importante para nós. O amor deixa as pessoas inseguras e tolas... é capaz de balançar a mais estável rocha e descentralizá-la. Eu sem a Leila sou assim, totalmente sem eixo. Uma bússola sem norte.

— Certamente. — Jogo minhas costas contra a cama do Hotel. — Eu não sou nada se comparado àquele cara...

— Não fale asneiras, Bernardo. Existem garotas loucas para ter alguém como você... se a Leila não pode ver isso, ela é burra!

— Se ela não pode ver isso, então em algum momento falhei em demonstrar a ela.

— Oh, por favor, você não falhou em nada. Ela que está se deslumbrando com aquele deus grego! — Eu a olho com

impaciência, segurando a respiração e Juliana sorri, demonstrando que está só tirando uma com a minha cara. — Ops.

— Acha que conseguimos fechar todas as pendências em dois dias?

— Com esforço... mas temos um link ao vivo depois de amanhã. — Juliana se levanta e vai até a mesa. Não preciso olhar para saber que ela está visualizando a agenda em seu celular. — Podemos adiantar tudo e ir logo após transmitir pelo link ao vivo.

— Então é o que vamos fazer. — Sentencio.

Até porquê, aqui em Gansbaai a diferença de horários é de quatro horas para frente do Brasil e eu virei a noite com relatórios.

Dormi algumas horas e desci com a equipe para fechar as últimas cenas que poderiam ser gravadas. Está um dia quente, tão quente, que é quase impossível gravar cinco minutos sem precisar interromper para secar o suor e refazer a maquiagem.

É numa dessas pausas que eu me sento ao lado de Juliana em uma das toalhas que colocamos na areia de frente para o mar. Ela me estende um lenço umedecido com perfume de flores para secar o rosto.

— Obrigado. — Digo, mas tiro do bolso o celular só para constatar que Leila não me ligou.

Tudo bem, não espero que ela faça uma ligação internacional, mas ela podia mandar uma mensagem em qualquer um dos aplicativos que tenho instalado.

— Bernardo isso é ridículo. — Juliana me lança o olhar do pavor. Balança a cabeça em negação. — Sabe quanto você gasta mantendo esse celular ligado a cada hora?

— Sei.

— Eu vou fazer cenas mais perto do mar, para preenchimento. — Denis avisa. É o câmera, um rapaz magrelo, albino e mega alto que não faz sucesso nenhum com as garotas, mas nenhuma se interessa além das aparências e deixam escapar o fato de que Denis é um dos melhores no que faz. Se algum dia eu for produzir um longa metragem, eu o contrataria para ser diretor de edição.

— Não chegue muito na borda! — Juliana berra. Ela tem pavor de tubarão e aqui a região é cheia deles, tão cheia que é basicamente o que todo mundo vem fazer por aqui: ver tubarões.

— Tá! — Denis finge que escuta e se afasta.

Já mergulhei por aqui e embora tubarões sejam grandes e assustadores, eles são apenas peixes. Os tubarões não vem tanto assim na borda como Juliana pensa, para mergulhar próximo a eles é preciso pagar os pescadores e descer numa jaula de ferro. Eu achei divertido, Juliana quase morreu do coração.

Olho de novo para o celular e Juliana já não me suporta mais, por isso ela arranca o celular da minha mão.

— Por favor, pare com isso! — Ela desliga o aparelho. — Estou ficando com pena de você.

— Não preciso que ninguém tenha pena de mim. — Nem que se meta na minha vida, mas a segunda parte omito, por achar que seria rude.

Tento recuperar meu celular e Juliana balança o aparelho no alto de

sua cabeça e isso me faz desistir, não porque não alcanço o celular, mas porque seria inútil esperar uma ligação ou qualquer coisa. A Leila deve estar dormindo de ressaca. Já disse a ela o quanto beber em confraternizações empresariais fazem mal a carreira... Queria que ela me ouvisse!

— Vem, eu te pago uma bebida e você pode até cantar aquela música... — Ih, lá vem. Preparo meus ouvidos, Juliana é desafinada demais. — "Garçom, aqui nessa mesa de bar... Você já cansou de escutar, centenas de casos de amor!"

— Não quero uma bebida, quero acabar essas cenas e dar o fora daqui. — Resmungo, mas é só para ela parar de cantar!

— Oh, por favor! — Juliana insiste sorrindo e já fica em pé, batendo a mão no traseiro para espantar a areia em seu shorts jeans. — Eu tenho uma notícia ótima para te dar, vai te animar um pouco.

A única notícia que ia me animar seria se a Leila me dissesse que não vai trabalhar com o Fabrício, mas a falta de uma ligação me leva a crer que ela não vai me dar ouvidos de novo. Por que namoradas fazem isso? Nunca ouvem o que temos a dizer! E se ouvem, entendem tudo errado procurando segundos e terceiros sentidos onde eles não existem. Nós homens temos a tendência de sermos práticos e diretos.

— Vai ter que ser muito boa mesmo. — Fico em pé, coloco meus óculos escuros na cara e sigo Juliana para fora das pedras que circundam a praia em que estamos. — Denis! — Grito, chamando-o.

Juliana já me espera na van, que alugamos para carregar todos os equipamentos. O link ao vivo é amanhã, mas teremos que ir para as praias de turismo em Cape Town. Os hotéis por lá são melhores, a propósito.

— Qual a boa? — Pergunto quando me aproximo, mas Juliana já senta no bando de dentro da van. — Diz aí, garota.

— Oh, alguém de repente ficou muito interessado no que eu tenho a dizer.

— Hm, médio. — Bato os ombros.

— Fiquei sabendo que a equipe do Ribas teve um problema e se a gente correr e os substituir em tempo, podemos sair na frente e conseguir um destaque ótimo na produção.

— Oh. — Fico parado.

É uma chance de ouro, o único problema está em se aproveitar da fraqueza de alguém para passar por cima. Não gosto disso.

— Já falei com eles e disseram que se a gente fizer a matéria dele, o crédito é nosso.

— E qual é a matéria? — Pergunto meio sem interesse.

— Algo no litoral de Moçambique! É uma matéria com pescadores, não sei de mais detalhes, mas é para o History Channel. Meu queixo quase vai ao chão e Juliana sorri. Moçambique é um destino relativamente próximo de Cape Town, podemos ir em um dia, ou menos.

— É! — Ela se diverte. — A nossa chance de ouro! Ribas vai estar por lá esperando por nós, já o bipei. Ele disse que se chegarmos logo, a matéria é nossa! E você teria um belo destaque.

— Mas eu preciso voltar para o Brasil... — Hesito.

— Não, Bernardo, você não precisa. — Juliana me lança um olhar de dureza. Eu cruzo os braços. — Você não pode nos abandonar agora! É nossa chance.

Respiro fundo. Coloco as mãos no bolso da calça, perdendo a pose. Ah, droga...! É a chance que estamos esperando desde que formamos essa equipe jornalística. Adentrar para a equipe do Ribas (que é uma das maiores) seria ótimo. Esporadicamente ele faz projetos pro Globo Repórter e para outros jornais, inclusive alguns documentários internacionais que são exibidos na Discovery Channel, History Channel essas coisas... se eu deixar escapar essa chance, vai ser uma droga!

— Não posso agora, Ju, preciso voltar para o Brasil.

— Bê, a garota te traiu. Pare de fantasiar coisas! Não deixe essa chance escapar por causa de uma garota que não pensa em você. — Ela ergue as duas sobrancelhas, com medo de me magoar com o que está falando. — Depois você liga para ela quando tivermos em Moçambique... não vai ser uma matéria demorada por lá e depois você volta voando para o Brasil.

— Ei, e aí, o que vocês estão falando? — Denis se aproxima, com a câmera no ombro segurando-a com um braço e no outro, as toalhas que deixamos para trás.

— Sobre o nosso futuro destino, que surgiu de última hora. — Juliana diz, provocativa.

— E onde é o nosso próximo destino? — Denis quer saber e lança seus olhos descoloridos para cima de mim. — Onde é?

Eu tomo fôlego.

— Moçambique. — Digo.

Juliana abre um sorriso maior do que o de Denis, isso até que o nosso camera man descubra que a matéria é para o History Channel.

Eu só espero que essa não seja a pior decisão que já tomei em toda a minha vida.

#3 DOR DE CORNO

É quase duas e meia da manhã no Brasil quando Leila (finalmente) atende a minha ligação, do aeroporto de Cape Town (aqui são mais que seis horas da manhã).

— Alô?

— Leila?

— Bê? Oi... nossa, são duas da manhã, aconteceu alguma coisa? — Ela reclama do horário, embora sua voz pareça ótima, como de quem ainda não foi dormir e está muito acordada.

— Sim... — Procuo conter minha curiosidade e ciúme. Aposto que ela estava em algum lugar, um bar, a casa do Fabrício, sei lá, não quero nem pensar nisso e vou direto ao assunto. — Estou indo para Moçambique.

— Oi? — Ela faz em choque do outro lado. — Achei que li no seu e-mail que você ia voltar antes para o Brasil.

— Eu sei. Terminamos tudo aqui em Cape Town, mas surgiu algo em Moçambique.

— Isso significa que você vai demorar mais quantos dias? — Agora ela soa impaciente e eu bato a minha testa contra a parede em que ficam os telefones do aeroporto.

Tento ignorar o fato de que ela só quer saber datas, prazos e essas coisas, ao invés de me perguntar o que foi que surgiu em

Moçambique. Eu adoraria dizer a ela que estou indo ingressar em uma equipe conceituada e trabalhar para um documentário.

— Mais uns... cinco, nada demais. — Procuo ser otimista.

— Cinco dias? Você só pode estar brincando comigo, Bernardo.

— Er... não...

— Cinco dias é muito tempo!

— Passa mais rápido do que parece.

— Bernardo. — Ela se irrita comigo, não evito em sorrir por imaginá-la coçando a sobrancelha direita. Ela faz isso sempre que chama meu nome desse jeito, uma graça. — Volte pra casa. Já tem quase um mês que não te vejo.

— Venha até Moçambique e me encontre, ué. — Sugiro da forma mais casual possível, para que ela não perceba minhas intenções imbuídas nessa pequena linha. — As praias são lindas... dá para mergulhar em Ponta Malongane.

— Não posso ir para Moçambique assim, sem mais nem menos. Tenho compromissos.

— Vem rapidamente, só para um fim de semana... — Insisto, mas estou sendo um pouco idiota em fazer isso.

Leila dá risada, debochando. — Bernardo, você ao menos sabe quantas horas de viagem são? — Fico calado. Eu sei, mas não respondo. Leila respira fundo. — São doze horas do Brasil para Maputo, imagine até eu chegar, em como é mesmo o nome?

— Ponta Malongane.

— Vou levar anos! Com certeza vou ter que ir de jipinho, né?

— Deve ter um teco-teco, também. — Suspiro. Ela não vem.

— Credo... você não pode voltar antes?

— Não vai dar... E algo me diz que você vai estar ocupada correndo atrás do Fabrício... — Solto com amargura. Já tenho certeza que ela aceitou o emprego e não preciso perguntar. É bom que não pergunto, assim evito que ela me responda o que não quero ouvir.

— Não desse jeito que você está pensando.

— Você não sabe o que eu estou pensando.

— Sei sim! Em baleias, golfinhos e tartarugas marinhas... oh e tubarões. Definitivamente tubarões.

— Errou. — Dou risada, mas ela tem razão em um aspecto: adoro meu serviço. — Estou pensando em você...

— E eu sinto a sua falta, Bê...

— Eu também sinto sua falta, linda. — Saudades é algo terrível de sentir, mas ao mesmo tempo, dá uma sensação boa, de que temos algo do que sentir saudade. Não sei se vocês entendem ou se estou soando meio doido nesse momento.

— Promete que não demora?

— Finalizando Moçambique, vou direto para casa.

— Sem nenhum desvio no caminho? Nenhuma caça à baleias piloto que precise ser denunciada e te leve até a Nova Zelândia? — Ela implora. — Promete?

— Prometo. — Seguro a risada, parece que ela acha que eu estou fugindo, sei lá.

— Ufa! — Ela respira forte.

— Bernardo! — Escuto Juliana me chamar. — Vamos logo! Temos que entrar!

— Leila, preciso ir, o avião... — Digo apressado. — Te ligo do resort se meu celular funcionar. Te amo.

— Resort?! Você vai para um resorte? Bernardo! — Ela grita do outro lado, mas não tenho mais tempo.

— Eu te ligo! — Desligo o telefone. Pego minha mochila, com o notebook e me dirijo até Juliana e Denis, que me esperam impaciente.

— O que estava fazendo? — Juliana me pergunta com a sobrancelha direita erguida de um jeito assustador. — Você telefonou para ela?

— Foi.

— Ai Bê! — Ela bate a mão na própria testa, inconformada.

— Eu disse que não adiantava confiscar o celular dele, ele tem o número decorado. — Denis revira os olhos.

Dou de ombros. Ligo para minha namorada a hora que eu quiser, oras!

— É por isso que ela pisa em você. — Juliana aponta o dedo para mim.

— Quê? — Fico sem entender e Denis dá risada, o que indica que ele concorda com ela. — O que quer dizer?

— Que você fica comendo na mão dela como um passarinho idiota e ela faz o que bem entende com você, te engana e te trai. — Sou obrigado a liberar todo o ar do meu pulmão nessa hora. — Você tem que dar a ela o medinho de te perder.

— Não quero que ela tenha medo de me perder. — Resmungo e começo a andar para a sala de check-in. — Quero que ela saiba que pode confiar em mim, que sou diferente desses babacas com quem ela já saiu.

— Bernardo, isso não vai te levar a ganhar a garota! — Juliana reclama.

— Eu já ganhei, lembra? Ela já me escolheu...

— Eu não sei se você deveria estar tão confiante... — Denis me alerta com uma expressão séria. Não quero ouvir ninguém plantando a sementinha da dúvida no meu cérebro e me afastar.

— Ela vai magoar você. — Juliana decreta.

Finjo que não escutei e entrego a minha passagem e passaporte para o guarda, só quero que essa viagem acabe logo e eu possa voltar para o Brasil. Vou na frente na direção do embarque e minha mente começa a me deixar maluco com a possibilidade de que, enquanto estou ausente à trabalho, Leila está bebendo em bares com qualquer outra pessoa que não seja eu.

Ah, droga, pronto, a sementinha da dúvida já até criou raízes na minha mente!

*** Maputo é um paraíso e eu não quero sair daqui nunca mais, mas infelizmente estou apenas de passagem, meu destino ainda fica há duas horas de carro daqui. Ponta Malongane. Mal posso esperar para ver os recifes em mar aberto!

Eu me sento em um banco na saída do Aeroporto, ao lado de Denis que boceja cansado enquanto Juliana vai atrás de um carro para nós. Ela é produtora, ela que se encarregue desses detalhes chatos.

Ligo meu celular, procuro um aplicativo de texto e busco pela Drica. A única pessoa capaz de me entender nesse instante.

Bernardo: Drica, pelo amor de Deus, responde logo. Estou no meio de Maputo e minha bateria está em 23%.

Drica: Uau que desespero, hein. Espero que seja importante. Reunião!

Não sei que horas são (meu celular ainda acha que está em Gansbaai e ele ignora o fato de que viajei mil e quinhentos quilômetros), não sei nem que horas seriam no Brasil... mas tenho por mim que a reunião a que ela se refere seja mais pessoal do que empresarial.

Bernardo: A Leila vai trabalhar com o Fabrício.

Drica: Oh.

Drica: Quer saber, bem feito pra você.

Fico encarando a mensagem um pouco pasmo. Quê? Bem feito pra mim? Ela só pode estar brincando... Por que eu iria merecer algo assim.

Bernardo: ??????

Drica: Isso que dá ficar viajando ao invés de tomar conta da namorada... ela te impede de viajar para a Argentina e você arruma um trabalho em outro continente dois meses depois! Francamente, Bernardo!

Bernardo: Foi o que surgiu...

Drica: Esse é o caso. Você sempre coloca sua carreira na frente dos seus relacionamentos. Vá se ferrar!

Opa. Senti uma espécie de ressentimento nessa mensagem e por isso, paro de responder. Suspiro. Eu não terminei com a Drica porque ela queria que eu fizesse engenharia ou medicina e eu resolvi que ia fazer jornalismo, como ela adora espalhar por aí. Eu terminei com a Drica por me perceber apaixonado pela Leila e precisava me afastar um pouco das duas antes que desgraças maiores acontecessem... Como a que aconteceu por causa do Eduardo. Antes tivesse sido por mim.

— Consegui o carro, vamos? — Juliana aparece e Denis logo se levanta, puxando o carrinho com os equipamentos.

Eu não me mexo. Não quero ir. Penso em voltar para casa agora mesmo em qualquer avião que me coloque mais próximo do Brasil...

estou quase dizendo que não vou mais, quando Juliana volta os passos que deu e me puxa do banco.

— Ih, o que foi? O que é essa cara de desânimo?

— Você acha que eu coloco a minha carreira na frente dos relacionamentos? — Pergunto assim que me levanto. Coloco o celular na minha mochila, junto com o computador.

— Hm... — Ela pensa um pouco e quando percebe o que quero dizer, coloca a mão na cintura, brava. — Está pensando isso por causa da Leila? Ainda acha que tinha que largar tudo e ir correndo para ela?

— É...

— Bernardo! — Reclama com o maxilar travado. Quase rosnando como um cachorro raivoso. — E quanto a ela? Por que ela insiste em trabalhar com o ex? Podia arrumar outro emprego facilmente! Mas não... ela faz questão de trabalhar com ele!

Engraçado como ela coloca em palavras exatamente o que eu estou pensando.

— Então me desculpe, ela quem está colocando a carreira por cima do relacionamento nessa equação. — Ela cruza as mãos e as afasta, dando um basta na discussão. Parece até que o namorado traído é ela e não eu.

— Hm. — Faço, nada convencido. — Mas estou na África...

— E o quê? Tem que ficar grudado na namorada pra que ela saiba manter a calcinha no lugar? — Juliana me desafia, com um olhar duro, mas duro mesmo são as palavras que ela lança. Ouch! Pegou pesado. — Vem, Bernardo, você precisa deixar essa questão para lá, não fica se martirizando, vamos curtir Ponta do Ouro com tesão e

produtividade! Depois quando você voltar, você resolve isso cara a cara com a Leila.

— Certo. — Por fim, concordo.

Não dá mesmo para largar tudo agora e sair correndo, seria irresponsabilidade demais... só espero que a Leila mantenha as calcinhas no lugar.

#4 O QUE FICOU PARA TRÁS

Ponta do Ouro e Ponta Malongane me fazem esquecer totalmente do que eu deixei para trás no Brasil. Temos praias lindas, mas as localidades africanas são paraísos imaculados pela ganância humana (por enquanto).

O hotel é construído em cascos de árvores que me lembram casas élficas dos livros de J.R.Tolkien, o mar límpido e azul rodeado por montanhas e recifes diversos. Aliás, são tantos passeios e explorações que os dias de trabalho passam voando.

Conseguimos filmar muitas coisas e eu tive sorte de mergulhar em todas as vezes. Como a equipe de Ribas ficou desfalcada, cobri muitos buracos e com isso, cheguei à centímetros de Tubarões-Baleias gigantescos, tartarugas marinhas, golfinhos e até alimentei um tubarão-touro!

O documentário leva o nome de A Rota dos Tubarões é uma imitação do documentário da Discovery (haha), mas conheci dois cientistas especialista em tubarões e uma fotógrafa especializada em fotos em baixo de água. Denis cobriu a falta de um cameramanmergulhador e eu fiquei com o papel de jornalista-explorador. Uma pena que não entrei nesse projeto antes, fiquei sabendo que eles viram tubarões-tigres e uma raia Manta, que é difícil de avistar.

Os cinco dias rapidamente se transformaram em sete. Ribas ficou tão impressionado com a minha coragem que fizemos mais cenas incríveis debaixo de água que ele apelidou de "cenas geniais". Se pegávamos um tubarão dançando ou encostando o nariz na palma da minha mão, era "uma cena genial", mas com sinceridade, são cenas que eu e minha equipe fazemos o tempo todo (em Fernando de Noronha, por exemplo) e ninguém vê nada demais.

Ribas é um homem engraçado, barbudo como um pirata de desenho infantil e ruivo. Ele é um especialista em documentários de tubarão, contando com um para a BBC. Foi realmente um golpe de sorte ficar sabendo que ele estava sem equipe e preciso me lembrar de agradecer a Juliana por isso... ela namorou um especialista em conservação marítima uma vez, que conheceu o Ribas em um dos projetos... tá explicado.

É apenas no oitavo dia que eu estou totalmente a passeio em Ponta Malongane esperando o jipe 4x4 que deve nos levar em solavancos violentos para Ponta do Ouro, onde pretendo mergulhar puramente por lazer (e quem sabe ver de novo tubarões-baleia).

Já fomos dispensados do serviço, a equipe inteira se desfalcou (mas teremos uma reunião na sede do History Channel (que fica na A&E, EUA) daqui duas semanas. O History Channel não é um canal que produz documentários sobre natureza, mas é que o projeto do Ribas pretende analisar a evolução dos tubarões (é uma polêmica nos canais de documentários e entre cientistas de todo o mundo, fiquei sabendo, mas até então eu não imaginaria esse tipo de coisa).

O dia está quente, o cheiro do mar me chama e só consigo pensar em como estão demorando para seguirmos viagem. Juliana se senta ao meu lado com sua roupa de mergulho preta e vermelha pela metade. Ela não está nua, um biquini cortina amarelo florido cobre o que eu acredito serem seios pequenos demais. Que garota magrela, nossa.

— Ué, onde a senhorita vai? — Pergunto, tirando os olhos do lindo mar azul banhado por um céu mais lindo e azul ainda para olhar para ela. O Sol bate em seu rosto de uma forma bonita, iluminando suas feições. Se ela ganhasse uns quinze quilos em forma de peito e bunda, seria uma quase-gata.

— Para Ponta do Ouro com você. — Ela sorri e seus cabelos curtos estão semi presos de um jeito que consigo ver o brinco de estrela do mar que ela usa, não vi quando ela comprou tal artefato, mas o acho engraçadinho.

— Vai alimentar tubarões? Digo dando risada abrindo a garrafa de água, está mesmo muito calor. A imagem de Juliana berrando de medo numa lancha ainda me comove, quase preciso segurar a risada. Foi hilário.

— Oh, não chego perto deles nem morta! — Juliana diz. Bem sei. Percebo que ela fita minha garrafa e lambe os lábios, acho que ela está com sede e por isso, antes de dar um gole, ofereço para ela.

— Eu pretendo chegar bem perto... — Digo.

— Bem pertinho? — Juliana faz biquinho com batom vermelho, que até o momento eu nem tinha reparado, e pega a garrafa encostando-a na boca. Vira a cabeça e o líquido escorre pelos cantos de sua boca.

— Aham... — Respondo.

Peraí, do que estamos falando? Eu me pergunto quando percebo que me perdi nessa conversa, fiquei com a impressão de que estou recebendo uma cantada e isso me deu mais sede do que o normal.

— Beeeeeem pertinho...? — Ela faz com os olhos cravados na minha boca. Só tem a garrafa entre nós, aberta, convidando para um gole.

Meus lábios se partem em espanto quando percebo o que ela realmente está querendo dizer. Ei, isso é errado!

Afasto-me. Fico em pé, voltando para dentro do hotel. Juliana quase cai da bancada em que estávamos encostados e eu só consigo pensar em fazer as minhas malas e sair correndo dali. Meu Deus do

Céu... estou há vinte e oito dias fora de casa, que porra estou fazendo?

Como se estivesse em uma maratona, troco a roupa de mergulho por jeans e camiseta, junto todos os meus pertences na mala esvaziando o armário e fecho o zíper. Guardo o notebook na mochila e pego meu celular. Procuo por um sinal, de uma forma que eu até me penduro pela janela, quando consigo ligar para casa, digo, para a Leila.

Ela demora anos para atender... estou quase desistindo da ligação quando finalmente, escuto sua voz do outro lado, distante e longe. É engraçado fazer ligações internacionais a longa distância, as vezes dá até para imaginar a voz da gente passeando pelos cabos, atravessando dois oceanos...

— Oi Bê! — Ela atende tão contente que quase me esqueço que se são oito horas da manhã aqui, são quase quatro horas da manhã lá.
— Tudo bem?

Pensar que ela está super acordada no meio da madrugada causa uma espécie de choque. Paraliso. Demoro para conseguir formular uma resposta e escuto uma risada.

É uma risada que eu conheço muito bem: Fabrício.

— O que você tá fazendo? — Logo pergunto, mas como não é exatamente a pergunta que quero fazer, reformulo. — Por acaso o Fabrício tá aí? O que esse cara tá fazendo aí com você a essa hora, Leila?

— Uau, espere um pouco. — Ela diz em seco.

Eu bufo, escuto algo ser dito de um jeito abafado, imagino que ela esteja falando com ele para poder se afastar um pouco, mas tampou

o microfone para eu não escutar o que ela disse. Respiro fundo, bem fundo, não gosto de perder a paciência por nada.

— Estou trabalhando, o que você acha? Estamos todos no estúdio, filmando os bastidores da gravação da banda... e sim, o Fabrício está aqui. Ele é o vocalista da banda, por sinal. — Ela me explica em um fôlego só.

— Oh. — Até engulo em seco, senti em cada palavra o quanto ela está irritada comigo. — Você tá brava?

— Não sei, estou? — Ela me pergunta de forma afetada e eu a odeio nesse instante!

Por que quando estamos em uma DR as mulheres precisam agir assim com sarcasmo e escárnio esperando que você adivinhe o que se passa ao invés de dizer simplesmente? A minha falta de resposta faz com que ela se adiante em responder por mim.

— Você deve saber melhor do que eu. Estou aqui no Brasil trabalhando e você que me enviou um e-mail ontem dizendo que, apesar de terminar tudo por aí, ficaria mais três dias mergulhando e só então voltaria para o Brasil.

Ops. Acho que fiz algo errado, mas não sei exatamente o quê. Estou prestes a me defender, acho que depois de tanto trabalho árduo mergulhar três dias é uma recompensa digna... Antes que eu consiga abrir a boca, entretanto, Leila usa as palavras como se fossem uma metralhadora em cima de mim:

— E pararia em Fernando de Noronha para entregar documentos para um amigo seu, só depois viria para São Paulo... mas antes, por que não uma visitinha rápida de cinco dias na casa da sua mãe? Afinal, ela não te vê há muito tempo, coitada! — É tanto sarcasmo que tenho vontade de me afundar como uma âncora no fundo do mar. Sem cilindro de oxigênio. — Então, não sei, Bernardo.

Realmente não sei se estou brava! Acho que não estou, é impressão sua. Não me parecem motivos suficientes!

— Estou indo para casa. — Digo. Estou mesmo, resolvi agora! Ela tem razão, me rendo... Já acho que demorei demais e meu coração até aperta ao constatar que demorei demais, para variar. Espero que minhas palavras remedeiem um pouco a situação e deixem ela mais calma.

— Daqui um milhão de anos, você chega! — Ela grita, o que me assusta um pouco.

— Leila... — Tento chamar por ela para que a nossa conversa não vire uma briga.

Detesto fazer as coisas na explosão. Detesto brigas, detesto vozes altas, berros, xingamentos... não costumo fazer isso, só quando não tenho mais escolhas e acredito que eu e a Leila conseguiremos resolver isso em uma conversa amigável, nos conhecemos há tanto tempo...

— Sabe, o Fabrício me irritava toda vez que ele viajava a trabalho ou saía de turnê, até quando ele ia até a padaria, ele demorava mais que o normal. Parecia que sempre se perdia... que esquecia o caminho de casa ou que qualquer coisa o distraía no meio do caminho. — Ela se demora, respirando um pouco e pegando fôlego.

Eu sei bem o que o Fabrício fazia ou deixava de fazer, ela me contou tudo sobre o relacionamento que eles costumavam ter. Mas por que razão ela está me comparando com ele agora? Eu sou muito diferente do Fabrício em todos os aspectos! Estou pronto para protestar, quando ela solta algo pior.

— Mas você é um ridículo, já passou dos limites aqui!

— Espera! — Eu digo. Ela se interrompe, esperando para me ouvir.

— Estou falando sério, acabei de fazer as malas. Vou agora mesmo

para o Brasil, para sua casa, nada de Fernando de Noronha ou casa da minha mãe.

— Não, Bernardo. Fica aí mergulhando com baleias, tubarões, sei lá mais o quê! Qualquer coisa é mais interessante do que eu! A Drica tem razão, você é um mimado egoísta, que não descansa até que as coisas saiam do seu jeito! Só você importa... pois bem, fique sabendo que em um relacionamento tem mais coisas envolvi-

E a ligação corta, me deixando em desespero. É quase um estado de choque. Em nenhum dos e-mails que troquei com a Leila ela disse que estava se sentindo dessa forma, como se não fosse importante para mim.

Ligo de novo, de novo e de novo, só pego a gravação de que meu número está fora de serviço. Droga de fim de mundo! Isso que dá ir parar do outro lado do Pacífico!

Desço até a recepção, peço pelo telefone e também não obtenho resultados. O número da Leila vai direto para a caixa postal. Estou tremendo, em choque e não sei, talvez a Leila tenha achado que eu desliguei a ligação e então ela resolveu jogar o celular na privada para que eu nunca mais precise ligar e inventar uma desculpa para continuar viajando.

As palavras da Drica invadem minha mente, consigo visualizar de novo a mensagem no aplicativo em que ela me diz que estou fugindo da Leila.

Eu não estou fugindo dela, eu juro.

E não sou um egoísta mimado.

Veja só, mandei fotos para ela todos os dias, e-mails e só não falei mais com a Leila, ela não abria o Skype... Claro que esses dias em

Ponta Malongane estou um pouco mais distante, mas tem um motivo: aqui não tem cabos e redes telefônicas complexas, por isso, a internet é bem instável. Ainda assim, me conectei para enviar e-mail todas as noites depois do expediente. Só dava para enviar a noite, entre um relatório e outro, trabalhei dia e noite sem descanso para terminar logo.

É muito injusto a forma como ela está me tratando, nossa. Ainda assim, me sinto culpado e minha cabeça começa a imaginar ela por baixo do Fabrício sendo consolada por ele da nossa briga... Claro, ele se aproveitaria disso. Ele vem se aproveitando da Leila desde o primeiro dia que a conheceu.

— Bê? — Juliana segura em meu braço, olhando-me confusa. — O que houve?

Eu tento falar, mas as palavras não saem, ficam ali endurecidas e presas no fundo da garganta. Estou sem ar. Mostro a ela o celular, faço sinal de que não estou entendendo nada... estou pirando.

Juliana me tira da recepção e me leva de volta para o quarto, me senta na cama perto da mala, arruma outra garrafa de água e enquanto ela fecha a porta, eu disparo toda a minha conversa com a Leila. Tropeço em algumas sílabas... Tenho que respirar fundo e é isso que eu faço, olhando para Juliana que me olha de volta, sentada na cama, com a mão na minha perna e preocupada.

— Preciso voltar pro Brasil agora, ou vou perder a mulher da minha vida. — Eu resumo minha decisão, totalmente fora de mim.

— Bernardo, cala a boca! — Juliana pede com um sorriso.

Quê?

Segundos depois estou me inclinando para trás, seus lábios se encostam em mim, enquanto seus braços envolvem meu pescoço, forçado a situação.

#5 CATÁSTROFE

— Juliana! — Eu a seguro pelos braços, afastando-a de mim. Ela é louca?

Estamos na estrada juntos há um mês e nessa ilha deserta as opções ficam bem escassas... Talvez essa atitude de agora explique porque ela não relatou ter se agarrado com nenhum pescador. Quer dizer, tanto tempo focada na carreira que com certeza está carente e confundiu minha oferta de coleguismo com alguma outra coisa... isso me deixa um pouco grilado, deve ter sido minha culpa, mas eu tenho namorada.

— Eu sei que você no fundo, me quer. Eu vi você me olhando...

Só consigo pensar que se eu olhei para ela não foi do jeito que ela imaginou.

— Vou para São Paulo. — Digo já em pé e pego minha mala.

— Não vá! — Juliana segura em meu braço.

O que posso dizer diante dessa situação? Nada. Não existem palavras para esse tipo de coisa. Essa mulher na minha frente me confundiu com outro tipo de pessoa.

Balanço a cabeça em negação, vejo as lágrimas brotarem nos olhos dela e saio do quarto. Nota mental: solicitar ao meu chefe remoção para outra equipe, nem que eu precise fazer link de reportagem ao vivo dos preços da feira de esquina no programa da Ana Maria Braga. Não consigo trabalhar onde há conflito de interesse.

Chego na recepção e tenho um grande trabalho em explicar aos funcionários do hotel que não quero ir mergulhar e sim que me deixem em Maputo no aeroporto, mas por fim o jipe 4x4 me dá a condução que preciso e eu embarco na primeira aeronave.

Tentei falar com a Leila, mas ela ignorou meus e-mails e ligações. Significa que ela está mesmo muito brava comigo! A aeromoça veio reclamar do meu dispositivo não estar no modo avião e eu acabo concordando em desligar tudo.

Essa vai ser a viagem mais longa da minha vida.

Desembarco em São Paulo no meio a tarde e com efeitos acumulados de jet lag. Fiz tantas conexões que perdi a conta. Sinto como se estivesse em transe, totalmente exausto. O vento é gelado, de certa forma estimulante, mas me faz pensar na África. Sou daqueles que preferem praia, sol, cheiro de maresia e calor.

Tento encontrar a Leila pelo celular e continuo na zona do "gelo". Tento a Drica, preciso de uma carona e descubro que ela está no Nordeste em reunião com alguém que não entendi muito bem. E a Ruth, nem vou tentar, ela está sempre com alguém e se não tivesse, não ia topar me ajudar.
Legal, eu me ferrei, não é?

Pego um táxi e vou ao único lugar em que acho que a Leila pode estar: o apartamento daquele rockstar wannabe. Espero chegar antes de uma catástrofe!

A porta do apartamento abre e o projeto de Alice Cooper me encara com um sorriso sacana. Constato que ele está de roupa, o que é um

bom sinal, acredito. Se bem que o que ele usa não são roupas, mas pedaços delas. A camiseta do Rolling Stone falta mangas, a calça falta parte com vários buracos.

— Que surpresa. — Ele diz genuinamente surpreso, mas não captei se o tom de voz é de desgosto ou pânico. O prédio em que ele mora não tem portaria, esperei um morador entrar para conseguir me infiltrar, não queria tocar o interfone.

Eu o socaria agora só por causa desse sorriso, mas como ele ganha dinheiro com a imagem dele, fazer isso seria pedir um processo e uma multa que vá me levar a falência, então eu só fico ali observando-o. Percebo que Fabrício mantém a porta o mais fechada possível e não consigo ver o interior do apartamento. Isso me desespera.

— Onde está a Leila? — Pergunto, seco, ríspido, as palavras arranhando minha garganta e meu orgulho. Eu empurro a porta e Fabrício não tem escolha senão me deixar entrar.

Tropeço em uma caixa e percebo que talvez ele esteja se mudando. Meu Deus. Espero que não seja de volta para o apartamento da Leila!

— Cadê a Leila?

— Se ela estivesse aqui, seria simplesmente perfeito. — Ele solta fumaça pela boca. Se recosta no sofá abrindo os braços e coloca os pés em cima de uma caixa, descansando, nitidamente curtindo o meu momento de desespero. — Mas me sinto honrado por saber que você considerou a hipótese de que ela viria correndo para os meus braços só porque brigou com você.

— E onde ela está?

— Não sei... — Ele ri em deboche. Isso me tira do sério!

— Estou falando sério Fabrício. — Rosno, rangendo os dentes.

Fabrício joga os olhos para cima de mim e me encara com profundo desdém. Ele me olha desse jeito desde o primeiro dia que fui apresentado a ele pela Leila, como se não me suportasse, como se fosse superior a mim... Ele não é, tanto que já perdeu a Leila e insiste em atrapalhar nossa felicidade por capricho.

— Eu também. — Fabrício diz, ainda sorrindo daquela forma que me faz querer socá-lo. Deus, daria tudo para quebrar um de seus dentes. — Não sei onde a Leila está, por aí, em algum bar, sei lá. Não fico controlando minha garota com um GPS ao contrário de você.

— Cara, não vamos por aí. — O interrompo. Se ele começar a apontar meus defeitos, vou apontar os deles e a gente vai acabar se estranhando de uma forma ainda mais séria. E o que foi esse pronome de posse? “Minha garota”, a Leila não é dele. — Só me diga onde ela está.

— Por que você não procura? — Fabrício resolve que vai se divertir às minhas custas. Já tenho certeza que ele sabe onde a Leila se meteu e porque ela não me atende, senão, o que justifica essa atitude babaca?

— Só me diga onde ela está.

— Eu não sei onde ela está Bernardo. — Vejo quando ele revira os olhos e expulsa a fumaça cinza dos pulmões em total impaciência comigo. — Mas agora que você já viu que a Leila não está pelada debaixo do meu lençol, se importa de ir embora? Estou esperando os carregadores.

— Vai deixar a cidade? — Queria que ele deixasse o país.

— Sonho seu. — Fabrício me provoca de novo.

— Certo. Se a Leila não está aqui, então é melhor eu ir.

— Acho que é.

Não digo mais nada, nem me despeço. Saio do apartamento dele e volto para o táxi.

— Para onde agora, senhor?

Respiro fundo. Não sei onde a Leila poderia se esconder por estar chateada comigo. Algumas coisas referentes à Leila ainda são um mistério para mim. Até me sinto culpado, por não saber para onde ela iria quando fica chateada. Melhor voltar para minha casa...

Peraí! Uma ideia maluca se faz na minha cabeça. Seria possível? Bem, só vou saber se tentar descobrir.

— Pro Zoológico.

A rotação da Terra até fica mais lenta quando, depois de enfrentar uma fila tão enorme que me fez sentir um idiota com uma ideia mais idiota ainda, atravesso pelos portões do zoológico. Fazem anos que não piso nesse lugar! As abelhas continuam agindo da mesma forma, querendo engolir o açúcar dos refrigerantes e levar de volta para a colmeia. Aqui deve ter centenas de colmeias, pelo número de insetos que flutuam... essa ideia me causa um arrepio na nuca de pavor.

Ando depressa até a jaula do hipopótamo e meu coração quase explode quando reconheço a figura recostada na grade esverdeada, debaixo da sombra de uma árvore. Respiro fundo, meu estômago quer me trair revirando dentro de mim. Aproximo-me, tendo que desviar de um grupo de crianças que passa correndo e berrando na minha frente.

— Elefante! Elefante! — As crianças fazem em coro.

Não gosto muito do zoológico, ainda fico nervoso sempre que vejo tantas abelhas (isso é um trauma de infância) e retornar aqui depois de tanto tempo me lembra as mil e uma brigas que tive com a Drica: ela cismou que eu me apaixonei pela Leila no primeiro dia que a vi e foi exatamente aqui (e bem, talvez ela tenha razão).

— Leila? — Arrisco um contato assim que paro do lado dela na grade.

Atônita, ela joga os olhos castanhos em cima de mim. Está com uma camiseta regata verde escura por dentro de um casaco acinturado negro e calça jeans, mas ao invés de tênis, usa saltos bem altos que não são do tipo ideal para visitar ao Zoológico.

— Be-Bernardo? — Pisca diversas vezes como se não acreditasse que eu estou mesmo aqui. Sua boca fica entre um largo sorriso e um vasto espanto, é quase engraçado. — O que você tá fazendo aqui?

— Voltei para casa... já te liguei mil vezes...

— Oh. — Ela morde a boca. Posso dizer que a Leila tem os lábios mais deliciosos do mundo? Eles me fazem pensar em manga. O jeito com que ela morde a boca me deixa louco, quase vou ao chão sem forças para manter a pose, fico sem ar. — Fiquei com tanta raiva de você que joguei o celular na privada. Vou precisar de um novo...

Novo celular, não novo namorado. Até aqui, estamos bem e consigo respirar de novo. Alcanço uma mecha de seus cabelos, deslizando os dedos por seus fios ondulados, analiso como a ponta de seus cabelos contornam seu colo, a marquinha da renda do sutiã esticando a camiseta.

Por que demorei tanto para voltar, mesmo?

— Desculpe a demora. — Já falo, que é para ir direto ao tópico.

— Você precisa parar com isso, Bernardo, você sempre me deixa esperando. Isso não é gentil. — E pronto, ela já fica azeda de novo, contraindo o maxilar e desviando os olhos de mim, achando que a água do tanque do hipopótamo é mais bonita e mais interessante do que o que eu tenho para dizer... e não é. O tanque é fedido e a água tão marrom que não sei como os animais não morrem ali dentro.

— Eu sei, Leila... — Seguro em seus ombros, puxando-a em minha direção. Ela me olha de novo, eu a abraço forte. O cheiro de seus cabelos é doce, aquele shampoo de banana que ela usa sempre. — Percebi. Mas você também não fala nada... podia ter me dito que se sente sozinha...

— Dizer o quê? Eu disse tantas vezes que queria que você voltasse... que estava com saudades. — Ela me empurra. Dou o espaço que ela precisa, mas não a solto.

De jeito nenhum. A Leila tem mania de correr para longe só para não ter que enfrentar uma situação, não sei quando ela aprendeu a fazer isso, mas é sempre assim, ela foge, se afasta e se tranca. Normalmente eu respeito, mas não quero que ela faça isso agora, tenho coisas a dizer.

— E você continuou lá, tirando férias de mim... se estou te sufocando, podia ter dito. Não precisava ir até o Japão, Bê.

O que ela disse? Leila está delirando e imaginando coisas que não aconteceram. Preciso esclarecer as coisas. Olho firmemente para ela, grudando seu olhar no meu. Consigo ver os músculos de seu rosto contraídos, ela está brava comigo por causa dessa suposição maluca que ela formulou na cabeça dela. Outra coisa que namoradas fazem bem: formular coisas malucas dentro de suas cabeças.

— Eu não estou fugindo de você Leila. E você não me sufoca. — Digo bem firme, que é para ela entender que é verdade. Inclusive minhas mãos estão agarrando seus braços com força. Se ela não fosse tão delicada, eu estava jogando seu corpo de um lado para o outro, que é para ver se o cérebro dela funciona melhor no tranco.

— Então por que você foi para a África tão de repente?

— Era uma boa oportunidade, só isso.

— E por que não voltou logo? Por que tantas desculpas para não voltar? — Ela tenta se soltar de mim.

— Eu estava trabalhando, foi emendando um serviço no outro... — A seguro, mas ela continua se balançando, tentando se soltar.

— Você ficou fora por um mês, Bernardo, um mês!

— Eu não percebi que era tanto tempo!

— Como não? Na África não tem calendário? — Ela grita.

— Eu te amo!

Ela para de se debater e olha para mim. Parte os lábios maravilhosos ao me ouvir, totalmente surpresa comigo.

E chega, não quero mais conversar.

Puxo a Leila na minha direção e colo minha boca com a dela. É simples e muito mais prático do que ficar explicando centenas de vezes que foi sem planejamento, que um serviço emendou no outro e demorou demais, que as coisas em uma vila de pescadores não são tão rápidas quanto em uma das maiores metrópoles do mundo e que mesmo que o mar seja minha paixão... a Leila é mais! Embora me admire o fato dela não saber disso e confesso que até me assusta um pouco... deve ter sido culpa minha. Se ela pensou todas essas coisas, que eu estava fugindo, querendo um tempo para pensar, que tinha me arrependido, ou sei lá mais o quê... É porque falhei em demonstrar a ela o quanto eu a amo e o quanto ela é mais importante do que tudo. E é melhor eu parar de falhar, ou ela vai desistir de mim e voltar para o Fabrício, que está louco para reconquistá-la.

O beijo é longo, com gosto de saudades e forte. Eu a aperto contra meu corpo e faço questão de mantê-la grudada em mim, para que ela não queira se desgrudar nunca mais. No princípio ela só dá um passo para trás recuperando equilíbrio, mas logo envolve meu corpo com seus braços, segura em meus ombros enlaçando-me. Eu me afundo em seu cheiro adocicado. Quando eu a beijo dessa forma, sinto como se o Planeta girasse mais depressa e é um mistério como não perco meu equilíbrio.

Depois de um tempo a gente se descola, eu a abraço e ela tomba a cabeça no meu ombro, fitando o tanque do hipopótamo, onde agora posso ver o que parece ser uma cabeça do animal, quase inteira submersa, orelhas esticadas e dois olhos negros e redondos. Acho que ele estava olhando nosso espetáculo, isso me deixa um pouco incomodado, mas me arranca um sorriso.

O vento passa forte, me fazendo sentir frio e derruba folhas em cima do hipopótamo. Aperto a cintura da Leila um pouco mais firme, só estou contente que finalmente ela está comigo de novo.

— Quanto tempo até sua próxima viagem? — Leila me pergunta, cortando o silêncio entre nós.

— Não tem próxima viagem, Leila.

— Não? — Leila desencosta do meu ombro para me olhar, sua boca está rosada do nosso beijo, ela fica tão linda e sexy assim... mas percebo que ela está um tanto desconfiada do que eu disse.

— Não... digo, talvez o dia que você queira tirar férias junto comigo, mas não vou mais trabalhar do outro lado do planeta. Prometo.

— Oh... — Ela fica pasma. — E vai fazer o quê? Quer dizer, não quero atrapalhar sua carreira Bê, sei que o jornalismo é importante pra você.

Eu sei que ela sabe e por essa razão eu preciso fazer isso.

— Não é mais importante que você, Leila. — Eu a beijo de novo. Ela derrete em meus braços, contendo um suspiro.

Ruth

#1 PERIGO

Fabrcio riscou o f3sforo e acendeu o cigarro, segurando-o entre os dedos. Enquanto tragou, ergueu os olhos na minha dire33o e jogou a caixa de f3sforo do hotel 5 estrelas que ele est3 hospedado em cima de mim, fazendo um gol por entre meus bra3os. A caixa bateu entre meus seios fartos, pulando para fora do suti3, antes de deslizar pela mesa do bar e encostar na base da minha ta3a de margarita.

— Ui, Fabrcio, hoje voc3 est3 um tes3osinho. — Tive que provocar.

— Estou, n3o estou? — O putinho me perguntou. Sua boca estava cheia de fuma3a e suas sobrancelhas dan3aram por cima de seus olhos cor de mel.

— Hoje e sempre... — Passo a m3o por meus cabelos loiros e compridos, em um sinal.

— Ruth. — Drica segurou meu bra3o, ofendida. Seus olhos escuros me lan3aram um olhar de repreens3o puritana contornado por maquiagem escura para noite. Esse olhar de advogada que a Drica tem me mata, mas me coloca na linha. — Pare de flertar com o exnamorado da Leila.

— Awm, por qu3? — Fa3o-me de burra, com um biquinho, antes de olhar de novo para Fabrcio que j3 perdeu o interesse em mim, preferindo observar o movimento dos gar3ons e do entra e sai do bar.

O problema com homens bonitos, ricos e sexy é o fato de que eles só querem o que não podem ter, mas no caso do Fabrício estou convencida que é amor. Homens só se apaixonam uma vez, o resto é diversão.

— Estou falando sério. — Drica me repreendeu. Seu cabelo escuro e liso estava preso em um coque restrito bem no topo da cabeça, de um jeito esquisito. Ela me lembrou um cotonete, algo assim.

— Tá bem. — Reviro meus olhos castanhos. — Não vou encostar um dedo nele.

Se o Fabrício tivesse interesse, eu faria sexo selvagem com ele seis vezes seguidas e não cansaria nunca. Quero saber se seriam mesmo todos os orgasmos nota máxima, como a Leila relatou... mas além de ser uma regra do Clube das Desapaixonadas mandar a bota depois da primeira noite (antes que eles nos chutem), todas nós sabemos que o Fabrício só tem uma ereção quando se trata da Leila. Não estou falando em sentido figurativo. Os boatos estão circulando pelos bastidores e isso algum dia ainda vai fazer mal à carreira dele.

Francamente não sei o que deu na cabeça da Leila que ela trocou esse pedaço de maucaminho com pimenta pelo Bernardo... tudo bem, sei que o Bernardo consegue ser fofo quando quer, mas não dou seis meses para ele cansar de brincar de "casinha" com a Leila. Sim, ele vai cansar, o Bernardo se cansa das garotas que começa a namorar, todas elas. Quando isso acontecer, eu não vou consolar a Leila, vou dizer "eu avisei".

— Acho bom mesmo. — Drica diz.

— Adriana? — Fabrício a chama e ao ouvir o nome da minha amiga ser pronunciado assim, me causa até um estranhamento. Todo mundo chama ela de Drica, até esqueço que o nome dela é "Adriana". Mas pensando bem, é um nome tão sério quanto ela.

Nós duas olhamos para ele, que já tem um copo de whisky na frente e balança duas chaves no ar. Drica estende a mão, mas ele puxa.

— Tem certeza? Ainda dá tempo de desistir. — Fabrício sorri, de um jeito que faz qualquer mulher querer baixar as calcinhas. Deve ser alguma poção mágica que celebridades tomam.

— Deixa de ser intrometido, pirralho! — Drica precisa se erguer, dobrando o corpo por cima da mesa e pelo sorriso sacana que o Fabrício deu, acho que ele olhou para os peitos da minha amiga. A Drica está com um vestido balonê cor-de-rosa, tomara que caia... bem, para o colar de pérolas dela foi que ele não olhou. — Eu tenho certeza absoluta e o Dudu já está melhor.

Suspiro. Não estou de acordo com a decisão da minha amiga e pelo erguer de sobrancelha de Fabrício, ele também duvida. A Drica perdeu o juízo!

Ela conheceu o Eduardo (ou Dudu, como nós o chamamos) numa revista que trabalhamos juntas e ele prometia ser um partidão, mas o babaca não passava de um viciado que não vale nem um centavo.

Quero sacudir a Drica e dizer que é maluquice ir morar com o Dudu no apartamento que o Fabrício está oferecendo para eles, como um incentivo ao maluco casamento que eles querem ter. Acho que depois da Leila o Fabrício perdeu noção das coisas, a palavra "casamento" parece ter um efeito esquisito nele agora.

— Se você diz. — Fabrício solta a chave, finalmente.

— Você já tirou todas as coisas de lá? — Pergunto. Fiquei de ajudar a Drica a arrumar o apartamento para ela e o Dudu, mas seria horrível encontrar uma camisinha do Fabrício por lá.

— Já. As últimas caixas tirei hoje, antes de vir pra cá.

— E onde você vai morar agora? — Drica pergunta, alcançando sua bebida. Ela sempre toma espumante, mas o Chandon Rosé é exclusivo para assuntos do Clube!

— Depois vejo isso. — Fabrício dá de ombros e um enorme gole no uísque para escapar da pergunta. Pelo pouco que conheço sei que ele moraria dentro do carro ou do estúdio, sem se importar.

— Não queria te atrapalhar. — Drica já está com a voz embargada, querendo chorar. Ela inclusive abaixa a cabeça e coloca a mão na testa, triste.

— Não atrapalhou. — Fabrício não aguenta ver uma garota chorando e oferece seu apoio tocando no ombro da minha amiga. — Tenho uma turnê pela frente... não se preocupa.

— O-obrigada! — Ela o abraça.

O drama que a Drica está vivenciando me irrita um pouco e por isso engulo toda a minha margarita e já peço outra. Ela embarcou nessa por vontade própria e como estou proibida de falar mal do Eduardo para ela, me resta beber! Fico ali ouvindo a Drica dizer como foi ver o Eduardo, parece que ela foi de tarde na clínica de rehab e ele estava bem, coitada... está tão positiva... e o Fabrício ao invés de dizer alguma coisa útil, que abra os olhos da minha amiga, apenas diz que Dudu tem sorte de ter alguém como Drica para cuidar dele. É um bla bla bla samaritano sem fim.

A Drica não precisa dar uma de Pollyana sabe...

Lá pela minha quinta margarita eu grudo os olhos com um rapaz lindo no meio do bar, em outra mesa, conversando com os amigos. Como não tem só homem na mesa, acho que não são gays e posso tentar me aproximar. É exatamente isso que farei! Vou a caça, Drica e Fabrício estão conversando sobre dinheiro e eu não tenho o menor interesse em quem vai pagar as contas do Eduardo, o tratamento, os remédios e o que mais precise ser pago.

Acho que um homem tem que saber se sustentar sozinho e a Drica merece alguém mais centrado, como ela. Infelizmente minha melhor amiga, independente, dona de um respeitável chicote, se dobrou por inteiro por esse ex-viciado. "Ex-viciado" é estranho, não sei se na prática, isso realmente existe. Ai, só espero que minha amiga não acabe sofrendo mais... a Drica é tão boa pessoa e já sofreu tanto com seus namorados que dá pena... a vida não tem sido fácil para ela nesse quesito.

Meu alvo percebe minha aproximação, vou andando com dificuldade sobre meus saltos. Passo a mão pelos cabelos em um flerte, abro um sorriso, ele sorri também. É um sorriso razoável, mas pelo volume da calça, acho que consigo dele um orgasmo nível 3! Ele é alto, tem cabelos loiros e olhos verdes, alto, forte... um Deus grego.

— Oi. — Digo.

— Oi... — Ele se inclina um pouco para me ouvir. A camisa está desabotoada e consigo vê-lo engolir em seco, meio nervoso. Eu tenho esse efeito nos homens. — Eu me chamo Igor e você?

— Ruth. — Os amigos dele ficam nos observando, é uma sensação incômoda para a maioria das mulheres, mas eu gosto de atenção. Sorrio, ele sorri para mim de novo.

Meu vestido curtinho se encarrega do resto e eu passo bastante horas na academia para torneir minhas pernas. O gato na minha frente coloca a mão na minha cintura e observa meu corpo com um olhar lascivo.

— Oi Ruth. — Ele repete meu nome e gosto do jeito com que ele pronuncia, mas acho que estou um pouco bêbada, me inclino para trás.

Ele me segura mais firme e beija a minha boca, é uma delícia. Gosto de álcool, do jeito que eu gosto. Sua barba está raspada, mas deve ter feito logo de manhã, ele arranha todo o meu rosto de um jeito que me deixa louca.

É um show de amassos que promovemos para todos os que estão no bar. Ele me segurava com força, passando a mão pelas minhas pernas, quase como um passo sensual de tango. Ele me beijava e eu queria mais.

— Uau, gata, você assim é muito quente. — Ele arfa.

Eu abro um sorriso e ele me tira dali do meio do salão. Tento avistar a Drica ou o Fabrício, mas não os encontro mais. Só falta terem ido até o apartamento fazer uma checagem ou medir o espaço para o fogão me largando aqui sozinha! Odeio quando a Drica sai sem avisar e ela faz isso bastante. Inclusive, ela leva meu celular na maior parte do tempo.

Acabamos indo nos amassar mais ao fundo do bar, onde tem um lounge com poltronas mais vazios. Igor se recosta no apoiador e me coloca de frente para ele. Nos beijamos mais e mais, de jeito ardente. Minhas mãos exploram todo o seu corpo com tesão. Ele é musculoso, deve ter um tanquinho admirável. Eu quero esse homem já.

Algo me confunde por uns segundos. Duas mãos começaram a acariciar meus seios e percebo que tem mais um homem atrás de mim, igualmente forte e gostoso como Igor, mas sem a menor permissão para me tocar. Consigo sentir o que ele tem entre as pernas contra o meu bumbum e ele está muito excitado. Que cara louco!

Descolo a boca de Igor e encaro o segundo elemento atrás de mim. Moreninho, alto e forte, como um jogador de basquete. Gosto de negros, mas não assim, se intrometendo onde não são chamados. Ele tem uma barba escura e enrolada, como seus cabelos e quer muito arrancar minha roupa, inclusive demonstra isso passando o dedo pela alça do meu vestido, querendo tirar.

— Peraí, que isso? — Pergunto, afastando-me de Igor e ele me segura em seus braços fortes.

— Meu amigo Felipe. — Igor sorri sendo um safado.

— Eu não faço dois... — Que abuso! Como assim ele chama o amigo sem me perguntar antes? Não quero dois caras, quero um!

— Relaxa gata, você vai gostar. — Felipe encosta a boca macia em meu ombro, deslizando um beijo até meu pescoço que me arrepia, mas ainda não quero ele aqui.

— Sai. Para... — Digo, mas logo preciso me concentrar em Igor, enfiando a língua entre meus peitos, a alça do meu vestido foi tirada, ele explora o bico do meu seio direito. Tenho que segurar sua cabeça. — Para.

— Shhh, eu sei que você gosta. — A língua de Felipe vai parar dentro da minha orelha, sua mão direita na minha perna e a esquerda está tentando acesso para dentro da minha calcinha.

Igor também tenta acesso pela minha calcinha, do outro lado. Quatro mãos por mim.

Um alarme soa na minha cabeça e a adrenalina rouba um pouco da minha bebedeira, quando percebo que eles não vão parar. Viro o rosto, escapando de um beijo, empurro Igor para longe com mais força, mas Felipe segura em meus braços.

— Calma, gatinha... — Ele sussurra e Igor lambe o bico do meu seio de novo. Ai, socorro. Alguém me ajude, agora!

#2 GUARDA-COSTAS

— Ela disse para parar, cara você é surdo? — Meu salvador separa Felipe e Igor do meu corpo.

Eu olho para ele por um breve momento, olhos azuis, cabelos loiros lisos que batem no ombro... uau, que gato! Ele está usando uma camiseta preta e jaqueta jeans, bem alinhada em seu corpo escultural. Sou empurrada para trás dele, protegida como um tesouro. Fico meio besta, ele me parece familiar de alguma forma... Da onde conheço ele?

— Não se mete, mano. — Igor empurra meu salvador no ombro com violência.

— Sai daqui, meu! — Ele revida.

Tudo é muito rápido.

O desconhecido soca o nariz de Igor que cai para o chão, mas Felipe o segura. Grito assustada quando Igor chuta o desconhecido. Que injusto, são dois contra um! Não vale! A luta é interrompida por outro cara, dessa vez um moreno barbudo de cabelos curtos e regata preta interfere, chutando Felipe para longe, mas tem dificuldade em conter a fúria de Felipe, entrando rapidamente em desvantagem. As coisas perdem o sentido na minha cabeça quando a briga acaba com uma garrafada dada na cabeça de Felipe, que cai no chão, sangrando, gritando e fica mais putto ainda.

Somos colocados todos para fora e chamam a polícia, é por isso que eu deixo o cara barbudo me tirar dali rapidamente, atravessando a rua e entrando em um estacionamento. Sinto tontura, minha pressão desce, acho que vou desmaiar.

— Merda, que isso?! — Alguém fala, escuto tantos gritos que é difícil distinguir a voz.

Sou empurrada para o banco de trás de um carro e alguém se senta do meu lado. As portas da frente fecham. Não vi a marca do carro, só que ele era vermelho. Droga, eu não devia ter bebido tanto... fecho os olhos, o carro começa a andar em solavancos, jogando de um lado para o outro. Isso me enjoa muito forte.

— Que porra, Mathias, você perdeu a cabeça! — É uma voz que nunca ouvi, mas me faz abrir os olhos.

Encaro a janela do carro, as luzes dos postes, a garoa paulista. O carro joga pra direita e sinto solavancos. Meus olhos caem no banco do passageiros da frente, posso ver o rapaz barbudo que me tirou do bar e me levou até o carro. O barbudo se estica gritando em susto, acho que alcançando o volante e fazendo o carro jogar para a esquerda.

Ai, acho que vou vomitar!

— Puta. Que. Pariu! — Outra voz. Dessa vez bem do meu lado. — Se bater vai ter que pagar, filho da puta.

— Não vou bater, merda. — Ai, para o carro, vou vomitar. — Eu me sento, tonta, enjoada, pronta para vomitar. Minhas duas mãos nas têmporas. Não consigo focar o olho em nada, tudo está borrado e turvo, talvez dobrado.

O carro guincha, freando de repente, o solavanco só machuca meus estômago. Nem dá tempo de abrir a porta e eu vomito todas as minhas margaritas em cima de Fabrício, na sua calça brega vermelha. Ewww.

— Que merda, Ruth! — Ele me xinga atônito, com a calça toda suja. Ainda bem que eu não comi nada, senão ele veria o que era um

vômito de verdade. — Vá se foder! — Ele está putado e abre a porta do carro, saltando no acostamento. — Que merda! — Grita ainda lá fora com as mãos para cima, de forma dramática.

Peraí, eu estou no carro com a banda do Fabrício. Então foram eles que me acudiram dos tarados! Com certeza esse é o tipo de escândalo que vai me levar para o BBB! Não é exatamente glamoroso como eu esperava, mas tudo bem.

— Ei, você tá legal? — Cleber parece ser o único interessado em mim, estendendo uma caixa de lenços umedecidos, que com certeza não são do Fabrício, ele é desleixado demais pra esse tipo de coisa.

— Obrigada... — Digo. Que vergonha, que vergonha. Afundo meu rosto.

— Sai daí, Mathias, eu dirijo daqui pra frente, você tá bêbado. — Fabrício fala do outro lado do carro e eu nem vi ele dando a volta.

— Não estamos todos? — Mathias dá risada, divertindo-se, acho que para ele é como uma montanha russa. Ou talvez ele se sinta um herói por ter me salvado.

Cleber liga o rádio e o álbum começa a tocar pegando a música pela metade, provavelmente algo que Fabrício escutava antes de nos encontrar no bar. Acho que é Depeche Mode... Engraçado eu conhecer, não é algo que entra na minha playlist.

Lembro-me de tomar banho com a Leila ouvindo essa música, foi no fim do colegial. Caiu sabão nos olhos dela, eu ri e ela chorou. Quando perguntei o que havia de errado, ela me contou que nunca tinha tido amigos e eu disse que seríamos amigas para sempre. Sou uma pessoa muito ruim por não ter cumprido a promessa?

A porta do carro abre bem onde eu estou e Mathias me empurra para o outro lado, sentando-se no meu lugar. Ele é muito atencioso, segura meus cabelos, ajuda a limpar a sujeira que fiz e enquanto o carro vai calmamente pela estrada. Tenho a impressão que ele me deu um beijo no ombro, mas posso estar imaginando coisas, minha cabeça dói e roda ao mesmo tempo.

Vamos em silêncio todo o caminho até o hotel cinco estrelas que o Fabrício se hospedou. Eu não entendo, sabe, ele parece pobre, se veste como um mendigo e é montado na grana. O sol está nascendo quando o carro emborca para dentro da garagem subterrânea.

Cleber é o primeiro a saltar do carro, mas ele está tão bêbado que precisa se segurar no carro ao lado. Ele também é bem bonito, de cabelos escuros curtos e olhos castanhos. Como disse, acho que eles tomam poção mágica. Mathias abre a porta, sai do carro e me estende a mão. Quando salto, percebo que perdi um dos meus sapatos, escorrego para frente sem equilíbrio e ele me segura.

Eu me choco contra seu corpo, malhado, forte... ui! Gostei dele no instante em que o vi, além do mais, ele me salvou. Pode ocupar o posto de Guarda-Costas quando quiser!

Não preciso nem passar o convite, ele me segura de um jeito sensual e nossas bocas quase se colam, mas eu me afasto. Não é que quero dar uma de difícil, eu sou uma garota fácil. Mas acabei de vomitar, quase fui estuprada, tipo, acho que já tá ótimo para uma noite.

— Ei, ei. — Corro atrás de Fabrício, que ruma na frente para o elevador. Ele para e me olha sem paciência. — Cadê a Drica?

— Tá na casa dela no décimo oitavo sonho.

Cleber passa pela gente e se adianta, apertando o botão para chamar o elevador.

— E meu celular? Minhas coisas?

— Sei lá... — Fabrício dá de ombros, o elevador abre.

Duas mãos grandes envolvem meus ombros. É o Mathias. Não sabia que ele era sedutor, gosto de homens sedutores e que querem o controle da situação (mas não o possuem). Quando ele me empurra para dentro do elevador, saco que Fabrício está enviando olhar de advogado para cima do amigo.

Mathias também.

— Que é?

Só que Fabrício não fala nada e Cleber acaba rindo. Certeza que ele não quer o amiguinho dele brincando comigo. Não sei, talvez o episódio de hoje tenha dado ao Fabrício a impressão que eu sou uma garota indefesa como a Leila, mas sinceramente, se ele me conhecesse direito, saberia que não.

Isso me dá vontade de dar risada, mas então eu encaro meu reflexo no espelho e estou um lixo: maquiagem borrada e vestido rasgado. Além do mais, perdi um sapato, estou um lixo.

Andamos pelo corredor, estou chorando, mas procuro não demonstrar. Mathias me guia para uma das portas, Fabrício a abre e a primeira coisa que ele faz é se jogar no sofá.

— Você não vai nem ao menos tomar banho? — Pergunto.

Fabrício age como uma criança, tampa o rosto com uma almofada e segura de um jeito que suas mãos ficam em cima dos ouvidos, como se não suportasse minha voz. Viu? É esse traço da personalidade dele que o impede de conseguir a Leila de volta. A Leila não quer um garoto agindo como adolescente e o Fabrício precisa trabalhar melhor nisso para reconquistá-la...

Ei, eu poderia ajudá-lo com isso. Quer dizer, seria algo vantajoso para mim que a Leila largasse do Bernardo. Um estalido me trás de volta à realidade. Cleber se joga no chão mesmo, usando o próprio casaco como travesseiro. Ei, esse cara sabe que tem mais um sofá livre e pelo menos uma cama do outro lado, no quarto? Parece que não!

— Cleber só dorme no chão. — Mathias me responde, lendo minha mente.

Olho para ele de novo pela primeira vez desde que ele se intrometeu na briga. A boca dele está partida, machucada... estou quase encostando os dedos em sua ferida, quando ele se afasta.

— Melhor você tomar um banho.

Ah, não. Ele me chamou de suja. Que ódio.

— Claro. — Como não estou em condições de reclamar e tenho por mim que estou incomodando, dando trabalho, acabo fazendo como ele me sugere.

Vou para dentro do banheiro, onde um conjunto de toalhas já me espera. Lavo meu rosto na pia. Alguém bate na porta e abro. É Mathias que retorna com uma camiseta cinzenta. Espio por cima de seu ombro e posso ver Fabrício e Cleber com cervejas na mão. Senhor, esses caras não cansam?

— Obrigada. — Aceito a camiseta com um sorriso. — Por tudo, quero dizer, não só a camiseta, mas por ter me salvado lá dos caras...

— Não sei se mereço. — Mathias me responde com a voz mole, sensual. — Eu te salvei com segundas intenções.

Uau, que direto. Ele está até sorrindo quando diz isso e eu gosto dessa atitude. Se ele quer brincar comigo, quero brincar com ele também.

— Eu sempre quis um Guarda-Costas como naquele filme da Witney Huston.

— E eu estou doido pra te ver peladinha... — Ele quase me beija, se inclinando em minha direção.

— Mathias! — Escuto um grito.

É Fabrício e posso vê-lo com aquele olhar de advogado de novo. Na boa, não preciso de um irmão postiço com dor de corno agora, que saco! Puxo Mathias para dentro do banheiro e fecho a porta, no instante em que o encho de beijos quentes. Mathias me segura com força, explora minha bunda e eu arranco sua camiseta, gosto muito do que vejo.

Quero nem saber, esse cara é meu.

#3 MANIPULADORES

Foi um orgasmo nível 3.25, acima da média mais nada demais. O problema é que ultimamente meus orgasmos não tem passado do nível 2 com qualquer homem com o qual me deito... e não, claro que 3.25 não me satisfaz, mas é o melhor que consigo no momento.

Acordo de repente com um estalido seco e percebo que estou dormindo de conchinha com Mathias na cama do quarto do hotel. É uma sensação gostosa o calor de seus braços me envolvendo e como sua perna se encaixa na minha, mas provavelmente perdi a hora do serviço.

Levanto da cama, procuro por roupas decentes para sair do hotel, mas não encontro. Coloco meus saltos e passo para a sala de estar, onde Fabrício e Cleber estão escrevendo uma música enquanto bebem, fumam e tocam violão. Que droga, eu tinha pensado em sair sem ser vista por ninguém! Odeio o lance do dia seguinte, aquela esquisitice de que a gente finge que vai rolar um namoro, só que ambos os envolvidos sabem que não vai.

— Bom dia, princesa! — Cleber anuncia com um sorriso divertido, sem camisa... ui que pecado. — Está com fome? Podemos pedir alguma coisa para você.

— Obrigada, mas preciso ir... estou atrasada para o serviço.

Escuto Fabrício rir e tenho que virar a cabeça para encará-lo. Ele solta o braço do violão e busca a cerveja em cima do balcão, segurando o violão com o outro braço. É o único realmente vestido entre a gente, se é que eu poderia chamar o lixo que ele usa para cobrir o corpo de roupa.

— Que foi, pirralho? — Jogo o quadril para o lado e repouso a mão nele, devo estar com o cabelo bagunçado e fato de estar só de camiseta deve ser motivo para ele achar que eu não pegaria um táxi lá em baixo e iria para casa, coitado.

— Hoje é domingo. — Ele lança e minha cara cai no chão, abro bem a boca como se fosse retardada. Esqueci desse detalhe. — E a Drica te ligou, teoricamente você devia ajudá-la na mudança.

— A Drica ligou? Como ela sabe que eu estou aqui? — Fico branca.

— Eu contei.

— E acho que todo mundo já sabe que você está aqui. — Cleber dá risada agora, pelo sorriso que ele me dá, acho que estou mesmo em todas as capas de jornais! Será que consigo ir para o BBB, mesmo? Ando pensando um lance desses como alternativa de vida, já que estou toda lascada mesmo.

— Oh, legal. — Faço, juntando meus cabelos e prendendo-os em um coque.

Vou me sentar no sofá de frente para eles, mas antes, passo pelo Fabrício e roubo sua cerveja. Sinto-me no direito de tratá-lo como amigo, ou no mínimo, posso considerá-lo aliado na batalha contra o namoro da Leila com o Bernardo.

— Isso quer dizer que não posso sair pela porta sem ser importunada por um Paparazzi?

— Eu me preocuparia mais com a namorada do Mathias. — Fabrício diz.

Namorada? Por essa eu não esperava! Eu devo ter um ímã que atrai homens comprometidos, só me envolvo com caras que não são meus e já pertencem a outro alguém. Que merda.

— É, ela é louca. — Cleber acena, mas já se envolve em uma conversa totalmente dele e do Fabrício, que me deixa boiando e livre para beber cerveja azeda. — Lembra aquela vez que ela quase botou fogo no seu carro.

— Acho que de vez em quando ainda tenho pesadelos com isso. — Fabrício responde e como eu, ao invés de pegar uma cerveja para si, rouba a de outra pessoa, apossando-se da de Cleber.

— Eu pensei nisso hoje quando acordei, achei que eu estava pegando fogo. Mas era só calor... — Cleber divide suas nada interessantes experiências de sono conosco. Bocejo, levanto o pé para ficar no sofá e percebo quando ele me olha. Talvez eu tenha esquecido de colocar a calcinha também.

Vejo Fabrício revirar os olhos. Ele simplesmente não suporta o quanto eu sou uma puta, não é mesmo? Babaca! Provavelmente ele fica se mordendo de ciúme transversal, que é quando o cara pensa na namorada fazendo as mesmas coisas ou agindo da mesma forma de uma amiga dela que ele totalmente desaprova e fica revirando por dentro.

— E aí, a nova composição é sobre a Leila de novo? — Pergunto debochada, fingindo interesse na sua composição. Acho algo admirável como ele remói a dor pessoal e a dizima até virar algo do qual ele tire vantagem, enchendo a conta bancária de grana.

É por isso que preciso desse cara como meu aliado. Sei que ele não vai desistir da Leila tão fácil e que vai ter cocar suficiente para entrar no ringue quando o Bernardo deslizar. Fabrício está só esperando um deslize acontecer e eu sei bem como provocar um... ou dois ou três, depende do meu humor...

Ai, eu sei. Pareço uma insana falando mal assim do Bernardo, querendo separar minha melhor amiga dele... mas te garanto que não estou fazendo isso só porque não acho que os dois combinam (mas eu acho que eles não combinam).

Tenho um bom motivo.

— Que engraçada você. — Fabrício não me dá atenção, enfia o cigarro na boca e toca alguns acordes. Solta o violão para anotar algo em um caderno. Alguém aqui duvida que é mais uma música sobre a Leila?

— Você acha que vende mais discos quando eles falam de amor enquanto você está apaixonado curtindo um romance, ou quando está remoendo um chute? — Provoco, conseguindo dele um olhar penetrante. Dou um sorriso cínico. — Só curiosidade!

— Vendo mais discos com qualquer um dos dois. — Ele responde. Uiiii, adoro quando ele fala assim, arranhando a voz. Tenho certeza que é com esse tom que ele goza. Claro que, ao contrário do que vocês imaginam, eu sei que o Fabrício tem dona e não vou relar nele... é mais vantajoso para mim mantê-lo em um patamar íntegro de príncipe encantado para a Leila. Se bem que, tenho por mim que se eu avançasse sobre ele, levaria um fora.

Nem todo homem curte investidas de vadias.

— Hm, desde que sejam sobre a Leila, né?

Cleber cai na risada e recebe um olhar fulminante de Fabrício. Acho que hoje ele está de mau-humor ou alguma coisa em relação a Leila esteja doendo mais que o normal, não sei... senti uma eletricidade no ar nesse momento. Cleber também, por isso ele desvia-se de Fabrício e vai até o frigobar, atrás de outra cerveja geladinha.

Fabrício volta-se para sua música, fazendo os acordes soarem como uma trilha sonora musical perfeita para o movimento de garganta que Cleber faz quando engole. Jesus... que pecado de homem. Infelizmente, não acho que terei a sorte de ter outro orgasmo 3.25... suspiro.

Fico ali com os garotos mais um tempo, acabo até me intrometendo na música do Fabrício e dizendo a ele que frases como “palavras são armas” e “a inocência se perdeu” fazem ele soar como uma banda emo demais. Ele concorda, muda algumas, mas não todas. Cleber diz que precisa voltar para casa e fico sabendo que ele é casado e tem dois filhos gêmeos de três anos... ele me parecia muito novo para isso, mas Fabrício me garantiu que Cleber tem mais de 35 anos e não é o baixista da formação original, mas um músico contratado. Sinceramente, um cara com essa idade, casado e com filhos, não devia ficar virando a noite no chão da casa do amigo e se enfiando em brigas de bar... mas quem sou eu para julgar?

É nesse instante que estou sozinha com o Fabrício que aproveito para inserir o assunto que me interessa. Apoio o braço em seu ombro e retiro uma mecha ondulada de cabelo de seu rosto enquanto ele toma um gole da cerveja que estamos dividindo.

— Todos esses sentimentos são muito bonitos, coisa e tal, mas me diga a verdade... a Leila é assim tão importante para você, ou faz parte de um capricho de um garoto mimado que só perdeu um brinquedo? — Pergunto.

— Minha vida não te interessa. — Ele cospe as palavras em mim, é um mal educado mesmo, e até se afasta do meu toque em seus cabelos, como se eu fosse muito indesejada.

— Mais ou menos. — Insisto. — Eu não tenho o menor interesse de saber de você... — Digo só para que ele saiba que não estou dando em cima dele. Jesus! Essas pessoas centradas em si mesmo são todas iguais, viu! — Mas tenho interesse em descobrir se você pode ser um rival à altura do Bernardo ou não.

Fabrício finalmente solta o copo e me olha, enquanto analisa bem o que eu disse.

— Sou mil vezes melhor que aquele mauricinho.

— Sei que a Leila tem dificuldade de reconhecer. — Ela não tem, só está fugindo de mim com medo de se casar. — Vejo que ele sorri.

Não sei como isso faz sentido, acho que ele está delirando, mas serve. Sei que ele pediu a Leila em casamento, quer dizer, meio pediu, ele disse que tinha intenção de casar-se com ela até que viu ela com o Bernardo, ficou chateado e deu no que deu: eles terminaram e a Leila basicamente se jogou em cima do Bernardo só porque a Drica a obrigou! Te falar, viu... a Drica se mete na vida dos outros achando que todo mundo é marionete! Vá por mim, ela fez o possível para deixar o Fabrício de consciência pesada por causa do irmão para que ele cedesse o apartamento e topasse enviar o irmão para uma rehab.

— Sua abordagem com ela está muito equivocada. — Digo. Ele se interessa na conversa, e eu fico bem feliz com isso. — A Leila sempre quis casar e encontrar o homem perfeito...

— Ela já encontrou, sou eu. — Ele debocha.

— Tá, mas a Leila ainda não percebeu isso. E quero saber se você vai mesmo cuidar da minha amiga quando o Bernardo perceber o erro que cometeu... — Ele me joga os olhos cor-de-mel daquele jeito interessado de novo. — acredite, sei de coisas sobre o Bernardo que deixariam seu cabelo em pé... Mas antes de qualquer coisa, quero saber se posso confiar em você, Fabrício. Se na hora que a Leila precisar, você vai estar lá por ela, para ampará-la... minha amiga não merece sofrer.

— Sempre estive. — Ele faz, quase rindo de mim enquanto acende um cigarro. Traga e solta a fumaça antes de me responder. — Eu amo a Leila como nunca amei outra mulher e vou fazer de tudo para conquistar ela de volta. O Bernardo nem vai saber o que o atingiu.

— E o quão íntegro você quer ser nessa jogada? — Pergunto. Isso é importante, por isso, estou olhando para Fabrício com atenção.

— Não vou jogar sujo, se isso é o que você quer dizer. — Seu rosto inteiro endurece, sei que ele está falando sério e a falta de canalhice nesse momento dá credibilidade ao fato de que ele a ama.

Tudo bem, ele não precisa jogar sujo. O jogo sujo pode ficar inteirinho pra mim. Eu gosto de jogos sujos.

Abro um sorriso, mas não está endereçado ao Fabrício e sim ao Mathias, que cruza a porta de jeans, sem camiseta, com a pele quentinha de um banho gostoso para o qual ele não me convidou.

Mathias beija meu pescoço e rouba minha latinha de cerveja:

— Vem, gatinha, vou te levar pra casa. — Diz. Eu me contorço, com o toque dos seus lábios e fico em pé.

Mathias pega o carro de Fabrício, dizendo que manda alguém vir entregar depois, e eu vou com ele embora dali. Eu sei que uma das regras do Clube é não repetir o prato, mas me perdoem se ao chegar em casa, faço sexo com o Mathias pela segunda vez, dentro do carro. Ele é lindo, sexy e estava muito cheiroso.

Infelizmente dessa vez, o orgasmo com ele não passa do 2.16... Não vejo a hora para voltar a ter um orgasmo nível 5 de novo... mas isso só vai ser possível o dia que eu separar a Leila e o Bernardo de uma vez por todas.

Drica

#1 MUDANÇA DE VENTOS

Abri a porta na fúria e encarei bem Ruth, que vinha na maior cara lavada mais de quatro horas depois do combinado. Ela estava com os cabelos presos para cima em um rabo de cavalo, top de ginástica e legging verde com listras brancas, tênis, ipod pendurado no braço e sem maquiagem.

— Ooooi! — Ela fala sorridente, com o sorriso mais dissimulado das prateleiras do mercado.

— Não acha que tá um pouco atrasada? — Cruzo os braços.

— Mas eu vim, não vim? — Ela me beija no rosto e entra.

O apartamento está uma bagunça, os moveis foram montados logo pela manhã e só preciso mesmo desencaixotar todas as coisas.

— Uau, não pensei que aqui era tão grande... — Ruth observa tudo ao redor e se abaixa em uma das caixas. — Pra que você trouxe seus livros, Drica?

— Vai me explicar o que você estava fazendo com o Fabrício até agora? Eu disse para você não dar em cima dele, não disse? A Leila vai ficar furiosa!

— Hmmm... — Ruth me olha por cima do ombro de um jeito que quer dizer que ela está aprontando. Posso ver a tatuagem que ela

tem na nuca, desde criança, um beija-flor. — Eu cumpri minha promessa, antes que a senhorita pense coisas erradas de mim.

— Não estou pensando nada errado, estou apenas tirando conclusões baseadas no que conheço da sua personalidade. — Eu me sento no meu mais novo sofá de juta e estofado branco, com almofadas verdes. Pelo menos o apartamento do Fabrício é bem legal, no centro, por isso os cômodos são maiores que os apartamentos normais. — Tenho certeza que a briga no bar e o fato de que você estava em quarto de hotel com ele envolve sexo!

— Certamente! — Ruth abre um sorriso e eu coloco a mão na testa. — Mas não como você tá imaginando, boba. — Ela se levanta e se senta do meu lado, pegando uma almofada e colocando entre as pernas. — Fiz sexo com o gato quente do Mathias, duas vezes!

— Uau... e como foi?

— Razoável... — Ela desconversa e desvia o olhar. — Ele tem namorada, então deixa pra lá.

— Ai, Ruth, você sempre se relaciona do jeito mais complicado. Já chega de homens compromissados para você, hora de arrumar alguém que te ame de verdade.

— Ai Drica, não quero cortar seu barato, mas não tem homem que "ame de verdade". —

Ela faz aspas com a mão e já fica nervosa.

Esse papo sempre irrita a Ruth, ela se assume cansada de homens que usam as mulheres... Eu sei que ela teve uma porrada de namorados que disseram "eu te amo" num dia, cheio de promessas e sumiram depois ou arrumaram outras... Mas aí ela caiu nessa bola de neve com um labirinto sem saída dentro: ela sai com os homens

comprometidos, eles fazem promessas falsas e não largam de suas mulheres. Resolveria tudo se ela parasse com isso e encontrasse alguém que desse valor à mulher maravilhosa e independente que ela é.

— Eu também tenho total direito de me divertir com eles! — Ruth completa, enrolando o cabelo nos dedos e sorrindo. Ela está encantada com o Mathias e embora diga que não está se lixando para quando ele não quiser mais transar com ela porque a mulher descobriu, está se roendo por dentro. — E é melhor ser a amante do que a mulher enganada!

— É impossível discutir com você! — Digo e me levanto.

— Você odeia quando tem alguém mais certa que você na discussão!

— Não é nada disso, é só que eu estou certa e você não!

Ela ri de forma escrachada, eu respiro fundo. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... não vou perder o controle. Recupero meu ânimo e junto as mãos batendo-as.

— Vamos ao trabalho? — Sugiro. — Vem conhecer meu quarto, já arrumei!

— Claro, mas me conte... você está mesmo assim tão apaixonada pelo Dudu? — Ruth fica em pé e vem atrás de mim.

Atravessamos a sala com o meu salto estourando contra o assoalho e ecoando nas paredes, ainda preciso pendurar os quadros. O quarto está vazio, tem um tamanho razoável, uma cama no centro, duas mesas laterais, baús de juta na frente com velas decorativas

que farão a diferença para minha primeira noite com o Dudu... Suspiro só de pensar nele. Eu sei, o cara é um canalha, mas eu desisti de procurar por um homem que não traia. Resolvi jogar no mesmo jogo que eles... se o Eduardo me chifrar mais uma vez, vou revidar.

— Estou.

— Eu achei que você queria voltar com o Bernardo... — Ruth me provoca, parando na porta do quarto. — Uau, ficou ótimo, Drica, você já pensou em ser decoradora?

Olho torto para ela. Ruth sabe que eu não quero. Na verdade, eu abandonei a faculdade de Advocacia há pouco tempo atrás depois de todos os eventos traumáticos da minha vida. Não decidi o que fazer, mas continuo com o mesmo emprego, ganhando razoavelmente bem em uma emissora de TV a cabo... e sim, se você pensou que foi atrás de mim que o Fabrício veio implorar por um emprego para a Leila depois de ter causado a demissão dela, acertou. Até mesmo uma celebridade como ele recorre para a cunhada e melhor amiga da ex-namorada quando quer consertar as coisas.

Eu achei que devia algo a ele, se você pensar bem, foi por minha culpa que a Leila terminou com ele e ficou com o Bernardo, então resolvi ajudar (embora a Leila seja uma fura-olho e não mereça!). Ficamos razoavelmente amigos e minha próxima missão é fazer ele e o Dudu se entenderem.
Acho que vou conseguir.

O Dudu gosta mesmo do Fabrício, mas é difícil para ele recuperar esse relacionamento. O Fabrício ainda o culpa muito pela morte do pai. Mas eu entendo do Dudu sabe, deve ser algo realmente insuportável ver alguém que você ama sofrendo e não poder fazer nada a respeito... não concordo com eutanásia, mas realmente não acho que havia outra opção e todos eles só sofreriam mais e mais,

inclusive o Fabrício, que tinha uma esperança delirante de que o pai ia se recuperar... oh, dramas e dramas.

— Eu seria uma péssima decoradora, copiei de uma matéria que você fez para a revista! — Digo para Ruth, que dá risada. Ela sim daria uma ótima decoradora!

— Estou honrada! — Ela faz um gesto, curvando-se, como se estivesse prestes a dançar num baile da corte. Dou risada. — Mas você não me respondeu...

— O quê?

— O lance do Bernardo...

— Oh, Ruth, chega de Bernardo para mim. — Respiro fundo. Meu sangue ferve de ódio quando penso no Bernardo, como namorado, não como amigo. Poxa, ele realmente me magoou, de diversas formas... — Além do mais, ele é um canalha. Acho que a única garota que ele gosta de verdade é a Leila.

— Hm, sei não. — Ruth dá de ombros. Olha para ela querendo saber o que ela está querendo insinuar, mas Ruth volta para a sala. — E você vai casar com o Dudu? Ter filhos com ele?

— Calma, estamos só nos dando uma chance. — Casar e ter filhos agora nem pensar.

O Dudu está voltando da Rehab e tem um longo caminho de redenção pela frente. Ele é um fotógrafo talentoso e pretendo convencer o Fabrício a me ajudar em mais essa... se Fabrício oferecer emprego para Dudu, contratando-o para cobrir com exclusividade alguns shows, seria ótimo. Se o Fabrício se recusar, vou chorar no ouvido da Leila até ela convencer o Fabrício disso. Eu

sou assim mesmo, não descanso enquanto não consigo o que eu quero.

— Espero que dê certo, já cansei de ver você sofrer por homens... mas amiga, não sei, o Dudu é um mulherengo, tome cuidado, tá bem? Você sempre confia cegamente nos piores tipos.

— Se ele me trair, vou dar o troco.

— Uuuh... assim que gosto! — Ruth dá risada e eu acabo rindo também.

*** Respiro fundo quando abro a porta do apartamento e entro com Eduardo, que segura sua mochila. Ele tem cabelos castanhos bem claros, quase loiro e olhos castanhos, muito gato! Ele perdeu um pouco de peso com a rehab, mas agora que estamos em casa, tudo vai ficar bem. Estou muito positiva... e claro, se eu não estivesse, nem estaria me sujeitando a tudo isso.

— Meu Deus, Drica... ficou lindo. — Ele diz encantado com a decoração, seus olhos estão cheios de lágrimas e eu sei porquê.

Nas paredes da sala pendurei duas fotos ampliadas que mais gosto do Eduardo: uma das fotografias é na vertical, tem fundo cinza. Retrata uma modelo negra e está coberta de pétalas de rosas coloridas, demonstrando só um pouco de pele. Acho uma verdadeira obra de arte e Eduardo ganhou um prêmio menor por ela, motivo pelo qual uma fotografia sua não é das mais baratas... ele saiu com a modelo, como faz com todas, mas como a fotografia data de um período anterior ao vício em cocaína, creio que vai fazer com que ele se lembre do porquê precisa continuar limpo: a criatividade dele é muito melhor sem drogas.

Outra foto eu gastei uma grana para restaurar e implorei para uma amiga fotógrafa me ajudar. É uma fila de elefantes andando por um vasto pasto, creio que foi em um safari, já que é possível ver

Eduardo e Fabrício adolescentes de mãos dadas com sua mãe e seu pai, andando junto com os elefantes. Eu tirei de um álbum de família que o Eduardo jogou dentro da privada depois de uma briga com Fabrício, estragou metade das fotos, mas consegui salvar algumas e essa é certamente a melhor, parece que foi um tio deles que tirou e é para ele lembrar que família é importante e não desista de se aproximar do irmão por mais difícil que seja.

A decoração, em um resto é bem simples. O conjunto de sofás de juta que falei anteriormente é o grande destaque, mas a Ruth me ajudou a montar o rack de televisão e decorá-lo com vasos verdes e garrafas de vinho com flores falsas, ficou tão lindo! E romântico, do jeito que gosto...!

— Você precisa ver nosso quarto antes, amor! — Digo, puxando-o para dentro de casa. Passamos pela porta e ele tem a ampla visão do que pendurei em cima da ama. A Ruth que montou para mim, uma série de porta-retratos individuais com fotos nossas, mas que a Ruth grudou um no outro fazendo uma espécie de obra de arte. Ela que me ajudou a pintar a moldura no tom de laranja certo. (Sim a sala é verde, o quarto laranja e vermelho).

— Ficou ótimo. — Ele me toma em seus braços. Ficamos um olhando para o outro e posso sentir a fragrância de verbena que ele usa.

— É para dar sorte no nosso recomeço. — Digo, sorridente.

— Com uma mulher como você, sou o cara de maior sorte nesse planeta. — Ele me beija, enfim. A barba roçando em meu rosto de um jeito sensual.

Enlaço minhas pernas em Eduardo, ela me segura firme e me conduz até a cama, onde nos beijamos intensamente antes de que eu precise alcançar minhas algemas, para estrear a nossa nova

cama.

Nesse exato momento, tenho certeza que existe sim conto de fadas e um felizes para sempre. Estou intensamente feliz!

CONTINUA EM O CLUBE DAS DESAPAIXONADAS 2

SOBRE A AUTORA

Mariana Mello Sgambato é formada em Comunicação Social – Produção Editorial na Universidade Anhembi Morumbi e possui diploma em Criação de Roteiro para Produções.

Ganhou concursos literários nos anos de 1994-95-96, teve um roteiro de rádio premiado e produziu um curta-metragem independente na faculdade.

“Beijos & Batom” foi publicado em 2012 na 22ª Bienal do Livro em SP. “Lembre-se de Morrer” tem lançamento previsto para 2014. Ambos pela Editora Tradicional Modo.

Outras obras da autora:

Escrito em Linhas Tortas (Sebo da Esquina #1) Ifrit: O veneno
(Sebo da Esquina #2)
Clube das Desapaixonadas (1 e 2)
Encanto de Boreus
Programado para Amar
Objetos cortantes e outras formas de se machucar alguém
Apaixonada pelo garoto nerd

Contato

Twitter: @beijosebatom

Wattpad: CupcakeCookies

www.marianamellosgambato.com